SHOW BIZ

você vai suar!

ESTA É A NOVA BIZZ

5561/1 • ANO 11 / Nº 1 • EDIÇÃO 126 • R$ 4,50

EDITORA AZUL

o NIRVANA na lata de lixo

Exclusivíssimo:
Descobrimos o namorado brasileiro de FREDDIE MERCURY

HUMBERTO GESSINGER: "Sou grosso e doce"

o milhão come-quieto do SKANK

sabrina esquenta o verão

MTVsão

"O céu é só uma promessa..."

JÁ À VENDA
EM CD E K7

RCA

BMG

Simples de Coração

Novo disco do
Engenheiros do Hawaii

14 canções inéditas,
incluindo "A Promessa"

Inteiramente gravado, mixado e
masterizado em Los Angeles

Produzido por Greg Ladanyi
ganhador de 9 *Grammys*

DISCOGRAFIA COMPLETA DISPONÍVEL EM COMPACT DISC

SE FALTAR HELLMANN'S, GRITE.

AAAAAAAAAAAAAAH!

A VERDADEIRA MAIONESE.

pauta

FAUSTO FAWCETT 38
em 'love' com chacrete

VILLAGE PEOPLE 44
Enrustidos no Brasil

O lado sensível do legendário bigode: FREDDIE MERCURY amou um brasileiro!

28

O engenheiro em casa HUMBERTO GESSINGER 32
abre a porta e o coração gaúcho

40 BJÖRK
A Elis Regina da Islândia

54 TATOO
Quem tem os ídolos tatuados no corpo

56 GARBAGE
O produtor do Nirvana mostra seu lixo

60 RAS BERNARDO
O homem que deixou o Cidade Negra

64 VAI QUE É SUA
A festa do público nos festivais

SEMPRE EM SHOWBIZZ

3 CANAL BIZZ
Saiba por que os leitores ouvem samba

10 BIZZES
- Madonna vomita
- Chico Science grava com gringo

68 PLAY
A volta dos Titãs, Passengers e Renato Russo

76 REPLAY
Beatles, Stevie Ray Vaughan e o gênio Bola de Nieve

88 +BIZZES
Mick Jagger detona Brian Jones e Fred 04 fala sobre o novo Mundo Livre

90 DISCOTECA BÁSICA
Expresso 2222, de Gilberto Gil, o favorito de Roberto Frejat, do Barão Vermelho

MALCOLM McLAREN 62
O pai do punk cospe pra cima

48 UMA LOUCURA DE VERÃO
Sabrina, a nova atração da MTV

MILHÃO MINEIRINHO 22
O REPÓRTER BIZZ segue os passos do Skank em sua discreta trilha das milionárias vendas de discos

foto de capa: ANDRÉ SADER

ON A geração 90 do pop brasileiro virou gente grande! Devagarinho, show após show, sorriso após autógrafo, o Skank fez seu segundo álbum *Calango* atingir a marca de 1 milhão de cópias vendidas. Isto exigia uma comemoração, ainda que mineiramente disfarçada: daí o infame milho grande que o vende-quieto Samuel segura na capa. E, como festa tem de incluir mulher bonita, raptamos também Sabrina, a sucessora de Cuca na MTV, para calientar esta edição de verão.

Nosso incansável editor-assistente Robert Halfoun se enfronhou Brasil adentro com os marmanjos do Skank. No jatinho do grupo, o rapaz sofreu com turbulências e estranhas despressurizações, mas valeu pela simpatia. Em Munique, na Alemanha, descobrimos Dennis Winits, um brasileiro que conheceu lados desconhecidos do saudoso Freddie Mercury e que pôde contar para a gente o quanto era sensível nosso bigodudo herói. No Rio, Hélio Muniz penetrou feito Lee Marvin na casa do caramujo Humberto Gessinger. E tirou da concha de ironias um gaúcho simples de coração. Espero que tenha ficado bom de ler na prata.

Aquele abraço campeão.
Pedro Só

CLIP DA CAPA
"Ah, se ela me desse bola..."

Sabrina se maquia e a turma toda confere

Sirinho, o autor desta maravilha de milhão

Sabrina, Samuel e Robert Halfoun juntinhos

A equipe de MTV registrou o evento

O fotógrafo André Sader testa a luz da estrela

Canal Bizz

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma.

SHOWBIZZ • AV. NAÇÕES UNIDAS, 5777 CEP 05479-900 • São Paulo - SP

TITÃS E RENATÍSSIMO

A matéria dos Titãs foi TIIITÃS! Idem para o sublime Renatíssimo. Tudo que vem do Russo, musicalmente falando, fica bem legal.
Jonas Gomes Silva (São Paulo, SP)

BON JOVI GAY?

Se o Bon Jovi é gay, é por pura opção dele e nós, fãs do cara, não temos nada a ver com isso. Além do mais, acho que o Bon Jovi não é nenhum Anthony Kiedis.
Marcela Castro Da Silva (Mosqueiro, PA)

Por que vocês não fazem fotos sensuais com homens? Por que tiraram a coluna *Ouça Essa*? Se vocês não publicarem nosso fax, vamos invadir a redação!
Tati Kay Tyler e Bibi Fomfom (Belho Horizonte, BH)
PS. Temos provas irrefutáveis de que o Bon Jovi é gay.

A coluna *Ouça Essa* existe, sem nome, ao longo das páginas de *Bizzes*. Homem pelado, volta e meia aparece. Quanto a invadir a redação, cheguem mais, meninas! Mas não esqueçam de trazer as tais provas de que o Bon sapateia na maionese.

NIRVANIDADES

Ficaria feliz de ver uma matéria com o Radiohead na revista. Outra coisa: vocês poderiam mandar um pôster do Nirvana na próxima edição?
Rafael Sampaio (Itabuna, BA)
Boas idéias, rapaz. Você não perde por esperar.

No ano retrasado, quando Kurt morreu, vocês publicaram uma foto onde se via uma parte da perna dele estendida no chão. Não nos contentamos com isso e queremos mais: se possível, seu rosto.
Karina Cogo e Fabia Vicentini (São Paulo, SP)
Entendemos a curiosidade mórbida de vocês, meninas, mas não seremos nós que iremos dar corda para ela. Contentem-se em ver fotos do cara vivo e, de preferência, feliz. É assim que a gente prefere lembrar dele.

GAÚCHA TRI

Curto heavy, thrash e punk, mas achei tri vocês continuarem colocando outros gêneros na revista. Queria pedir matérias com Ramones, Led, Pink Floyd, Sex Pistols, Rush, Pantera... Aí vai meu endereço para correspondência.
Alexandra Garcia Freitas - Rua Francisco Carmona Rosales, 30 - Camaquã, RS - CEP 96180-000

MAMONÓFILOS X MAMONÓFOBOS

O leitor Anderson Quadros, de Porto Alegre, escreveu que os Mamonas Assassinas deveriam ser apedrejados e dividiu a rapaziada.

Anderson, os Mamonas podem ter enterrado a gramática, mas ressuscitaram o bom humor e trazem alegrias para todos nós!
Karine Weirs (Curitiba, PR)

Os Mamonas Assassinas são racistas e ridículos ao extremo. Vocês deveriam ter colocado aquela gracinha da Clara Moreno no pôster.
Marco Aurélio Paes (Valinhos, SP)

Um peido bem fedorento na cara dos fãs dos Mamonas. Deixem de ser otários.
Paulo Alberto Moraes (Lorena, SP)

COURTNEY BOLA DENTRO

Mais vazada que a defesa do Vasco, só a zaga da Courtney Love. É bola na rede.
Bruno Paschek (São Luis, MA)

DO JAPÃO

Sou leitor antigo e achei legal a mexida que vocês deram na revista. Ficou dinâmica e igual ao que de melhor se faz no mundo no gênero, mas acho que há coisas que precisam melhorar. O ensaio "O futuro é uma viagem" foi duro de engolir. Quanto a Dora Vergueiro, acho que é uma tremenda gata e merece ensaio na *Playboy*. SHOWBIZZ deveria ter esperado ela gravar um disco. Abração nessa redação-zona.
José Carlos Romero (Yokohama, Japão)

GREEN DAY PRA QUEM?

Sou fã do Green Day e não acredito que o Billie Joe esteja envolvido com movimentos gays! Estou superdecepcionada! Vocês têm certeza ou isso é só um boato?
Thais Albuquerque (São Paulo, SP)
Cara Thais: na sigla GLS, Billie Joe ficaria com o "S", ou seja, simpatizante. O menino é casado, tem um filhinho e simpatiza com o movimento e as bandas gays. E isso não tem nada demais, não é mesmo?

INCURÁVEIS

Lhes-faço (sic) tomar conhecimento do The Cure A Fanzine, revista de circulação nacional dedicada a banda The Cure. Me seria de grande apreço uma vital menção sobre o mesmo na revista SHOWBIZZ. Para se cadastrar, envie nome, idade e endereço completo para Av. Osvaldo Costa, 582 - Osasco, SP - CEP 06288-040.
Wilson Simon (São Paulo, SP)
Não se assustem com a linguagem formal: o fanzine é ótimo e filiado ao serviço oficial de informações sobre a banda. Através dele, você pode até enviar suas próprias perguntas para os integrantes do Cure.

ENGENHEIROS

Gostaria de parabenizá-los pela nova revista. Mas o que mais me encantou foi uma matéria que fez meu coração parar, parar mesmo! Engenheiros do Hawaii. O tempo passa e as coisas mudam muito. Eu curto eles há muito tempo, só que hoje já tô com 24 anos e não dá mais pra ficar me descabelando. Mas sinto tantas coisas boas em relação a eles, tem tanta coisa que eu queria dizer a eles...
(Adriana Cristina da Silva, São Paulo)
Então corre logo pra página 32 e confira nosso entrevistão com Humberto Gessinger.

ROCK BRASIL, MOSTRA A SUA CARA

Estes dez leitores ganharam o livro *Letra, Música e Outras Conversas*, de Leoni: André de Polverel, Luciana de Almeida, Jorge A.L.T., Emerson Rocha, Cleide Raposo, Marco Antonio Conceição, Daniel Ferreira, Cláudia de Oliveira Kuhn, Fábio Orsin, Jailton Severo da Silva e Alessandro Fonseca da Victória. Mas o vencedor mesmo foi o Alessandro. Mês que vem divulgamos os nomes dos outros dez ganhadores.

ESCOLHA SEU MONSTRINHO

O rock está morto: esta frase, dita por Lenny Kravitz, não agradou muito os leitores. Tanto que o bicho escolhido pela maioria das cartas que chegaram foi o burrinho.

Lenny Kravitz foi infeliz ao dizer que o rock está morto. No caso, meu bichinho predileto seria o burro.
Ricardo Marcelo Dias (Cotia, SP)

Quando Lenny Kravitz disse que o rock está morto, talvez esteja se referindo à confusão sonora que existe hoje em dia. Quanto aos bichinhos, eu gostei muito do leãozinho, apesar do vampigo também ser legal.
Lindalva P. Dos Santos (Guarujá, SP)

O pensamento de Lenny Kravitz é o mais idiota que eu vi em toda minha vida. Que cara otário, meu! Vocês são loucos de colocar as fotos dele na revista.
Tsã (Blumenau, SP)

NOJEEENTO!

Não acreditei quando vi Keith Richards em pêlo na edição 124. E eu achando que o que ele tinha de pior era o rosto. Nojento!
Kiki Taylor (São Paulo, SP)

PENSADOR DO MÊS

O prêmio vai para o garotão Renato Pereira, de Barueri (SP), que ouviu o avô de um primo falar e repetiu: "A necessidade faz o sapo pular." Mas uma certa Daniela Gomes, de João Pinheiro (MG), ganha com certeza no mês que vem se mandar uma foto. A frase dela: "Ai... ai... ai... ai... ai...ai...ai!!! GOZEI!"

FÃ-CLUBE DO BON JOVI
ACE – The New Jersey Boys
Av. Brigadeiro Luis Antônio, 1930, apto. 21
São Paulo, SP
CEP 01318-900

MADONNA EROTICA FAN CLUB
Rua Parigot De Souza, 700
Arapori, PR CEP 86510-000
P.S. As trintas primeiras cartas receberão uma fita cassete do último disco de Madonna

NEIL YOUNG FAN CLUB
Rua Marian T. Daslowski, 32
Curitiba, PR
CEP 82920-260

FERNANDA ABREU
Av. Bruxelas, 40/201
Bonsucesso
Rio de Janeiro, RJ
CEP 21041-000

EU OUÇO SAMBA, E VOCÊ?

Ficamos felizes com a promoção. Muita gente escreveu e a maioria dos leitores diz que ouve samba, sim, mas critica a forma como ele tem aparecido nas paradas. Marceu Pinheiro, Wellington Almeida, Clélia Mucciolo, Fernando Romero Afonso e Douglas Araújo faturaram as prometidas assinaturas semestrais. A eles, um grande abraço e um ronco de cuíca!

FOTO ROBERTO VALVERDE

O samba é o nosso blues (Cartola, Jamelão, Pixinguinha), o nosso tribal. Só não merecia é essa lacada do sambanejo.
Marceu Pinheiro (Alvorada, SP)

Eu ouço samba, sim, mas o velho samba de Cartola, Chico Buarque, Noel Rosa, Orlando Silva e Paulinho da Viola. O que se vê no mercado do samba hoje são bandas ridículas e música de quinta.
Clélia Mucciolo (São Paulo, SP)

Samba é o som brasileiro. Todos são obrigados a ouvir por causa de sua beleza. E o Metallica é a maior banda de todos os tempos.
Douglas Araújo (Valinhos, SP)

Eu amo samba. Eu amo rock. O que as pessoas criam em suas cabeças é preconceito.
Érika Kodjaian (São Paulo, SP)

Gosto de rock pra caralho, mas de vez em quando curto um samba tipo Bezerra Da Silva e Zeca Pagodinho. Os sambas de hoje não estão com nada, é tudo mela-cueca.
Fernando Romero Afonso (Itaim Paulista, SP)

Samba é a coisa mais chata da face da terra. As músicas são melancólicas e a maioria trata de assuntos chatos.
Valdir Santana (Simão Dias, SE)

AI QUE HORRORA!

Adorei a SHOWBIZZ! Estou mandando esta foto minha em homenagem a banda Crunshed Nation, em especial pro vocalista Giovanni.
Priscila Korr (Jabaquara, SP)

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)
Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Diretora Comercial: Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação: Carlos Alberto Araújo
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Felipe Zobaran
Diretor de Arte: Rodolfo Tuco
Colaboração de Arte: Richard Kovács
Editores: Pedro Só e Sérgio Martins
Editor-Assistente: Robert Halfoun
Repórter: Cláudia Grecht
Editor-Assistente de Arte: Chico Max
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emílio Rondeau
Assistente de Redação: Regina Valbom
Colaboram nesta edição: Texto: Álvaro Costa e Silva, Alex Menotti, Carlos Albuquerque, Carlos Marcelo, Christian Petermann, Edgard Piccoli, Gastão Moreira, Gilberto de Abreu, Hélio Gomes, Hélio Muniz, Isabela Boscov, Isabel Flores, Ivan Mizara, Jaime Biaggio, Jean Pierre Ventaguer, João Montanha, João Ricardo Lima, Lobão Serva, Leila Sterenberg, Luis Henrique Romanholi, Luiz Antônio Giron, Luiz A. Pecora, Paulo Cavalcanti, Paulo Reis, Sylvio Colombo, W.F. Padovani, Zeca Camargo, Zé Lúcio Cardim e Andréa Santos (Produção de Fotos) • **Arte:** Adriano Andrino e Márcia Camacho
Revisão: Márcia Villaça

STAFF EDITORIAL
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Gerente de Grupo: Luiz Carlos Stein
Gerente de Vendas: Afonso Palomares
Gerente de Operações: Reginaldo Andrade
Supervisores de Contas: Maria Luiza Marot, Miriam Horta e Ricardo Santos
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andrea Madrid, Marcelo Cataldi e Rosária Pires
Contato: Marília Hirsh
Coordenadores: Antônio Pernasinotti, José Soares, Mônica Rosetti e Tieko Kuniyuki

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallo
Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Gatti Ponzoni
Gerente de Propaganda: Vasil Zallo

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (**ISSN 0104-1049**, edição 125, dezembro de 1995). **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503, CEP 20030-021, Castelo, tel. (021) 532-0313, fax: (021) 532-1883/1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05065-900 – São Paulo – **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 810-4800, fone (011) 810-5800 (Dinap), pagando com os cartões Visa Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER IVC

Fotolito: Bureau Azul, Proposta Editorial, Promocional
Impressa na Editorial Antártica – Chile

Bizzes

Dinho: bobagens em inglês

'Giant Tits' na BILLBOARD

A *Billboard*, bíblia sagrada da indústria fonográfica mundial, invocou o santo nome dos Mamonas Assassinas de um modo bastante original. Registrou o estouro de Dinho e cia. chamando-os de The Killer Giant Tits. Ao pé da letra, as Tetas Gigantes Matadoras.

PÉ NA BANDA

Michael está saindo fora do INXS

O INXS está prestes a ficar sem vocalista. Michael Hutchence está maluquinho para sair em carreira solo. Já está ensaiando com um novo grupo e começou a preparar uma turnê para promover seu disco de estréia. Tudo em Dublin, na Irlanda, onde passa as horas vagas cozinhando na panela do U2.

Madonna renega o passado e sente pena de Courtney Love

medita que eu gosto

O feitiço virou contra o feiticeiro. O mago Paulo Coelho foi transformado em disco. Como num passe de mágica, o produtor Roberto Menescal fez surgir *Canções Para Um Mago*, um CD baseado nos livros do escritor com músicas como "Brida" e "Lenda Pessoal". O som é viajandão (tem a banda Religare) e as letras, tipo 'no caminho de Emílio Santiago, à beira do Rio Piedra, sentei... e chorei'.

Paulo Coelho virou disco

MADONNA: "MATERIAL GIRL? BLEARGH..."

Tentando impor-se agora como uma respeitável senhora, Madonna anda dando uma de erudita. **"Me espanta ver gente com vinte e poucos anos que nunca leu os clássicos"**, bradou a balzaca, enquanto promovia seu disquinho de baladas.

Esperta, ela não deixou de aproveitar as últimas entrevistas para atingir alvos variados e criar umas polemicazinhas. Sem medo de ser politicamente incorreta, abriu o verbo contra o machismo dos negros: **"Os homens que me trataram com menos respeito foram os negros com quem saí.** Dá para entender por que eles agem assim: crescem sem pai ou sem romance entre os pais, vendo as mulheres serem maltratadas."

Contando uma conversa que teve com a cantora lésbica kd Lang, Madonna chamuscou Mariah Carey: **"O mesmo país que absolve OJ Simpson é o que compra discos de Mariah Carey."**

Courtney Love também levou chumbo. "Sei que ela vai dizer horrores de mim depois que ler isso, mas é verdade: eu sinto pena de Courtney."

Andou sobrando até para a própria Madonna. **"Eu odeio 'Material Girl'. *Bleargh*, me dá vontade de vomitar."**

> *"Eu não tenho dificuldades para encontrar homem: difícil é arranjar um que não seja babaca."*
>
> **Madonna**

Xô, vodu! O Guns está vivo!

Axl Rose e Slash voltaram às boas e espantaram o fantasma do fim do Guns. Os pombinhos estão em estúdio trabalhando no novo disco da banda, ainda sem data de lançamento. O que se sabe é que o grupo só sai em turnê no final de 96, mas antes disso faz alguns showzinhos em teatros pequenos para testar as novas músicas.

Axl está preparando a volta do Guns

love me PRESUNTO TENDER

Passou na TV da Inglaterra: *The Burger And The King* (O Hambúrguer E O Rei, trocadilho com a famosa cadeia de *fast food* Burger King), um inacreditável documentário sobre a alimentação de Elvis Presley. As aventuras gastronômicas do cantor começaram na infância, quando a Depressão obrigou sua família a arranjar proteínas na base da bala. Para comer carne, os Presley matavam esquilos. Conforme teoriza o programa, por conta da dieta pobre na infância Elvis teria virado um adulto glutão. Arrout!

Elvis comia esquilos quando moleque

Bizzes

Olivia teve câncer de mama, mas venceu a doença

Olivia ALIVE!

Olivia Newton-John sumiu e passou por maus momentos, mas deu a volta por cima. A estrela de *Grease* e *Xanadu* venceu, depois de dois anos, um câncer de mama. Agora ela retorna ao mundo do disco com *Gaia: One Woman's Journey*, um trabalho que fala sobre sua experiência na luta contra a doença.

METALLICA PAPAI NOEL

O alucinado Lemmy, do Motorhead, completou 50 anos na véspera do Natal. Ganhou de presente uma festa no famoso clube Whisky-A-Go-Go, em Los Angeles, com direito a show-surpresa do Metallica. Na ocasião, o baterista Lars Ulrich anunciou que o Metallica estava atuando com outro nome: The Lemmies. O bigodão ainda tá com a bola toda no mundo do metaleiro!

Parabéns pra você em ritmo de metal

PROPOSTA INDECENTE

A galera peso-pesado do Inner Circle tasca no corpinho malhado de Dora Vergueiro

Você babou com o visual da gatíssima Dora Vergueiro na SHOWBIZZ de outubro. Os caras do Inner Circle também. E fizeram de tudo para conseguir o telefone dela

São três horas da tarde num restaurante em Sampa e os gordões do Inner Circle ainda nem tocaram na comida. Quem vê o visual roliço dos caras até estranha: apenas bebericam um pouco de vinho e falam com alegria de sua turnê brasileira – a quarta em dois anos, sempre de casa lotada. "Sabe o que mais anima? É ver aquela galera toda cantando 'Black Roses' com a gente", conta o baixista Ian Lewis.

Mas não é só o público brasileiro que encanta os *fat boys* jamaicanos: "Quem é essa Dora Vergueiro?", saliva o guitarrista Roger Lewis. Os outros arregalam os olhos ansiosos pela resposta do repórter e o mesmo Roger emenda: "Vamos fazer uma troca: você me dá o contato da Dora e eu te dou o telefone das filhas do Bob Marley..."

Proposta negada. Sem o telefone da Dora, o grupo agora está num estúdio em Miami gravando o novo disco, que deve contar com a participação do Cidade Negra.

Que P é essa?

Esta tem todos os slogans para dar certo. A banda que estava tocando quando River Phoenix morreu. A banda do dono da badalada casa noturna Viper's Room, de Los Angeles. A banda que se lançou com uma música chamada "Michael Stipe". A banda que regravou "Dancing Queen", do ABBA. A banda de Gibby Haynes, ex-líder do lendário grupo Butthole Surfers. A banda de Bill Carter, que compunha para Stevie Ray Vaughan. A banda de um certo ator bonitinho chamado Johnny Depp. A banda P.

O ator Johnny Depp pegou na guitarra, lançou seu primeiro disco *P*e, é claro, está P da vida

"Reunião dos Beatles? Só se os três encherem um cinzeiro com John Lennon."

Lemmy, do Motorhead

Bono apetite!

Bono anda tomando aulas de culinária

Bono Vox anda tendo aulas de culinária com o chefe de cozinha mais famoso da Irlanda. O pretexto é ajudar numa campanha para salvar o hotel mais tradicional de Dublin, que pegou fogo ano passado. Pra não ficar de fora da *trip* prendas do lar, o guitarrista The Edge resolveu fazer um curso sobre arranjos florais. Um tabloide inglês desmentiu que Adam Clayton estivesse fazendo origami.

Chico, em momento relax, num estúdio no Rio

tem gringo no mangue

Chico Science prepara sua volta, ainda com mais suingue e um produtor americano

Afrociberdelia é, até segunda ordem, o nome do sucessor do badalado *Da lama ao caos*. A Nação Zumbi se mudou para o Rio e se espremeu no Estúdio Nas Nuvens, na subida de uma ladeira no Jardim Botânico, perto da Rede Globo. Mas o globo que interessa a eles é outro - acabaram de voltar de um giro cara-de-pau pela Europa, no esquema Albergue da Juventude.

Os oito habitantes da Nação chegam aos estúdios às seis da tarde e ficam até às quatro da madrugada. Atrás da mesa de som, o produtor Eduardo Bid e o engenheiro de som George Spatta, um americano gordo e barbudinho, organizam a bagunça. "Ele veio ajustar a timbragem, dar uma calibrada no som dos tambores", explica Chico. **"A percussão deve vir mais suingada."** Levar para o disco o peso dos shows também está na pauta, como adianta o próprio Spatta: "Vou fazer eles soarem menos tradicionais."

A banda, que assina a produção com Bid, já tem uma boa idéia do que vai ser o álbum. **"Deve ter mais músicas que o primeiro"**, avisa o baixista Dengue, refestelado numa poltrona enquanto espera a hora de atacar em "Manguetown". A faixa já tinha sido gravada para um CD promocional do Hollywood Rock, mas vai para o disco toda mudada. "Não tava bom. A gente tinha feito na pressa", explica Chico. Sem pressa.

PATINS IN LINE • HOCKEY

ACESSÓRIOS

Blade ICE · OITECH · ROLLER X · CCM · SHOCK DOCTOR · HAMMER · SONIC · GO SPORT · CHRISTIAN · Pro-tec · MYLEC · LAZZY LEGS · KRYPTONICS · TURBINE · LEPOMGAN TRAXART

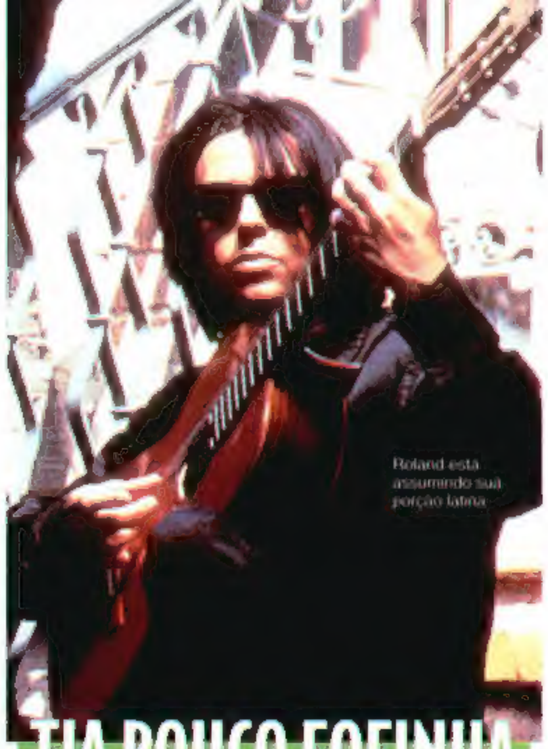
LEPOMGAN comércio de artigos esportivos e papelaria ltda.

PRONTA ENTREGA (ATACADO) FONE: (011) 5561-1677/531-0057/543-4371 FAX: (011) 531-9901

LOJAS: SP: R. AUGUSTA, 2068 (011) 280-0845 / SHOPPING PLAZA SUL (011) 577-7125

RS: PRAIA DE BELAS SHOPPING CENTER (051) 231-7692 / SHOPPING CENTER IGUATEMI (051) 334-1182

Distribuidores: RJ - SPORTING GOODS (021) 240-9771 RS - H&A (051) 230-3211



Roland está assumindo sua porção latina

TIA POUCO FOFINHA

Roland Orzabal, antipático e bem mais magro, explica que negócio é esse de querer ser Rei da Espanha

Os vários anos de terapia encarados por Roland, hoje o "todo" do que era a dupla Tears For Fears, não o deixaram mais simpático e falante. Só o seu último trabalho, *Raoul And The Kings Of Spain*, é que ficou mais cabeça. Da piscina de um hotel em algum lugar do deserto americano, Roland justifica o título do troço. "Quis explorar minhas raízes hispânicas *(seu nome inteiro é Roland Orzabal De Quintana)*. Quase fui batizado Raoul. Meu pai é argentino e minha avó, espanhola." Reticente, Roland enrola na hora de responder se tem saudades do sucesso: "Nunca fui tão bem-sucedido... Só que, desta vez, o meu sucesso é de uma forma mais individualista." Ah, sim... Roland não fala com Curt Smith (o ex-parceirinho) há alguns anos. "A última notícia que tive foi que ele estava estudando para ser clínico psiquiatra."

TOM HOLANDÊS

É coisa do grupo Batida, que nasceu na Holanda em 83 e já lançou três discos em português: *Batida*, *Terra Do Sul* e *Tudo Bem*. Seu vocalista, Josee Koning, acaba de botar na praça um álbum solo produzido por Dori Caymmi, com o título *Tribute To Antonio Carlos Jobim*. O single é "Só Danço Samba", em português mesmo. Parece esquisito, mas, na Holanda, qualquer loucura é normal.

JOÃO BITTAR

Tom tem cover na Holanda

"Eu queria que Eddie Vedder se matasse logo de uma vez."

Noel Gallagher, vocalista do Oasis

Winona e os Genivais

O trio de virtuoses Primus dedicou à atriz Winona Ryder uma musiquinha imunda com um duplo sentido de fazer inveja a Genival Lacerda. O nome é sutil - "Wynona" - e a letra começa assim: "Wynona arranjou um castorzinho marrom /E mostra ele pra todos os seus amigos". E seguem detalhes sobre o cheiro do castor. Em inglês, o fofo bichinho peludo é usado como sinônimo de genitália feminina.

LONDON FEATURES

Bizzes

Duran no Desvio

Amanda e John Taylor: lua-de-mel no N.A.

John Taylor, o baixista do Duran Duran, está frequentando reuniões dos Narcóticos Anônimos para se manter longe da cocaína. Quem entregou foi sua mulher, Amanda de Cadenet, que está aproveitando e indo de carona com ele. John também tem tocado com uma banda formada por Matt Sorum e Duff Mckagan, do Guns N'Roses, Steve Jones (ex-Sex Pistols) e Billy Idol (!!!).

"Os Titãs são a maior banda de rock do Brasil."

Dinho, Mamonas Assassinas

POP ópera FOFONA

De gordo para fofão: Elton John vai gravar um disco com Luciano Pavarotti. Depois de ter feito "Miss Sarajevo", com o U2, o tenor italiano está a finzão de cair na música pop. Sofisticada, é claro. Para este álbum com Elton, o produtor deve ser George Martin.

Elton John vai gravar com Luciano Pavarotti

Ângela no horror

Dia 27 de novembro: o repórter de SHOWBIZZ liga para Angela Ro Ro. Objetivo: marcar uma entrevista. Era aniversário da cantora e a educação recomendava dar os parabéns...

Ângela Ro Ro odeia a raça humana

Alô, aqui é da revista SHOWBIZZ. Estamos te ligando porque queremos marcar uma entrevista.

Ah, não, pensei que fosse a Sônia Braga! Não é a Sônia Braga não?

Bom, eu não sou a Sônia Braga.

Ainda bem que não. Estou puta com ela!

Hoje é seu aniversário, né? Parabéns!

É sim. Quer entrevista, tem que cantar parabéns. Exijo parabéns.

(cantando)*Parabéns pra você, nesta da-ta que-ri-da, muitas felicidades, muitos... ops *(risos)

Ah não, assim não vale. Atravessou. Então não vai ter entrevista.

Mas, Ângela...

Não não não. Eu odeio a raça humana! Detesto gente!

NIRVANA

SINGLES

DE MAIS

INCLUINDO

- 4 MÚSICAS INÉDITAS
- GRAVAÇÕES AO VIVO

CAIXA ESPECIAL COM 6 CDs IMPORTADOS

GEFFEN

LANÇAMENTO NO BRASIL

EM TODAS AS LOJAS

pau na Love

Courtney Love apanhou feio. Foi no backstage de um show do Green Day, quando dava uns autógrafos. Alguns seguranças pediram para que ela deixasse o lugar e, mostrando uma credencial VIP, Love resolveu ficar. Levou a maior surra. Os brutamontes pegaram a viúva pelos cabelos e colocaram pra fora. "Bateram minha cabeça quatro vezes contra uma grade. Depois pediram desculpas. Disseram que não perceberam quem eu era." Dias depois numa entrevista para televisão, Love chorou ao falar de Kurt Cobain, garantiu que não usa mais heroína e disse que tentou fazer um tratamento com Prozac para sair da depressão, mas a droga não fez efeito.

RIP

Courtney Love apanhou feio

Túnel do tempo

ERNESTO BALDAN

Não, não é o Wilson Simonal. É Carlinhos Brown, em 86, muito antes de assumir sua cara pop

Gastão vira monstro

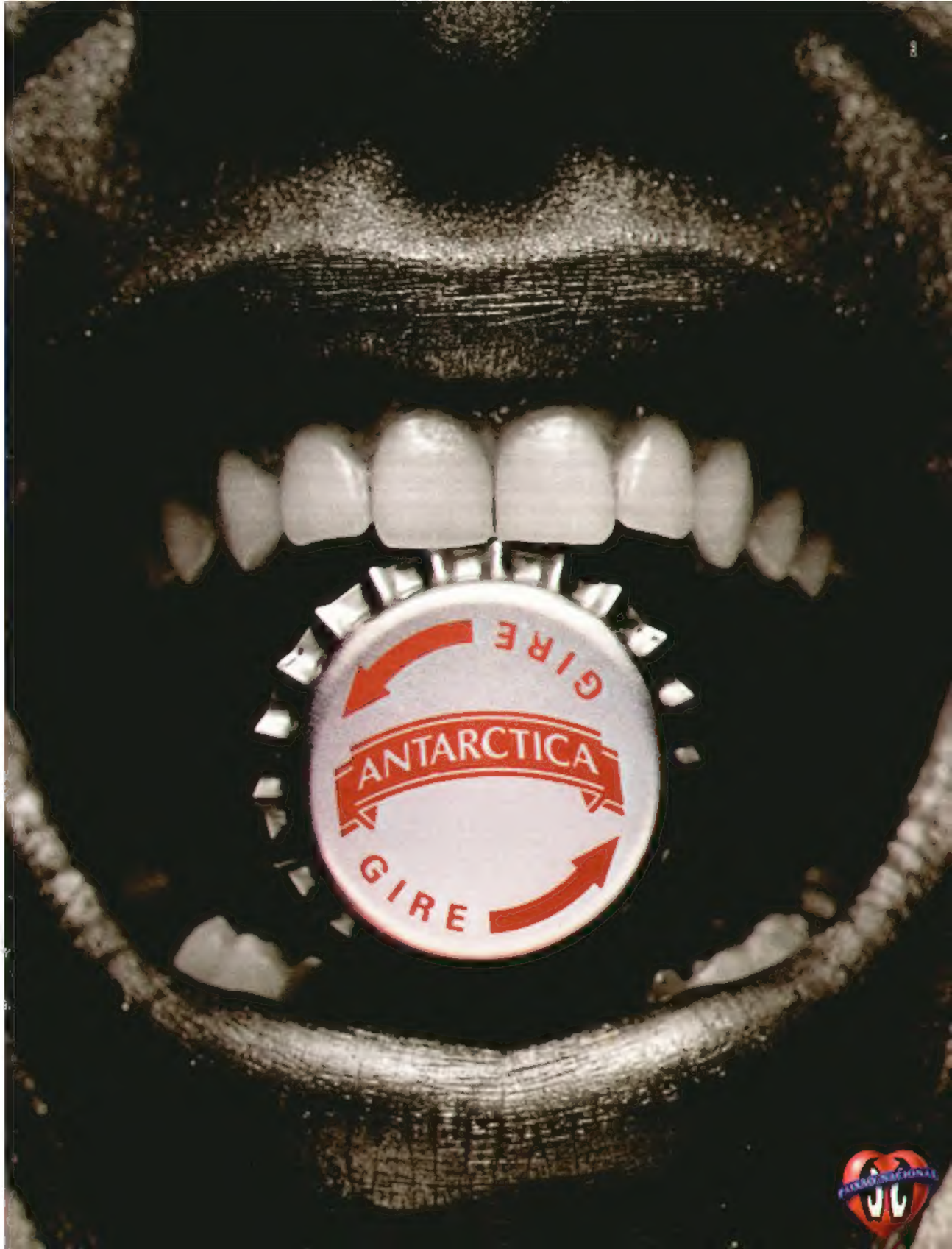
O VJ apresenta suas armas. Gastão Moreira, da MTV, prepara-se para lançar o primeiro disco da banda RIP Monsters. Acompanhado por Johnny Monster (baixo e vocal) e Jeff Molina (bateria), Gastão toca guitarra, faz backing vocal, escreve as letras, compõe (ao lado do baixista Johnny Monster), escolhe as roupas, faz toda a concepção visual do CD e (ufa!) bancou sozinho as 500 cópias de *Atalho*. Então é a banda do Gastão? "À primeira vista, eu sou o chamariz. Mas é só. Depois as pessoas sacam que não é 'a banda do Gastão'. Para mim é um trabalho tão importante quanto ser apresentador, não é secundário. As referências do RIP Monsters vão desde Secos & Molhados e Mutantes até o punk rock de 77, passando pelo psicodelismo dos anos 60."

MARCIO PINTO

Gastão (*à dir.*) é o líder do RIP Monsters

"Se eu não tivesse sido do Nirvana, ninguém daria bola pro Foo Fighters."

Dave Grohl



trem bão

A VJ Sabrina e o mineirinho Samuel vão invadir sua praia neste verão

Grito do fotógrafo buscando uma pose melhor para a foto: "Samuel, bota a mão na cinturinha dela!" O skank faz cara de que nem é com ele e recua: "Qu'é isso... Mão e só no ombro, senão minha mulher me mata." Muito prudente... Mas, mesmo com toda a mineirice, o encontro entre Samuel Rosa e a extasiante VJ Sabrina deixa o cara mesmo doidão (depois de escrever isto, é o repórter quem vai morrer). "Pô, ela é a maior gata mesmo, hein?" comenta o cantor impressionado. "Tem tudo para ser a nova *ídala* da galera na MTV."

Debaixo das fortes luzes do estúdio, Sabrina sua em bicas. "Se ela em trajes de banho tá com calor, imagina eu!", reclama Samuel. Sabrina emenda: "Tira a camisa! Aliás, que camisa é essa, aí?" Samuel responde: "Você já ouviu falar do Valderrama? É um atacante colombiano... Esse uniforme aqui é da Colômbia". "Hummm...", faz Sabrina, interessada. Samuel continua: "Eu devo estar muito comédia aqui. De bermuda com esse chinelão! Tô com pinta e turista argentino em Camboriú... E pra piorar ainda tem essas minhas canelas finas aqui..." Quê isso, Samuel? Você tá *dindjo* (nota do tradutor: em skankês, *dindjo* é lindo).

"Gostei dessa história do milhão, do sorvete-microfone...", conta Sabrina. "Tô achando isso tudo superdivertido. Nunca participei de uma sessão de fotos tão legal", completa. Samuel interfere: "É, mas você tá acostumada... Daqui, sob as luzes, eu não consigo ver quem está atrás da câmera, eles falam umas coisas e me sinto o próprio palhaço."

Pausa para reajustes técnicos e a galera cai de boca no milho cenográfico, feito com balinhas de banana no lugar dos grãos. "Pô, sou fissuradão em milho. Já roubei muita espiga quando era moleque. Tinha até uma gang, Os Corvos do Milharal", inventa Samuel, rindo.

O próximo encontro entre Sabrina e Samuel acontece neste verão, talvez na sua praia. Enquanto o Skank estiver rodando o Nordeste, Sabrina vai correr o litoral apresentando o *Suor MTV*. "A gente se cruza..."

Milhão miNeirinho

O REPÓRTER BIZZ pega carona com o Skank e confere como o grupo chegou de mansinho a 1 milhão de discos

No camarim, pouco antes de encarar a gatíssima Sabrina na sessão de fotos da capa desta edição, Samuel está sem camisa e deixa escapar a barriguinha saliente. "E essa barriguinha aí, Samuel?", sacaneia a representante da gravadora Sony. "Barriguinha? Isso aqui é sinal de prosperidade...", brinca estufando e dando uns tapinhas na dita cuja. Pois é, e tome prosperidade. Em um ano de Calango, sem fazer muito barulho ou estourar feito pipocas assassinas, o Skank alcançou a cobiçada marca de um milhão de cópias vendidas. Já no segundo disco, um representante da geração 90 deixou no chinelo monstros como Legião Urbana, Marisa Monte e Paralamas do Sucesso

É o milhão mais mineiro da história. Come-quieto mesmo. "O disco saiu com 50 mil cópias e já ficamos superfelizes. Me lembro que até tomei um porre por causa disso" lembra Samuel. De lá pra cá, centenas de milhares de cópias depois, as geladas foram trocadas pelos gelados. "Pô, não me comprometa .. Isso é coisa do Haroldo e do Henrique", escapa Samuel. "Esses caras são tarados, chegam nas cidades e já saem procurando bufês que vendem sorvete a quilo

Considerando que o ano *milhonário* do Skank rendeu mais de cento e cinquenta shows, dá pra entender o porquê da barriguinha onde foi parar tanta "prosperidade"

Um pequeno pedaço do bolo acabou numa Harley Davidson e num mico federal do empresário Fernando Furtado. O cara comprou a moto e tomou uma vaca histórica. "Ele não sabe nem tomar um táxi, vai andar de moto e olha só no que deu", conta Samuel, às gargalhadas

As sacanagens e tirações de sarro entre o pessoal do grupo são de lei. O Skank e a galera que os cerca são moleções crescidos que falam 353 besteiras por minuto, cumprimentam-se com tapinhas nas mãos a cada bobagem bem- sucedida e se vestem conforme o espírito deles manda: bermudões e tênis cano alto

Ah, também rolam umas camisas de times de futebol, é claro. A »

No camarim antes de entrar no palco para fazer o último show de 95, Samuel, Haroldo, Lelo e Henrique (*da esq. para dir.*) são só felicidade. Ao todo foram mais de 150 apresentações no ano do milhão

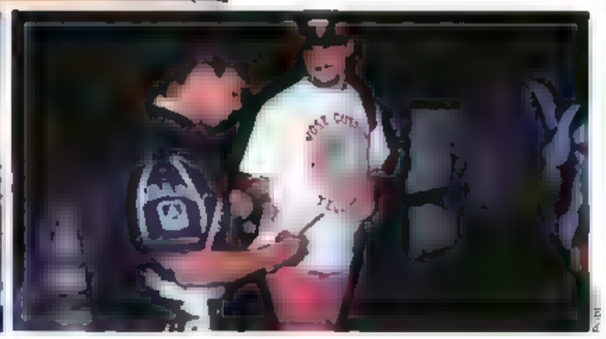
paixão pela bola é unanimidade entre os caras. Chamou para uma pelada, eles estão dentro. E o pior é que eles jogam bem. Levaram o caneco do MTV Rock & Gol na metade do ano passado e meteram duas goleadas impublicáveis na SHOWBIZZ.

O Skank é simples e descontraído, sem nariz empinado. Tudo na boa, é só não pisar no calo deles. "Essa aí você tem que botar na revista: Quem é mesmo esse tal de Marcelo Nova? Ah, não é aquele que morreu amarrado no saco do Raul Seixas?", dispara Samuel. Na SHOWBIZZ de novembro (com os Titãs na capa), uma entrevista de Nova dizia que o Camisa de Vênus tinha voltado porque estavam chamando o Skank de melhor banda do Brasil.

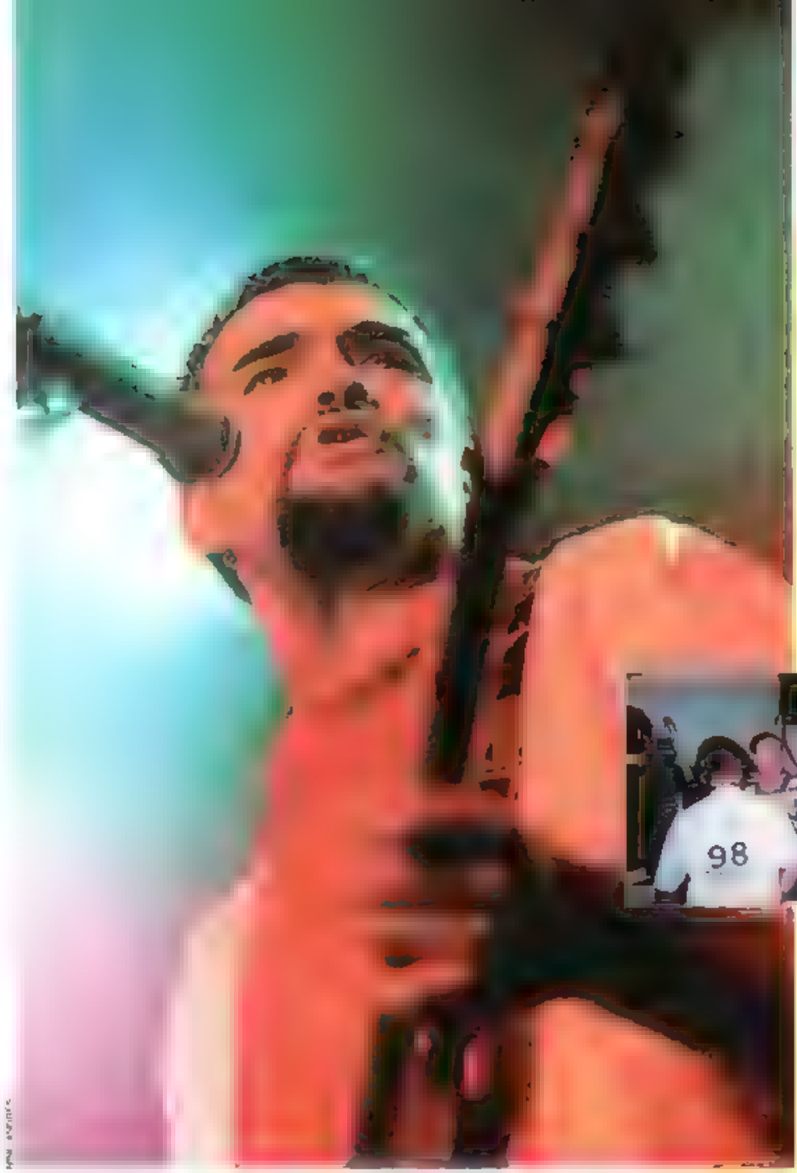
Um dia depois do segundo jogo em que o timeco desta revista tomou a tal goleada histórica, a galera do Skank bate um McDonald's no aeroporto de Cumbica, São Paulo. A banda está indo fazer o último show de 95 na cidade de Montes Claros, no interior de Minas. "Este hamburgão aqui foi pra não ter que comer aquele rango gelado do avião", justifica Samuel, devidamente comido. O itinerário é o seguinte: Sampa, Beagá e jatinho para Montes Claros. A caminho de Belo Horizonte, Henrique lê concentrado o livro de Bill Gates, enquanto o resto da galera se diverte falando sobre a reunião dos Beatles. "Negunho devia estar precisando de grana mesmo", espanta-se o saxofonista e letrista Chico Amaral. "É, ouvi falar que o George Harrison tá falidão mesmo", completa Samuel.

Já no aeroporto de Confins em direção ao tal jatinho, quem leita agora é o segurança da pista: "Cê me da um autografo?", pede a Samuel. "Claro, qual é o seu nome?", devolve. "Alessandra", responde o guarda. "Ih! Qu'é isso rapá?", pergunta. "É que é para a minha namorada", diz o fardado. Tá limpo.

Só o que está meio sujo é o tal do jatinho, uma lata velha a hélice em que cabem oito infelizes. Apertados. É aí que começa a aventura. Pra você ter uma ideia, três manés (o repórter entre eles, é claro) vão sentados de ladinho. A galera toda ri. De nervoso, é claro. Haroldo percebe: "O tempo não tá meio ruim, não?" Até que o aviãozinho decola bem e vai fazendo um vôo decente. Haroldo fuça em tudo e pergunta até se a cor da cueca do piloto influi. E aí que pinta uma nuvem carregada e, meu amigo, o bicho pega pra valer. Se fosse traçado um gráfico da trajetória da lata velha, sairia como um eletrocardiograma. Sai voando Coca-Cola pra todo lado e uma sirene toca ensandecidamente. Passado o sufoco, Haroldo tenta tranquilizar a galera: "Era só um aviso de que o avião estava muito devagar e o trem de pouso não estava abaixado." "É, mas eu senti o piloto meio apreensivo", interfere Chico Amaral, branco feito cera. Samuel pega de pri- »



Acima e ao lado, sente o drama do aviãozinho que arrumaram para o Skank viajar. À direita, o guarda "Alessandra" pede autógrafos para Samuel



Samuel ao vivo (*acima*); (*no detalhe*) Lelo e Henrique dando o maior caô na rádio 98 FM de Montes Claros, em Minas

"Fui Skank por Um dia"

"Exclusivíssimo! Estamos aqui no estúdio da rádio, com a galera do Skank, que faz show hoje à noite aqui na cidade", grita o locutor da maior FM de Montes Claros - cobre toda a região do norte de Minas e sul da Bahia. "E para responder às nossas perguntas estão aqui Lelo, Henrique e Haroldo", completa. Haroldo? O repórter arregala o olho, Henrique e Lelo morrem de rir e botam a maior pilha. Minutos antes o repórter tinha dado uma de gaiato e se fez passar pelo baterista para engrossar o corinho repetido dezenas de vezes: "Alô, Montes Claros – aqui é a galera do SKANK!". Na verdade, Samuel e Haroldo ficaram descansando no hotel e os três patetas saíram para fazer a promoção do show.

"Bom, vamos começar perguntando para o Haroldo...", entra de sola o locutor. E Lelo tenta concertar: "Sabe o que é? O Haroldo tá um pouco rouco..." E o cara: "Quê'isso Haroldo, larga de ser tímido, rapaz!" Henrique interfere: "É que ele tá sem voz mesmo... Também, tô sentindo o sotaque dele meio carioca. Não sei o que aconteceu!" A voz da rádio insiste, a entrevista acaba rolando e só no final é que Lelo resolve abrir o jogo: "Galera, fiquei com dor na consciência. O Haroldo ficou no hotel e é com honra que apresentamos o novo integrante do Skank: o repórter da SHOWBIZZ."

Do lado de fora da emissora, uma multidão aguarda a nossa saída do estúdio e a glória final: eu dei AUTÓGRAFOS!!!

Um show aqui, outro ali, autógrafos e uma goleada de simpatia em todos os lugares

meira: "Tô pensando em recomendar um vôozinho desses pro Marcelo Nova."

Pés no chão. Uma meninada espera os caras na pista, eles param, dão alguns autógrafos e caminho da roça. A cidade é pequena, faz um calor do cão e, até a hora do show, tem entrevista na rádio local e é claro, tempo pra ver o primeiro tempo do joguinho da TV. Dito e feito. Termina o primeiro tempo e correria para o ginásio. "Não pode ficar com frescura. É passar uma musiquinha só e voltar para ver o segundo tempo" alerta Lelo. A passagem é cronometrada, rola "Amolação" e a horda sai correndo para os carros. Lá dentro, janelas abertas, batuque na lataria e o grito de guerra. "Jogo no saguão, jogo no saguão..." No caminho, uma multidão ia para o ginásio. Muita, muita mulher. "Pô, não pensei que Montes Claros tivesse tanta mulher bonita ..", comenta Haroldo entre a gritaria: "Ô, dindja (nota do tradutor linda), cê não quer casar comigo?

Nas horas vagas o Skank encarna o Dr. Penetration, uma banda só de cover que faz a maior suruba com convidados especiais ilustres

A molecagem característica do Skank: gritaria e muita festa para comemorar o fim do último show de 94. "Na falta de champanhe, a gente estoura Coca-Cola mesmo"

Jogo, banho e show. Sucesso. "Quase dez mil pessoas se esbaldam com duas horas só de hits. Tocamos superdescontraídos, foi pra fechar o ano em alto astral!" comenta Samuel no camarim, depois de tomar um banho de refrigerante. "Não tem champanhe, a gente estoura Coca mesmo." Comemoração? Não, não rola nenhuma festinha. Os garotos bem comportados voltam para o hotel, jantam e... todo mundo pra ca-mi-nha. Desacompanhados. Bagunça de novo só no dia seguinte. A tortura sobre asas parte II sai cedinho. No café, um cardápio, digamos, gordurosamente variado. Pão, manteiga e queijo entre salsichas, kibes e frango! "Come aí, bicho. É bom pra ficar forte", incentiva Samuel.

Hora do embarque e... "Cadê o Henrique?", pergunta Lelo. E pinta um gordão, o Pipi, da equipe da banda, explicando: "Ele preferiu ir de ônibus com a técnica. Falou que não se importava com as oito horas de estrada. Eu vou no lugar dele." Ah, não! A fuga de Henrique já tinha dado pinta na tarde anterior: "Sabe, eu não tenho medo de avião. O que não gosto é do stress do aeroporto."

Alguns quilos mais pesado, até que o vôo é suave. Longe das zonas de turbulência, o avião sacode novamente: o problema desta vez é a flatulência de um dos tripulantes. O ar fica praticamente irrespirável. "Tem alguém despressurizando aí?", pergunta Haroldo. "Baixem as máscaras de oxigênio pelo amor de Deus", suplica Chico. "É, algum cachorro deve ter comido os tais kibes do hotel", arrisca Lelo. No final, entre mortos e sufocados, salvam-se todos. Chico Amaral comenta: "Ô, dessa vez não fui eu, mas a galera aqui já tá acostumada com esses ataques de flatulência. Pra você ter uma ideia: eu e o resto da rapaziada dos metais gravamos uma participação no disco do Boi Mamão, lá de Curitiba, e assinamos como Os Flatulentos."

Agora o Skank corre o Nordeste. Em fevereiro começa a pré-produção do terceiro disco, que deve ser lançado em agosto. "É, a gosto de Deus, né?", despista Samuel. A cara do álbum ainda não está definida. "Se o Roberto Carlos faz música para as gordinhas, a gente pode homenagear os flatulentos", diz Chico Amaral. O que se sabe mesmo é que eles vão continuar é correndo atrás do milhão: "Huuum... pamonha doce, papa de milho bem quentinha com canela... É maravilhoso", saliva Samuel.

Tá bonito, tá gostoso... Mas quando rola o ataque de flatulência, sai de baixo

gargantas profundas

No Dr. Penetration, Lelo incorpora Cantinflas; Henrique é Peter North

Haroldão vai de Tom Byron e o empresário Fernando Furtado é Ron Jeremy

Nem nas horas vagas, os skankinhos largam os instrumentos. Limpou a área na agenda, eles encarnam o Dr. Penetration, uma banda de covers. Só que eles adotam pseudônimos-homenagens. Samuel é Gérson Lopes (um famoso sexólogo mineiro), Lelo é Cantinflas (comediante mexicano), Henrique é Peter North (ator pornô) e Haroldo é Tom Byron (outro pornozão). Ah, não dá pra esquecer... Por trás deles, está Ron Jeremy (o empresário Fernando Furtado), o astro pornô que ficou famoso por sua singular habilidade: fazer sexo oral em si mesmo.

Rolam todos os tipos de participações especiais: Lulu Santos, Pato Fu, Toni Garrido, Frejat e Herbert já suaram nessas. Na última grande zorra em BH, até Milton Nascimento entrou no rala-e-rola de um show de três horas e meia. Samuel conta: "Ele estava assistindo, quis subir e fizemos 'Raça'. Se o Bono cantou com o Sinatra, por que eu não posso dividir o microfone com o Bituca?"

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL DENNIS

Freddie Mercury uma paixão nacional

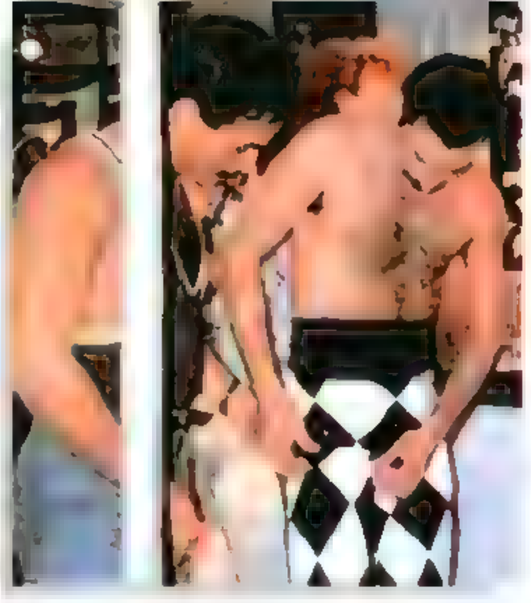
Um ex-namorado brasileiro revela o homem sensível e carente por trás da rainha do rock

por PEDRÃO

Freddie Mercury, rainha louca e hedonista. A imagem do popstar gay que saltitava de festa em festa, promíscuo como uma vira-lata de rua, marcou a vida do cantor. Ele próprio parecia não se importar muito, desde que seus excessos fossem apresentados com o devido *glamour*. Enquanto isso, ia levando uma vida solitária e bem menos dissipada do que se imagina. Quem garante é um brasileiro, o fotógrafo Dennis Rubens Winits, que durante três anos, de 85 a 88, aplacou a solidão de Freddie.

Os dois se encontraram em Munique, onde o cantor morou cinco anos. Dennis, que ainda vive lá, lembra bem como tudo começou. "Foi numa festa, todo mundo de short, bem Andy Warhol. Um amigo meu conhecia o guarda-costas dele. Passei pelo Freddie, ele perguntou quem eu era. Quando soube que era brasileiro, quis me conhecer na mesma hora."

Os shows no Brasil (em 81 e em 85) tinham marcado o cantor. Mas a paixão verde amarela não surgiu à primeira vista

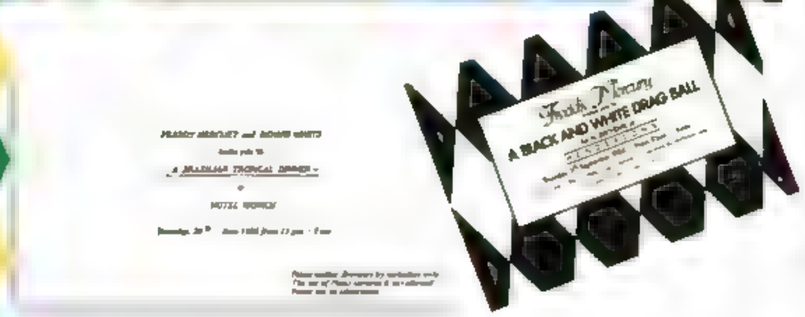


Dennis e Freddie *(na outra página e na foto à esquerda, durante a gravação do clip de "Living On My Own")* tinham bigodes parecidos. "Minha família dizia que éramos como dois irmãos", lembra o brasileiro. Abaixo, cena do clip: Freddie Mercury nos braços de uma imensa drag queen alemã, cantando "Living On My Own"

"Naquela noite, a gente só conversou um pouco. Eu estava nervoso, era estranho conhecer um popstar", conta Dennis.

Mais adiante, Freddie mandou convidá-lo para seu aniversário de 40 anos. "Foi uma loucura! Uma festa de 2 milhões de dólares! Muito Studio 54, um baile drag! Tudo era em preto-e-branco, do convite até a comida." A data, Dennis não esquece: 5 de setembro de 85. Ele chegou para Freddie, deu-lhe um presente e »

Entre 85 e 88, o brasileiro Dennis (*à esquerda*), conseguiu tirar Freddie Mercury da roda-viva de drogas e noitadas em Munique. Abaixo, dois convites: um para o aniversário de Freddie (*à direita*), onde tudo começou, e outro, para uma feijoada que o casal promoveu. "Freddie detestou a farofa", lembra Dennis.



agradeceu o convite. Dois dias depois, novo encontro casual em outra *disco*. "Ele me viu, me chamou para tomar um drink. Mais adiante, convidou: 'Você não quer ir pro meu apartamento conversar?' Eu fui... Fui com receio. Tinha perdido um grande amigo por Aids e disse logo que ainda estava chocado. 'Se você tá pensando em orgias, tire a idéia da cabeça.' Daí ele disse: 'Quê isso, só quero conversar com você, conhecer você melhor' Eu esperava uma pessoa decadente e ele se mostrou supersensível."

Cercado por uma roda-viva de interesseiros, Freddie era um solitário. "Ele chegava a chorar em certos momentos. Tinha muitos amigos que o usavam e tinha consciência disso. Uma vez, quando saímos sozinhos, de táxi, e eu disse 'deixa que hoje eu pago', ficou comovido. Ninguém fazia isso pra ele."

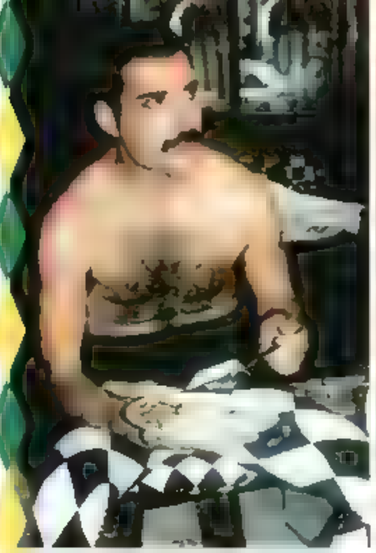
Freddie ia a festas todas as noites e nunca acordava antes das três da tarde. Passou a levantar de manhã para se despedir de Dennis, que ia trabalhar às 9h, e voltar depois para a cama. Aos poucos foi mudando. "O secretário dele me agradeceu muito por tirá-lo da vida de drogas e noitadas."

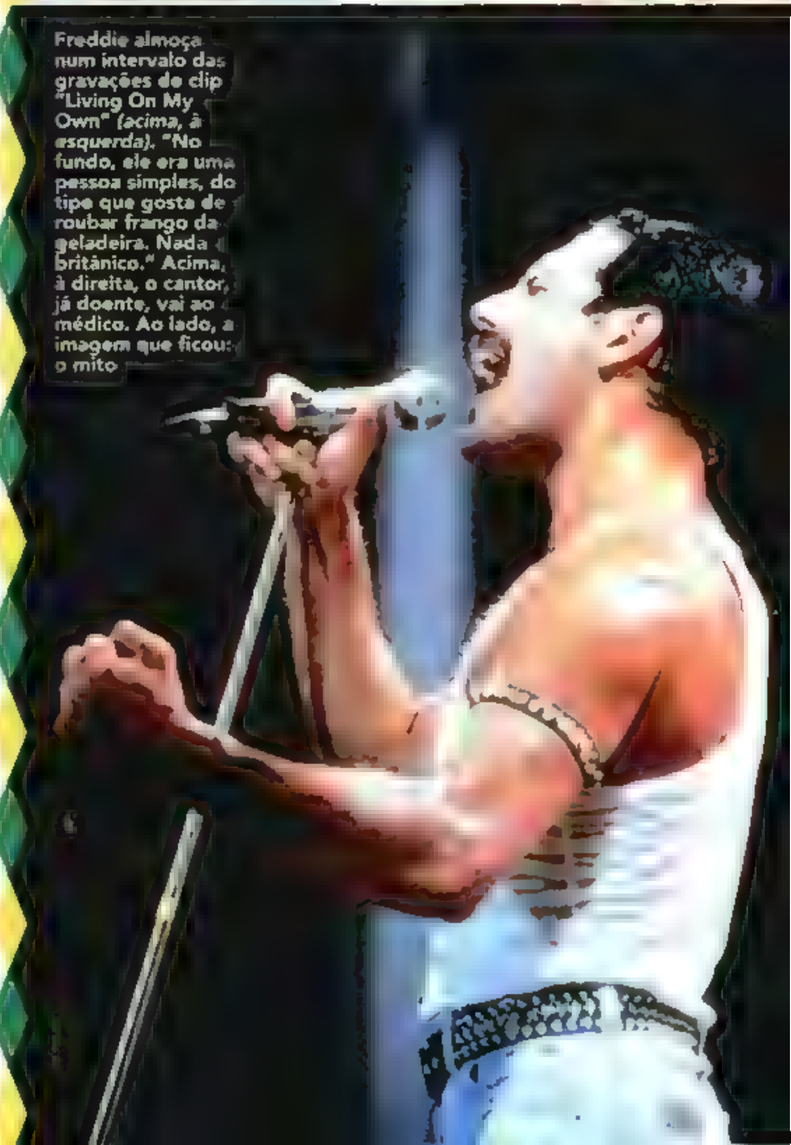
Dennis e Freddie se divertiam muito. "A gente saía para passear de bicicleta e tomar sorvete. Ficávamos em casa e eu mostrava Bethania e Gal pra ele." Aproveitando a semelhança dos bigodes, os dois vestiam roupas iguais e se escangalhavam de tanto rir Quando Freddie resolveu raspar o rosto, Dennis ensaiou protestos. "Sem bigode, os dentes dele apareciam muito. Mas ele nem ligou. Encarava aquilo como a Barbra Streisand encara o nariz dela. E não era horrível assim, né?"

Enquanto isso, amigos de Dennis o censuravam "Diziam que eu ia acabar pegando Aids." A doença não era assunto-tabu. "Perguntei ao Freddie e ele disse que não tinha nada."

Mas as pressões sobre o brasileiro aumentaram. "Muita gente deixou de falar comigo, tudo que eu comprava diziam que era presente dele... Acabamos nos afastando." Quando Freddie voltou para Londres, onde tinha de gravar com o Queen, ainda chamou Dennis. Tarde demais. "No meu aniversário, ele mandou um cheque e disse que não tinha tido tempo para comprar o presente. Fiquei ofendido."

Dennis, que já fez dois testes de Aids (negativos), lembra com ternura. "É incrível como isso ainda me marca. Mas acho que hoje o Freddie deve estar rindo com tantas homenagens. Nem de longe, ele se imaginava uma figura legendária."





Freddie almoça num intervalo das gravações do clip "Living On My Own" (*acima, à esquerda*). "No fundo, ele era uma pessoa simples, do tipo que gosta de roubar frango da geladeira. Nada britânico." Acima, à direita, o cantor, já doente, vai ao médico. Ao lado, a imagem que ficou: o mito

"A gente saía para passear de bicicleta e tomar um sorvete"

O bagaceiro arrumadinho

A vida do caramujo Gessinger: rádio AM, moralismo e chimarrão sem sair de casa

Entrevistar Humberto Gessinger pela primeira vez faz a gente se sentir personagem daqueles filmes de guerra com Lee Marvin. Você sabe, o cara é um estuprador ou um renegado qualquer e de repente o coronel - sempre interpretado por David Niven - dá a ele duas chances. Ou o soldado vai ficar preso até o Djavan gravar uma música do Supergrass ou ele invade uma pequena fortaleza alemã guardada por cinco mil Beckenbauers e dez dobermans. Lee Marvin sempre escolhe a fortaleza alemã, embora ache que vai morrer.

Armado até os dentes com desconfiança e uma caneta velha, aviso ao porteiro que vou subir. [illegible] A fortaleza do baixista fica de cara para a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio. Bacana. O cara que abre a porta usa bigode, cavanhaque, aquele cabelão que já rendeu centenas de milhares de apelidos (Paquita, Veronica Lake e Angélica; na época não tinha a Galisteu) e segura uma cuia de chimarrão. Oferece. Nem sinal de armas ou rosnados, o doberman deve estar atrás da porta. Ele já vai falando: "Linda, a vista, não? Adoro, mas acho que vou me mudar para o Sul. Vou para Gramado. Eu achava que era mais profissional morar no Rio, agora já não penso assim". E não vai sentir falta da cidade, da noite, dos restaurantes? "Que noite! Que restaurantes, cara! Gosto de ficar em casa, lendo, ouvindo música. Detesto sair para jantar. Você consegue imaginar figura mais triste que um garçom? Não gosto de sair nem do quarto. Na buena." É, ele fala "na buena". »

por HÉLIO MUNIZ fotos MIRIAM FICHTNER

Humberto Gessinger não está nem aí para a vida social e as badalações que o meio artístico oferece; prefere ficar em casa ouvindo CDs de Pat Metheny e Chili Peppers

O déspota esclarecido do Engenheiros diz que o grupo mudou para não virar cover de si mesmo

Depois de contar mil histórias divertidas sobre futebol, assunto que domina profundamente, é hora de começar a tal da entrevista. Agora deve vir o doberman. Qual nada. Quanto mais responde a perguntas irritantes, mais simpático fica o gaúcho. Começa a falar do Rio Grande e de como ganha fitas demo quando está lá. A maioria feita de músicas com letras grandes e profundas. "As pessoas vêm e me dão, dizem que tudo aquilo é a minha cara. Será que eu sou assim? Eu antes não ouvia essas fitas, ficava com medo de impressionar minha mente e, um dia, quando estivesse lá, compondo, lascaria um acorde ou dois dessas coisas, sem lembrar de onde tinham vindo. Mas agora acabei com isso. Ouvir demos não faz mal à saúde [illegible]

Hora de falar do novo disco *Simples De Coração*. "Não queríamos virar os Engenheiros Cover. Por isso fizemos tudo diferente, é um disco de quinteto. Eu já não aguentava mais ficar no palco tocando baixo e com um monte de pedais, um monte de coisas. Agora posso pensar mais na harmonia, posso tentar imaginar riffs." *Simples De Coração* foi gravado em Los Angeles. E enquanto passeavam pelos Estados Unidos e faziam *test drive* nas cervejas mexicanas, os Engenheiros criaram versões em inglês para as músicas. A turma gostou, o produtor também e o material está nas mãos da gravadora. Ela é quem vai decidir se lança o brinquedo ou não. Explica isso direitinho, Humberto? "Um dos roadies do estúdio em que gravávamos é filho de um dos integrantes do REO Speedwagon. Ele ajudou nas versões das letras. Esse negócio de letra tem muita importância e aqui no Brasil. Nos EUA, não. Se você tiver uma pegada boa, uma levada de guitarra fantástica, um som forte, pode rimar ski com *fly* a música toda que ninguém vai ligar." Humberto mexe no seu computadorzinho e acredita que a especialização é o único caminho a ser seguido. Internet? Ainda não. [illegible] E por falar em rádio, como será que Herr Gessinger vê os Mamonas Assassinas? "Eles são reflexo dessa história de especialização. O sujeito compra o disco dos Mamonas para rir, é uma coisa específica. Como há discos de dance para fazer você dançar. Há algum tempo eu achava isso ruim, hoje não. [illegible] Isso é mais complicado que fazer churrasco em forno de microondas. Mas nosso chef gremista não se abala. "Quando você faz música, tem todo o controle na mão. Se você não consegue se fazer entender, a culpa é sua, não é de quem ouve." »

Da esquerda para a direita: Fernando Deluqui, Carlos Maltz, Casarin, Ricardo Horn e Gessinger: o Engenheiros são cinco

Mal passados e ao ponto

RENATO RUSSO [illegible]

LEONEL BRIZOLA [illegible]

AUGUSTO LICKS [illegible]

RENATO GAÚCHO [illegible]

OSWALDO MONTENEGRO [illegible]

"Quem me conhece deve me achar meio bagaceiro. Sou supergrosso com meus amigos"

Quer ver o cabeludo feliz como um pinto no lixo, bote um baixo fender em sua mão. Humberto Gessinger gosta mesmo é de tocar. Costuma sair dos shows da banda, entrar no quarto do hotel, meter os fones no ouvido e os dedos nas cordas. Solitário, não? "Não. Solitário é o lado industrial da coisa, é chegar alguém do seu lado para falar com você achando que te conhece mais do que você."

E quem conhece, o que acha de Humberto? "Deve achar meio bagaceiro. Com quem eu não tenho intimidade sou um doce, mas com os meus amigos, sou supergrosso." Daí o apelido de Cavalo, que nasceu junto com os Engenheiros. Sorte dos fãs, que têm do que reclamar: a correspondência entre banda e público ainda é muito grande.

E quem será o público dos Engenheiros hoje? Essa pergunta vale um gole de chimarrão. Humberto dá uma longa namorada na cuia [illegible] O público, ele diz, ainda é basicamente cheio de espinhas e disposição. E a banda gosta de tocar para eles? "Claro, você passa o resto da vida tentando reconstruir sua adolescência. É uma época em que a gente oscila entre ser o último dos mortais e o melhor do mundo." Aos 34 anos, nosso músico admite que é um moralista. E o que é pior, foi chamado assim há pouco tempo, por sua mãe, uma professora gaúcha descendente de italianos. Mas nem assim, a polenta do lourão endurece: "É engraçado, você ver sua mãe, aquela italiana lá, te chamando de moralista." E o pior é que a mamma tem razão. "Tenho opinião sobre tudo, quero me meter em tudo."

Humberto é chegado a uma vida dupla. Durante o dia, ele é o pacato gaúcho bebedor de chimarrão que toca nos Engenheiros do Hawaii. Mas de repente, se transforma e junta dois amigos secretos para tocar rock em algum esconderijo. Humberto tem um trio do qual não revela os nomes dos integrantes nem sob tortura. "Bota aí que eu toco com o Jeff Beck e o falecido Keith Moon num centro espírita." O cara é dinossauro até brincando.

BAGUNÇA SONORA ORGANIZADA.

Depois de conquistar o público internacional THE SMASHING PUMPKINS vem mostrar neste seu trabalho, com 28 faixas inéditas, o que o melhor do rock americano anda fazendo por aí. MELLON COLLIE AND THE INFINITE SADNESS, o seu novo álbum, já está nas lojas.

O som é pesado, mas você vai ficar leve leve

CD • K7

Virgin

a chacrete e o belzebu

Fausto Fawcett vive um momento Djavan: o amor é azulzinho. Do tom da ex-chacrete oxigenada Cristina Azul

Por PAULO REIS. Foto MIRIAM FICHTNER

Depois de revelar ao mundo Reginha Poltergeist, uma pre-lourinha suburbana, Fausto Fawcett volta com uma nova viagem libidinosa: *Leviatã*. Mas o livro do economista e filósofo inglês Thomas Hobbes é puro pretexto para o Belzebu copacabanense explorar o strip-tease de sua nova namorada, a ex-chacrete Cristina Azul.

Gigolô de loura ou novo Sargentelli das *blondies* L'Oreal? Fausto Fawcett topa ser qualquer entidade. Desde que não precise arredar o pé de Copacabana - mais especificamente ali da Prado Júnior, a rua-puteiro conhecida no mundo inteiro. E lá que ele pode exercer seu lado *voyeur*, vigiando pêlos oxigenados no doce balanço a caminho do mar. Ou da farmácia.

A obsessão de Fausto é tamanha que ele sugere à namorada que pinte a sharon stone dela de loura. O cabelo da moça - nem tão moça, é verdade - é de um blonde platinado que lembra muito Paula Toller em fase já remota.

O caso de amor e o show - e a partir de março, também disco - *Leviatã* nasceram quando Fausto, escrevendo um texto para jornal, citou a chacrete. O encontro aconteceu meses depois. **Cristina, que tinha ido para a Itália "fazer dinheiro", voltou ao Brasil e foi baixar no bar Cervantes, na Prado Júnior. Dali foi direto para a cama de Fausto e, depois, para o palco.**

"Eu já tinha algumas ideias na cabeça e algumas composições. Mas só com a entrada dela é que tudo rolou", conta Fausto. "Fui para a Itália e lá pensei muito no que queria fazer. Quando voltei, fui atrás dele e daí, rolou", diz a ex-chacrete. Fausto quer transformar Leviatã num marco. Colocar um monte de marmanjos salivando por pêlos pubianos colorizados e um bando de mulheres dizendo: "Mas o que aquele monte de barangas está fazendo no palco? Só porque são louras, esses babacas babam".

Fausto tem explicação para o sucesso delas: "A loura não é só a minha tara. Quem manda nesta porra de mundo é a loura. De Xuxa a Marilyn Monroe, de Sharon Stone a Lady Di e Madonna. Qual é a mulher mais famosa do mundo? Esse negócio de mulatas, moreninhas, pfft".

Fausto Fawcett é um franco atirador que só acerta no alvo. Como bem explicaria A Coisinha-Anteriormente-Conhecida-Como-Prince, ele se vale de um certo fenômeno conhecido como *pussy control*.

Em cena, uma rodada. Cristina não poupa os rebolados e libera um strip. Outras duas louras coadjuvantes, Tânia e Patrícia, emolduram o delírio chacretiano. "Este show tem fragmentos dos shows anteriores - Básico Instinto e Santa Clara Poltergeist - só que é mais intenso, não economiza na cafajestice", entrega Fausto. A trilogia cafa deste termina agora com o que Fausto chama de fazer descer a entidade Leviatã. Vindo da boca de quem falou, soa horripilante.

ela acredita em gnomos

E é fã de Elis Regina! Da gelada Islândia, onde os fantasmas são "coisas naturais", chega Björk, a mais exótica estrela do pop internacional

POR LEILA STEINBERG

Mora em Londres e atende pelo nome de "betula" um arbusto que só dá em clima frio e que, num pequeno país perto do Ártico, ganhou a tradução de "Bjork". O termo, que em islandês castiço tem som de "biérk", designou a planta até novembro de 1965, quando um casal hippie sapecou-o na certidão de nascimento da filha. Numa comunidade bicho-grilo de Reykjavik, vinha ao mundo aquela que se consagraria como a primeira popstar da história da Islândia: Bjork Gudmundsdottir.

Menos de 1,60m, franjinha negra fazendo tom sobre tom com o vestido comprido até o tornozelo, ela chega pisando com *boots* pesados no meio de uma tarde de sábado, para receber jornalistas latino-americanos em Nova York. Bochechas inchadas de sono realçam a miudeza de seus olhos verdes de um oblíquo que Machado de Assis diria ser de mar em ressaca. O jeito de criança torna ainda mais desconcertante cada resposta. "Nos Estados Unidos é que fantasmas são coisa do outro mundo. Na Islândia, quando se fala de fantasma, as pessoas perguntam: 'E daí?'."

Debut, álbum de estreia de Bjork lançado em 93, vendeu quase 3 milhões de cópias mundo afora. O novo *Post* é universalmente queridinho da crítica e também faz boa carreira comercial. Agora ninguém mais a »

Björk pirou na Pimentinha: viu um vídeo de Elis e saiu fazendo música em sua homenagem

Elis Regina (à esquerda) inspirou Björk a fazer uma música; a próxima brasileirice da islandesa será gravar "Travessia", de Milton Nascimento

censura por ter largado o grupo Sugarcubes (sucesso cult na Europa no fim dos anos 80). "Nós estávamos juntos desde os 14 anos", conta Bjork lembrando a dor da separação. Um pouco antes, ela havia feito seus vestidinhos desenlaçarem os paletós do guitarrista dos *cubes*, Thor Jonsson, pai de seu filho de dez anos Sindri. Hoje, namora o negro inglês Tricky, do Massive Attack.

Sou mãe solteira, mas as pessoas gostam de me associar a algo mais místico", reclama. Filha de uma homeopata e professora de aikidô casada e de um eletricitário (presidente do sindicato da categoria), já aos 11 anos Bjork gravava disquinhos. Com MPI - música popular islandesa. Depois, passou por vários grupos até que, aos 18 anos, Bjork formou o Kukl ("feiticeira"), embrião do que, em 1986, iria se transformar no Sugarcubes.

Bjork só mudou-se para Londres para gravar *Debut*; volta a Reykjavik de seis em seis meses. "É impossível ser popstar na Islândia. O taxista te apanha no aeroporto e já vai dizendo: 'Não pense que só porque ficou famosa você é melhor do que eu, viu? Encontrei sua avó e ela disse que você não telefona mais para ela'. Todo mundo te conhece", dá risada. A Islândia lhe deixou um patrimônio inalienável. "O clima rigoroso do país fez o povo aprender que a natureza é mil vezes mais forte que o homem", arregala os olhos. "Para os islandeses, os fantasmas são meros seres da natureza. Não que eu leve gnomos a sério, mas acredito neles", ri.

Espiritualismo, porem, Bjork leva a sério. "Sou muito religiosa, sim. Mas tenho minha própria religião. Na Islândia não faz sentido duas pessoas terem a mesma religião. É como ter a mesma impressão digital."

Depois que ficou independente, em 1944, seu país muito rapidamente trocou uma cultura quase medieval pela modernidade. "Mais ou menos como aconteceu na América Latina", compara. A moça não vê a hora de conferir as semelhanças no segundo semestre. Do Brasil, já conhece algo mais do que Eumir Deodato (produtor de duas faixas de seu disco – *ver box abaixo*): "No começo do ano ganhei um vídeo de Elis Regina e achei brilhante."

O entusiasmo foi tão grande que lhe trouxe uma historinha inteira à cabeça, posta na letra de "Isobel", faixa de *Post*. "É a história de uma menina que cresce no meio da floresta brasileira enquanto prédios-bebês se tornam arranha-céus. De repente, ela se vê numa cidade cheia de gente espertalhona. Aí ela pede a uma mariposa que a ajude e o inseto vai cobrir a boca dessas pessoas." A outra paixão canarinho de Bjork é Milton Nascimento. Ou melhor, "Travessia", que ela vai gravar, com produção de Eumir Deodato (criador do arranjo original), para um projeto em benefício das vítimas da Aids. "Milton é muito, pura energia."

Se prefere o futuro ao passado? "Prefiro o presente", responde. É a última pergunta: Bjork está cansada e termina a sabatina. Um jornalista mexicano toma-lhe a palma da mão. "Você vai viver muito e talvez tenha outro filho". A íris verde-cinza da cantora cintila: "Me conta mais, por favor, me conta mais sobre isso." Bjork sabe: conto de fadas não existe. Mas que ela acredita neles, acredita.

E a Islândia curvou-se ao Brasil...

Eumir Deodato. O nome diz pouco a quem nasceu depois da Copa de 70, mas muito à música brasileira. Compositor e, sobretudo, arranjador, Deodato praticamente inventou "Travessia". Em 1966, selecionando músicas para o Festival da Canção, pescou do fundo do balaio das recusadas uma fita gravada por um certo Bituca e convenceu os organizadores a mudarem de ideia. Acabou fazendo o arranjo que eternizou a canção. Vinte e sete anos mais tarde, o trabalho continua lhe rendendo lucros. Foi por ouvir "Travessia" e se encantar com a orquestração, que Björk resolveu procurá-lo para trabalhar no álbum *Post*. "Eu estava no Japão e ela me ligou de um estúdio nas Bahamas", recorda Eumir. Encontraram-se dias depois em Londres e os resultados podem ser ouvidos nas faixas "Hyper-Ballad" e "You've Been Flirting Again".

"Ela depois descobriu que também adorava outro dos meus arranjos - o da versão disco de *2001*", conta o eclético Eumir Carioca do Catete, ele chegou nos EUA em 67, para acompanhar o violonista Luiz Bonfá numa série de shows e ficou de vez. Fez os arranjos de "Garota de Ipanema" e "Sabiá" que Tom Jobim usou por toda a vida, participou do segundo disco que o maestro gravou com Sinatra... Assinou discos-solo, montou uma banda fusion e produziu até o Kool & The Gang.

Em 72, começou a se dedicar à bolsa de valores. "Fiz um curso por correspondência e comecei a me interessar." Hoje, morando com a mulher Ruth na cidadezinha de Rockland, estado de Nova York, vara madrugadas especulando no computador. "É uma atividade muito emotiva, tem a ver com arte."

O crepúsculo dos machos

O VILLAGE PEOPLE veio ao Brasil e soltou as penas, mas não saiu do armário

por Cláudia Grechi ■ Fotos Jorge Rosemberg

Seis rapazes americanos de meia-idade (bem recauchutados, é verdade, mas todos entre 40 e 50 anos) vieram, deram pinta e voltaram assim, meio enrustidinhos. Com esta frase pode ser resumida a turnê brasileira do Village People. "Não estamos nem aí se as pessoas acham que somos gays ou não. Criamos 'Macho Man' no auge da revolução sexual feminista, como um contra-ataque. Já cansamos de ouvir perguntas sobre o Village People ser um grupo gay e tudo o que podemos dizer é que nosso som é para quem gosta de festa. E só "

Felipe Rose (o índio e sócio-fundador da sauna) ficou nesta evasiva. Alexander Briley (o soldado, remanescente da primeira formação) foi atrás, repetindo. David Horo (o operário, também membro de primeira hora) falou mais ou menos a mesma coisa.

Os outros? Bem, os outros não são legítimos villageanos. Raymond Simpson (o guardinha que entrou no lugar de Victor Willis - que compunha e cantava a maioria das músicas) e Eric Anzalone (o motoqueiro), que substituiu Glen Hughes, são até casados. Com mulheres. Jeff Olson (o cowboy), que herdou o posto de Randy Jones, não disse nada.

Para seguir os passos destes seis senhores em São Paulo, SHOWBIZZ contou com a ajuda do maior fã do grupo, o DJ do Clube Massivo (o maior templo *disco* de São Paulo) Mauro Borges. A assessora de imprensa do grupo só podia se chamar Biba (termo que, em boiolês, significa bicha) Fonseca. **Muito se falou sobre o aspecto decadente do Village, mas, no Hotel Transamérica, nos deparamos com rapazes conservados em formol, fortíssimos, debochados e fofésimos! "Pensaram até em chamar a gente para um 'Jurassic Park' discotheque"**, contou Felipe Rose, o índio.

Na coletiva para a imprensa, enquanto explicavam aos jornalistas que seu público agora é composto de crianças e mães (!?!), conferiam meticulosamente, por detrás de espelhados Ray-Ban, toda a graça e a simpatia dos músculos de Mauro Borges. Coletiva encerrada e fotos desanimadamente posadas, chegou a nossa vez: " Meninos, a gente pode tirar uma foto jun..." Mal acabou a frase e já estávamos envolvidos por uma profusão de músculos felizes e cosquinhas na barriga (!!!). Isso mesmo, cosquinhas!

Para aquela mesma noite estava programada uma grande festa para o grupo na casa noturna Columbia. E aí fiasco! Compareceram quinze pessoas, incluindo a »

Em sentido horário: David Horo, Alexander Briley, Jeff Olson, Raymond Simpson, Eric Anzalone e o dono das penas, Felipe Rose (*no alto*)

"PROCURA-SE RAPAZES DE BOA APARÊNCIA E BIGODE"

1977. Os EUA celebram a época mais alegre (em inglês, gay) dos últimos tempos: a discoteca. O produtor francês radicado em Nova York Jacques Morali, então com 31 anos, vê um grupo de homens fantasiados dançando em uma boate do bairro Greenwich Village. A partir dessa visão, Morali começa a procurar bonitões para montar um grupo. Em 78, encontra o estopim do Village People quando vislumbra Felipe Rose vestido de índio em uma *disco*. O resto veio através de um anúncio publicado em jornais: "Procura-se cantores e dançarinos gays de ótima aparência e com bigode". No final de 78, o Village People desbanca os Bee Gees na parada com a música "Macho Man". Em, seguida, emplaca "Y.M.C.A.", tornando-se o grupo mais poderoso da era. Foi bom enquanto durou.

Mais penas vão voar: "Voltamos ao Brasil para o carnaval carioca!"

Fazendo trenzinho enquanto posa, o Village People mostra a forma recauchutada

repórter de SHOWBIZZ, dois amigos e os promoters da casa. O Village People entrou e saiu em dez minutos. No dia seguinte, o do primeiro show, foi cancelada a única promoção agendada: uma entrevista na rádio Joven Pan. O motivo? Uma famosa peladona atrasou a programação da rádio com uma bela entrevista sobre seus últimos "trabalhos". Tinha muito a dizer, a moça. O Village People resolveu então permanecer no hotel, guardando energias e frangas para soltar à noite, no Moinho.

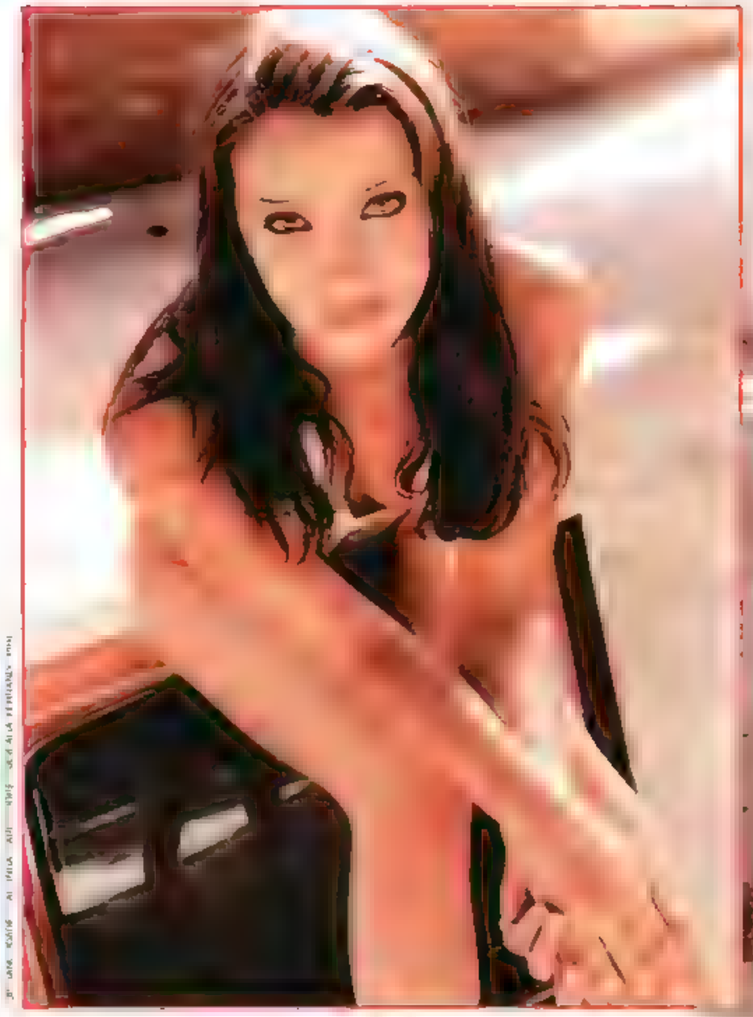
Quem imaginava que o camarim do grupo fosse uma ferveção cheia de bofes rondando a área, enganou-se. Silenciosamente e sem muita conversa entre eles, os rapazes iam se montando, cada um vestindo sua fantasia e se concentrando - sabe-se lá no quê (afinal, o show seria cantado em cima de *playback*). Um dos mais compenetrados era o índio Felipe Rose. O moço levou uma hora meleando o corpo com óleo e bombando os músculos para conseguir o efeito "macho man" desejado. Era o único que não obedecia ao *manager* (um sobrevivente da era *disco* que esqueceu o bom humor em algum mictório da Studio 54) e posava com alegria para fotos de bastidores oferecendo penas de seu cocar (!!!!) como souvenir (*uma delas, dada para SHOWBIZZ, ilustra estas páginas*).

Felipe fez caras e bocas e jogou um olhar de bicha moça para a repórter enquanto dizia em espanhol: **"*Chica*, depois do show, te dou mais penas." E saiu se insinuando para as outras *chicas* presentes no camarim, ao melhor estilo Renato Gaúcho.**

E eis que chega o Otávio Mesquita e a equipe do *Perfil*. Cercado pelos rapazes, ele perguntou, pela trigésima vez do dia, como era mesmo aquela história de "Macho Man". Eles saíram pela tangente mais uma vez.

Quando a música começa, dá pra entender porque eles passaram o tempo todo poupando energias no hotel. Diante de mauricinhos e peruinhas, os seis rapazes fazem um show que coraria de vergonha a mais assanhada drag queen. Durante uma hora, dançam e rebolam em coreografias bichésimas e alucinadas. Com o perdão do cacófato, parece aeróbica gay. É um pouco decadente, mas é divertido. E o Brasil que se prepare porque eles pretendem voltar para curtir de verdade. "Queremos vir pro carnaval do Rio, é claro!"

LAVÔ TÁ NOVO
HOLLYWOOD ROCK 1996 SP - 20/01 RJ - 27/01
LAVÔ TÁ NOVO
O NOVO ÁLBUM DOS RAIMUNDOS
LIMPO E LIBERADO PRA VOCÊ
CD, LP e K7 wea music



verão MTV são

Sabrina, a novidade refrescante que veio dar na praia da sua telinha

por PEDRO SÓ e ROBERT HALFOUN fotos PAULO ROCHA

Os homens de comunicação e marketing adoram usar a expressão "trabalhar o conceito". Pois bem, o conceito que a MTV estava trabalhando quando selecionou Sabrina para ser estrela de sua programação de verão era gostosura. "Um deleite para os olhos, sedução", traduz André Vaisman, diretor de programação da emissora.

Perdido entre mil e um *books* das mais maravilhosas modelos, ele se deixou seduzir por um detalhe. Estava lá no questionário da menina, mais charmosa do que as pintinhas em sua barriguinha, a frase: "Ser modelo não é minha meta: mesmo que não role o lance como VJ, não pretendo ficar nessa profissão por muito tempo."

É claro que os belos traços do rosto e os 54 quilos artisticamente distribuídos no 1,70 metro desta paulistana ajudaram muito também. E o tal "lance de VJ" acabou rolando: hoje Vaisman respira aliviado mesmo depois que Cuca resolveu dizer "*bye-bye* MTV" e dar um rolê pelo Tibete (sério) e Sabrina apresenta, em trajes de banho, o *Suor MTV*.

"Ela passou quase nove meses sendo preparada", revela Vaisman. Sabrina ficava duas horas por dia na frente da câmera, lendo textos, dizendo textos, respirando textos...

"Eu olhava para a MTV e pensava: 'Gente, como esse pessoal fala!' Imaginava uma coisa impossível", conta ela, tímida.

Tomando um suco numa lanchonete vizinha da MTV, no Sumaré, em São Paulo, Sabrina Parlatore diz também que não faz jus ao sobrenome. "Falo pouco, sou recatada." Aos 21 anos, filha de engenheiro e psicóloga, ela se solta aos poucos. Já foi ao Japão quatro vezes como modelo e morou em Londres quando era »

criança. "Não me deslumbro com nada" garante. E ainda por cima canta. Numa banda sem nome nem demo. Diz que é negócio incipiente ainda. Mas André Vaisman garante: Ela canta pra caralho.

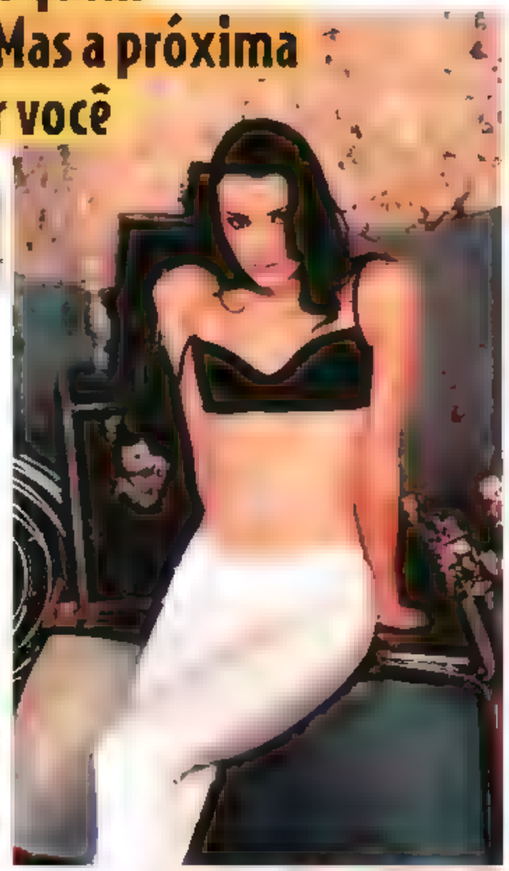
Quando Sabrina começou, as figurinistas da MTV ficavam preocupadas com a ousadia de suas roupas. Mas ela nem tchuns. De cabelo preso, fica com cara de bailarina.

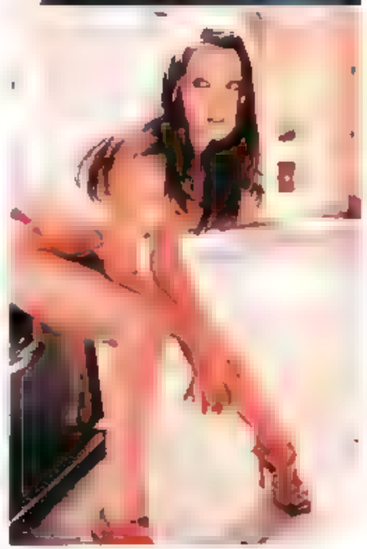
Todo mundo diz isso. Quando me escolheram, disseram que queriam um mulherão. Não acho que seja meu caso.

Tudo bem, mas foi só ela dar uma sardinha para o garçom me cutucar. Posso ser curioso? Quem é a gata aí?" Explico e sinto o cotovelo do novo amigo: "Aí, hein? Isso é que é profissão.

"Todo mundo fala que tenho cara de bailarina. Quando me escolheram para a MTV, disseram que queriam um mulherão. Não acho que seja o meu caso"

Cuca foi ao Tibete e agora quem vai pegar é Sabrina. Mas a próxima atração na MTV pode ser você





os dez mandamentos do VJ

- Ter entre 18 e 30 anos
- Saber falar inglês
- Gostar muitíssimo de música (mesmo que não entenda muito)
- Ter boa aparência (quer dizer, é bom que tenha, mas não é fundamental)
- Ter carisma (fundamental, sim)
- Ter paciência, muita paciência
- Nao ser uma anta (um mínimo de conhecimentos gerais, pô!)
- Nunca ter feito comerciais de cigarros ou bebidas
- Não ter feito propagandas de artistas ou gravadoras
- Demonstrar personalidade

Se você é jovem (tem entre 18 e 30 anos e, principalmente, se a música está entre as três coisas mais importantes da sua vida, beleza: teoricamente você pode ser um VJ.

Mas até chegar a hora do *tamové* muita água ainda tem que rolar. A MTV não procura só carinhas bonitinhas e gente extrovertida para botar frente a frente com sua audiência de 14 milhões de casas. [illegible] MTV. [illegible] define André Vaisman. "Os VJs formam a estrutura da MTV, quem pinta na telinha é tão importante quanto a própria programação. Por isso queremos que o público se identifique de alguma forma com o cara que está falando com ele", conclui. E é aí que muita gente dança. Entre os que dançaram – acredite se quiser – estão nomes como o gala platinado Fábio Assunção e a gatesca Luana Piovani. "Ela fez um teste bem no comecinho da MTV, há uns três anos. Ela ainda não era esse mulherão e meu Deus, como era desengonçada! Tinha uns braços enormes", lembra.

Vaisman ressalta que o fundamental para os aspirantes a VJ é se identificar com a estética da emissora. »

A MTV sonha com uma menina louquinha feito a Tati e linda como Sabrina

Mas este é um conceito largo feito um oceano E o que interessa mesmo é se o cara tem carisma ou nao. O Cazé, atualmente a maior audiência da emissora, é um exemplo disso. O cara era um bicho-grilo que perambulava pelo Baixo Gávea, no Rio. "Ele estudou pra cacete e a emissora soube colocar ele no lugar certo. Nao adianta forçar a barra. Seria ridículo botar o João Gordo para apresentar Roxette. Não teria nem credibilidade, muito menos identificação com o publico."

Mas... João Gordo, aquele cara disforme, careca, todo tatuado, identificação com o publico? Peraí! "O gordo tem tudo a ver com a galera MTV: ele é superespontâneo, fala o que quer... Pô, as pessoas querem essa autenticidade e qualquer coisa que ele fale não parece agressivo. Ele diz na cara dos Mamonas que acha eles uns merdas, sacaneia todo mundo, mas tudo bem", explica Vaisman

A característica e a personalidade de cada VJ, segundo André dão o molejo da programação Eles fazem a diferença entre um programa e outro. Contando com uma fauna de figuras de todos os tipos (agora ainda mais pirada com a volta de Thunderbird) André Vaisman revela que tá na cola de uma menina que seja louquinha como a Tati e linda como a Sabrina "Estamos formando uma menina chamada Alessandra Calor, de 23 anos mas ela não tem esse *shape*", conta. "O ideal é que tivéssemos um laboratório de VJs pra descobrir gente nova toda hora, mas enquanto não rola temos vários olheiros espalhados por aí".

Se liga aí, m'ermão!

"No começo, as figurinistas da MTV ficavam preocupadas com as roupas que eu escolhia para usar. Mas eu nunca esquentei: sei que não sou vulgar."

Tatoo do mundo louco

Jimi Hendrix, Jim Morrison e Mad onna caíram na pele dos malucos

Isto é que é transa de pele, o resto é brincadeira. Que o rock seja uma paixão e até um estilo de vida, tudo bem... Mas daí a passar o resto dos seus dias com o retrato de um *popstar* entranhado na pele macia que mamãe passou talquinho, são outros quinhentos. **Então, que pretexto seria capaz de levar alguns malucos a estamparem para sempre no couro a imagem de um ídolo?**

Homenagem! Assim responde em coro a grande maioria dos tatuados. A guitarrista do Pus, Syoung, por exemplo, é fanática por Angus Young, do AC/DC, e decidiu eternizar a devoção tanto no nome artístico (Simone + Young = Syoung) quanto numa tatoo na parte de dentro do braço. "Sou louca pelo Angus. Comecei a tocar guitarra aos 12 anos por causa dele", explica.

Manuel Pique, de 21 anos, é outro maluco que embarcou nesta. Ele chega até a citar versos de Jim Morrison quando fala de sua tatuagem. "Se tudo der errado podemos açoitar os olhos de um cavalo e fazê-lo rir e chorar", da música "When the Music is Over", dos Doors.

Tem gente e motivos de todo o tipo. Os mais taradinhos, é claro, prestam homenagens às musas. "Elas são sexies", conta o comerciante Carlos Barbosa Gomes, 25 anos, que carrega um enorme sorriso da Marilyn Monroe nas costas e uma Madonna perfeita no peito. Há também os que carimbam a pele por uma questão de identidade, como o tatuador Vilaça, de 27 anos. **"Sou meio louco como o Morrison e gosto das viagens dele".** Alguns músicos se identificam profissionalmente. Edu K é um deles. No meio de vários desenhos espalhados pelo corpo, tascou no peito o rosto do *guitar hero* Jimi Hendrix. **"É que eu também sou guitarrista e gosto muito do trabalho do Jimi"**, justifica o artista.

Tem também muita gente por aí que acabou marcado meio sem querer. O DJ Zé Gonzales, que tem uma boa coleção de desenhos no corpo, terminou acrescentando um Jimi Hendrix por sugestão do tatuador.

Mas a palavra final nessa história de tatuar ídolos vem de João Gordo, VJ da MTV e cantor do Ratos de Porão, que homenageia algumas bandas underground em seu corpanzil. Com a grossura que lhe é peculiar, ele manda: "Sei lá, a essa altura do campeonato você vem me perguntar isso? Gosto do som e na hora encanei de fazer a tattoo deles. E só."

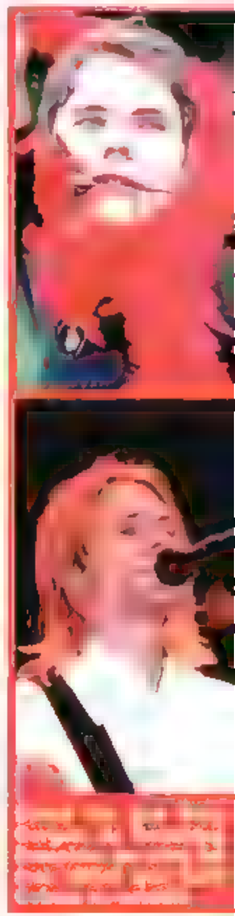
O produtor que ajudou Kurt Cobain a virar o rock de cabeça para baixo mostra seu Garbage para o mundo

DO NIRVANA AO LIXO

por PEDRO SÓ

Coleta seletiva: (da esquerda para a direita) o guitarrista Steve Marker, Butch Vig, Shirley Manson e o baixista Duke Erikson

O telefone toca na Redação. "Oi, aqui é o Butch." Butch Vig, produtor de *Nevermind*, do Nirvana. O homem que tinha um estudiozinho de oito canais no interior do Wisconsin (EUA) e acabou revolucionando a indústria fonográfica. O mago que burilou o barulho de Smashing Pumpkins, L7, Sonic Youth e Urge Overkill para as massas. Pois é. Com tudo isso, Butch, 38 anos de idade, fala como um garoto entusiasmado sobre sua banda Garbage. "Acabamos de fazer ontem nosso primeiro show aqui em Londres, foi uma loucura. Tres mil pessoas! E eles conheciam as musicas, cantavam junto, cara!"



Com o recém-lançado e elogiadíssimo disco de estreia do grupo (título: *Garbage*) debaixo do braço, Butch havia acabado de realizar um sonho. "Eu toco bateria em bandas desde os 18 anos. Nunca tinha dado show para tanta gente", vibra. Ao lado de velhos amigos e da vocalista escocesa Shirley Manson, ele esta, pela primeira vez, encarando a estrada pra valer.

Ex-estudante de medicina, Butch Vig flertou com o cinema - fazia curtas "artisticos, inassistiveis" - antes de gravar discos com um grupo chamado Spooner. Em pouco tempo, porém, viu-se dragado pelo trabalho em estudio. Mas papo de inventor do grunge não é com ele. "Não fui eu nem ninguem em Seattle quem inventou esse negocio. 'Helter Skelter' dos Beatles, já era grunge."

Na hora de citar seu trabalho mais difícil, Butch vem com uma surpresa: *Siamese Dream*, dos Smashing Pumpkins. "O disco anterior tinha vendido milhões e havia muita pressão para repetir o sucesso. O Billy Corgan *(líder do grupo)* é extremamente meticuloso. Foi um pentelho no estúdio." Quer dizer entao que o cara é mais complicado que o Kurt Cobain? "O Kurt era na dele desligadão, mais de chegar lá e cantar. Mas com que paixão ele fazia isso! Não dá para comparar, eles são totalmente diferentes. Na verdade, nem gosto muito de ficar falando sobre Kurt. Não gosto da exploração em cima de seu nome. Pôxa, já não basta o que a Courtney faz... Aquilo é uma tristeza." »

Apesar de dizer que os Beatles já faziam grunge, Butch Vig (*de cavanhaque*) é bastante identificado com o som do Nirvana e da turma de Seattle. No grupo Garbage, porém, o produtor e baterista usa muita eletrônica e influências variadas do pop dos anos 80.

Garbage (em bom português, lixo) surgiu a partir dos trabalhos de remixagem que Butch Vig fez em cima de músicas do U2 e do Nine Inch Nails. Aliás, remixagem não seria bem o termo. "A gente regravava todo o instrumental", lembra Butch. O nome do grupo saiu meio por acaso. "Estávamos mexendo com um remix naquela fase de barulho e caos, saca? Aí um técnico ouviu e falou: 'Putz, essa merda é um lixo!' Eu adorei: lixo é descartável, que nem o pop.

A vocalista Shirley Manson foi descoberta via MTV cantando numa banda chamada Angelfish. "A primeira audição dela foi um desastre. Shirley tinha uma idéia errada sobre a gente e nossas músicas também não estavam muito prontas. Mas em três meses a coisa se acertou", conta o produtor.

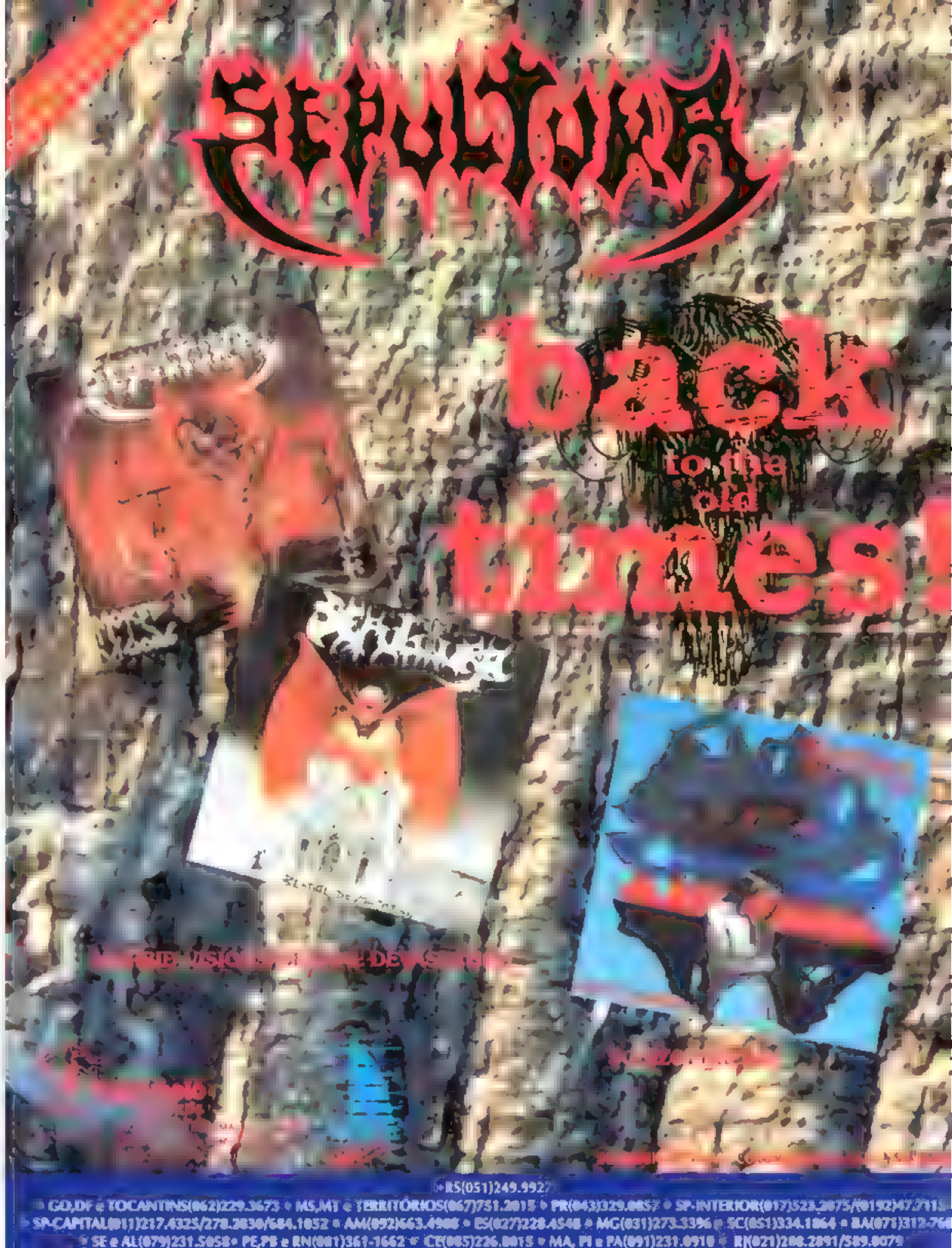
Quem esperar uma barulheira dos diabos vai se surpreender com o som de texturas eletrônicas do Garbage. E puxar o assunto referências sonoras e Butch sai metralhando: "Jesus & Mary Chain, Echo & The Bunnymen, The Clash, Roxy Music, Television, Patti Smith, Joy Division..." O cara é, antes de tudo, um fã. Sabe que ninguém vai acusar o seu Garbage de revivalista.

Com arranjos variados e originais, o disco do grupo ganha unidade numa certa atmosfera doentia, sustentada por letras darkosas, mas sem ui-ui-ui. "Eu gosto de explorar emoções extremas, obsessões. E elas parecem ser mais profundas no lado escuro do amor e dos relacionamentos", explica. Que ninguém venha dizer a Butch que ele está velho demais para esta trip. Com bom humor e 38 anos nas costas, o homem filosofa: **"Você vai ficando mais velho e acha que vai ficar mais maduro também. Mas um belo dia percebe que continua tão confuso quanto durante sua adolescência."**

Nessa história de letras meio sombrias, Shirley Manson teve até que dar uns toques e tranquilizar sua preocupada mamãe. Afinal, todos os lances doentios vão parar na sua boca. Só para dar um exemplo. "My Lover's Box" começa assim: "Os encantos do meu amante estão numa caixa embaixo da cama". Chegaram a dizer que tinha sido inspirada em Lorena Bobbit, a louca que cortou fora o braúlio do maridão, mas Butch Vig nega. "É sobre uma mulher que perdeu alguém e está internada numa clínica psiquiátrica, sobre estar vulnerável... essas coisas."

O produtor admite que é meio esquisitão mesmo. "Eu não tenho uma vida normal. Não vou a boates, não saio pra fazer compras. Fico totalmente absorvido pelo trabalho. Sou solteiro, mas já fui casado. Acho que meus relacionamentos foram por água abaixo por causa disso." Meninas, habilitem-se!

"Eu não tenho uma vida normal. Gosto do lado escuro do amor"



RAS BERNARDO

RASTA CABEÇA

O ex-vocalista do Cidade Negra encarna um "Mystic Man", fala do passado guerreiro e revela seus planos para salvar o mundo

por SÉRGIO MARTINS foto ANDRÉ SADER

Ras Bernardo só não é jamaicano por um capricho geográfico. Visual rasta-cabeça ele tem: os *dreadlocks* e o olhar gabaritado por anos de fumaça lhe dão uma aparência mais próxima de uma figura de documentário da *National Geographic* sobre a Jamaica do que de alguém parido na Baixada Fluminense.

Trata-se da versão mais relaxada do Mystic Man, personagem das músicas de Peter Tosh. Bernardo estuda religião e segue uma dieta *mezzo* rasta *mezzo* brazuca. Não recusa um bom bife acebolado – evitado pelos rastas – mas gosta de cair de boca num bom prato de arroz com verduras. Ele teve todo tipo de trampo até descobrir o reggae; abandonou um grupo de relativo sucesso – no caso o Cidade Negra – para se lançar em carreira solo.

"Eu sempre fui um guerreiro", confessa o cara, no aconchego de seu lar em Nova Iguaçu, enquanto no *CD-player* o Steel Pulse rola solto. "Trabalhei como faxineiro, metalúrgico e cheguei a colocar a moçada do Cidade numa agência de empregos. Depois que eu saí da banda, tocava uma fábrica de batata-frita." O negócio faliu um dia antes de pintar o contrato para gravar solo.

Ras Bernardo fala no Cidade Negra e a gente aproveita. Afinal, o que rolou? "Eles queriam tocar 'Aluga-se', do Raul Seixas, nos shows e eu fui contra", explica. "Como é que um grupo que fala em 'Negro No Poder' e 'Lute Para Viver' pode querer alugar a pátria?"

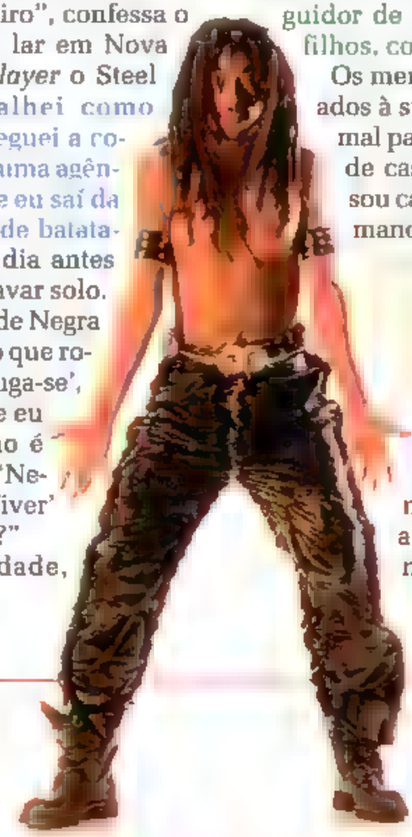
Após ter partido do Cidade, Bernardo descolou um novo nome artístico colocou um belo "Ras" – designação etíope para rei – à frente daquele que recebeu na pia batismal. A banda que o acompanha foi recrutada nas várias noitadas em boates da Baixada Fluminense. "Eu achava os caras e mostrava o reggae para eles ouvirem. Eles tinham de pegar as manhas."

O resultado desta transformação chama-se *Atitude Pátria*, primeiro disco solo do agora Ras Bernardo. O álbum tem faixas no velho estilo do Cidade Negra – abandonado depois que a banda seguiu tendências mais pop.

Como os rastas também amam, ele colocou duas músicas românticas em *Atitude Pátria*. "Elas retratam um amor mais social", escapa depressinha, porque a patroa está louquinha para saber quem são as musas. Bernardo, seguidor de Bob Marley que é, tem quatro filhos, com duas mulheres diferentes.

Os meninos de "rei" Bernardo são criados à sua imagem e semelhança. Nada mal para quem, como ele, viu o pai sair de casa aos doze anos. "Se eu o vir sou capaz de beijá-lo. Ele é um ser humano e erra como tal."

"O judaísmo foi a primeira religião do mundo". E arrisca a pregação final. "O importante é ter amor. Só assim poderemos melhorar o mundo."



MALCOLM McLAREN

O ex-empresário dos Sex Pistols e pai do punk rock inova mais uma vez, lançando um disco *ambient* sobre Paris

por SÉRGIO MARTINS

PERGUNTAS

O que é *Paris*?

Paris é um "cartão-postal" em forma de música. Eu morei lá há alguns anos e sempre quis mostrar a sensação gostosa de viver naquela cidade.

É verdade que, nos Sex Pistols, você regulava até a cerveja?

Sim, porque a banda nunca deu dinheiro! Era tinha de bancar shows e discos e se fosse pagar cerveja para eles, iria à falência (*risos*)!

No primeiro ano eles não estavam nem aí. No outro, os Pistols queriam virar *popstars*. O que é muito difícil para uma banda que nunca passou do nº 180 das paradas.

[illegible]

Sim, os rapazes compraram belas casas com ele. Mas com o que sobrou, EU não consegui comprar uma casa para mim!

[illegible]

Os Rolling Stones chupam *riffs* de Chuck Berry! Chamam a gente de ladrões porque nós nunca dissemos no fim do disco: "Inspirado por Chuck Berry e Muddy Waters!"

Eu não me sentia diferente em relação a outros artistas que empresariei. Mas tenho uma defesa: vários músicos famosos adoram o que eu faço (*risos*)!

"Eu odeio músicos. Eles nunca entendem o que eu quero para minha música!"

E as acusações de que você [illegible] na música africana, em *Duck Rock* (83)?

As músicas existem para ser descobertas. E, depois de mim [illegible] compôs com africanos e Peter Gabriel tem um selo de *world music*!

O que você achou de *Graceland* (86), o disco "africano" de Paul Simon?

Um dia, Paul Simon me perguntou o que eu estava fazendo. E eu: "Você quer que eu diga o que estou fazendo para você copiar depois?" (*risos*)

E quanto a Peter Gabriel?

Ele disse que me odiava porque eu tratava músicos como gado. Respondi que não é muito diferente do jeito que Alfred Hitchock tratava seus atores.

Em que tipo de música você apostaria hoje?

Disco (*risos*). Um dia eu estava em casa ouvindo "Boogie Oogie Oogie", do A Taste Of Honey. Que canção maravilhosa!

Você já declarou que, da música clássica ao rock, todo mundo entrou nessa para ganhar mulheres. Você se considera sedutor sexualmente?

Sou irresistível para a curiosidade de meninas e senhoras que compram o meu disco!

Vai que é sua

a festa da galera nos festivais

Verão, tempo de embarcar na mais divertida roubada já inventada pela indústria do entretenimento: os festivais. Para ouvir e ver - de vez em quando, assim meio de longe - nossos ídolos, vale o sacrifício de morrer num din-din pesado e ficar horas a fio espremidinho entre um sósia cabeludo do João Gordo e um metaleiro conhecido como Polenguinho, que, é claro, veio com seus sete inseparáveis amiguinhos espinhentos.

Aquele show inesquecível vale até a desilusão de abraçar a namorada e, ao encostar o nariz no pescocinho dela, sentir o perfume almiscarado do cara de lado, um rasta que tomou seu último banho em homenagem à morte de Bob Marley (menos mal que, quando mataram Peter Tosh, ele escovou os dentes).

A alegria de participar daqueles momentos-tão-lindos-da-confraternização-humana-através-dessa-coisa-mágica-que-é-a-música faz você esquecer até que, no caminho para o banheiro, sua namorada foi violentamente bolinada por um turista excitado alucicrazy. Isto, é claro, porque depois ela deu o telefone para ele e você, desiludido, resolveu tomar 18 chopes para superar sua infundada crise de ciúmes.

Nem a mangueirada abaixou o facho das meninas no show do A-Ha na Praça da Apoteose, no Rio (*acima*); no Woodstock 2 (*à esquerda*), uma deliciosa maluquinha mostra a que veio, e, no Rock in Rio 2 (*à direita*), uma lourinha de perder o show mostra toda sua vibração

Calor, lama, empurra-empurra, suor, sede, vontade de ir ao banheiro e muita animação

O banho de turma do gargarejo (acima) no Hollywood Rock de 94, no Pacaembu, e o delírio à beira do palco no Monsters Of Rock de Inglaterra, em 95 (abaixo)

O frenesi, no Rock in Rio, em 85 (à esquerda). "Ela tirou o sutiã e começaram a boliná-la de todos os jeitos: em pouco tempo, foi carregada para a frente do palco, desmaiada", lembra o fotógrafo Jorge Rosenberg. Num show do Menudo, inconsciente, mas com o disco na mão (à direita). Água na cara (à direita, abaixo), no Pacaembu

Piração é poesia: a decolagem dos braços do povo e o vôo alucinante no show do Guns N'Roses, em São Paulo (à esquerda) e a união multirracial no show da Anistia Internacional no Pacaembu, em 1988 (à direita)

O inesquecível Rock in Rio de 85: no meio

vaiqueésua

Ótimo
Bom
Regular
Ruim

TITÃS
Domingo
WEA Music

Domingo Legal

Poucos dias antes de lançar seu novo disco, *Domingo*, os Titãs receberam uma homenagem simpática de Caetano Veloso: ele incluiu no repertório de seu show na São João com Ipiranga um sucesso deles no início da carreira: "Sonífera Ilha", canção perversa de tão ingênua. Os Titãs voltaram, ainda perversos e ingênuos. *Domingo* faz um censo das várias idéias e tendências pelas quais o grupo transitou: canções radiofônicas ("Domingo"), letras simples e marcantes ("Tudo O Que Você Quiser") e referências aos anos 70 – na citação de "Sangue Latino", dos Secos & Molhados. Tem ainda "Rock Americano", da dupla Mauro e Quiteria, revistada seis anos depois do álbum *O Blesq Blom* tornar conhecido seu papiamento extraterrestre; um papo terrestre dos Titãs, cantando em espanhol ("Vámonos") e italiano ("Riti Pagliaccio").

Domingo traz até uma parceria com Arnaldo Antunes, na letra de "Tudo Em Dia" – que descreve um sonho de classe média: comprar uma lista de coisas essenciais misturadas indistintamente em símbolos de felicidade virtualmente esgotada. Para ficar "Tudo Em Dia".

A mistura faz do disco uma colagem de trabalhos de estilos diferentes, embora nunca antagônicos. É um composto titânico mesmo que se possa intuir uma mudança de polo propulsor: o disco parece ser "costurado" por Sergio Britto, autor do projeto visual do CD e que participa ativamente do álbum.

Os Titãs estão rastreando o passado, se auto-conhecendo, o que parece ser o prenúncio do fim ou de uma grande explosão criativa. *Leão Serva*

UB40
The Best Of Vol. 2
Virgin Records

Síndrome de Romário

O UB40 parece um time que já deu grandes alegrias à torcida, mas cujos jogadores, abastados e barrigudos, hoje se limitam a peladas preguiçosas nas manhãs de sábado. *The Best Of Vol. 2* é uma coletânea que pipoca no meio do campo. Se o primeiro volume resumia a fase áurea do grupo – o mix pop-reggae-dub do começo dos anos 70/metade dos anos 80 –, este aqui reúne, com algumas dificuldades, os sucessos da produção recente do UB40 ("Where Did I Go Wrong", "Kingston Town", "Homely Girl"), mais as inéditas "Superstition" (de Stevie Wonder) e "Until My Dying Day". Placar final: empate com sabor de derrota.

Carlos Albuquerque

VÁRIOS
Inner City Blues
Motown/ PolyGram

Tributo bola dentro

Trata-se de uma daquelas raras ocasiões em que todo mundo (ou quase) envolvido tem tudo a ver com o artista homenageado.

Inner City Blues traz herdeiros consanguíneos (Nona Gaye – filha do homem, na faixa-título), herdeiros autoproclamados (Bono, dueta do com Marvin em "Save The Children") e herdeiros espirituais (Speech, do Arrested Development, dando sua versão para "What's Going On").

Há também contemporâneos de Gaye (Stevie Wonder em "Stubborn Kind Of Fellow") e jovens artistas influenciados pelo cantor (Digable Planets e Boyz II Men). O coral Sounds Of Blackness enfatiza o lado místico de Gaye em "God Is Love/Mercy Mercy Me".

Mas os estranhos no ninho não deixam de comparecer: Lisa Stansfield ("Just To Keep You Satisfied") e Madonna com Massive Attack. Ela gravou "I Want You", faixa também aproveitada em seu disco de baladas. *José Emílio Rondeau*

NOVELLE CUISINE
Novelhonovo
Eldorado

Samba jazz sem frescura

Samba-jazz já foi o pseudônimo pedante da bossa nova. O Novelle Cuisine temperando os dois estilos com uma variedade percussiva – que inclui desde marimbas e pandeiros a uma bateria roqueira – fez de *Novelhonovo* uma verdadeira reciclagem rítmica da música popular brasileira.

O álbum veste um repertório de clássicos de uma forma descontraída, com arranjos às vezes incrementados à exaustão – incluindo no samba elementos do pop. Lado a lado a guitarra e o cavaquinho, o handolim e o baixo elétrico, a bateria e a caixinha.

"Os Argonautas", de Caetano Veloso, aparece enriquecida por dó um tom lusitano na melodia. Sambas clássicos como "Se Você Jurar" (Ismael Silva, Wilton Bastos e Francisco Alves) e "Enredo Do Meu Samba" (Ivone Lara e Jorge Aragão) ganham andamento moderno e variações percussivas. A bossa, inevitavelmente, aparece encerrando o disco com "Se É Tarde Me Perdoa" (Rosa do Bósco). *Silvia Colombo*

MORPHINE
Yes
Natasha Records

O sax como catuaba do rock & roll

Esse tal de rock é um velhinho desgraçado. Quando começam a dizer que *ele* só funciona na base da catuaba das releituras, o bicho da uma cipoada na boca dos maledicentes. Ouçam só o que o Morphine, de Boston, arrumou com baixo (com duas cordinhas criativamente afinadas), sax barítono e bateria. Pode ler de novo e conferir: não tem guitarra!

O sax faz *riffs*, o baixo grungeia pesado e a maioria das faixas pulsa forte rock & roll. Em outras, a atmosfera *beatnik* intoxica as letras irônicas do cantor e baixista Mark Sandman.

Se você gostou do álbum anterior, *Cure For Pain*, pode aplicar. Se ainda não conhece o trio, experimente: o Morphine só dá *overdose* de graves. *Pedro Só*

MPB fossilizada

Jorge Ben virou fóssil do pop brasileiro. Um fóssil que encanta pelo ritmo, mas repugna pela ausência de poesia e pela vontade de se *auto-lixar*. Cadê o cronista do cotidiano, o compositor-repórter cheio de malícia e tiradas geniais? Foi-se com Jorge Ben, nome abandonado por Ben Jor.

Ouvir Ben Jor é se dar conta de que a MPB integra e justifica o *establishment*. O disco tem recados para amigos em agências publicitárias e redações de jornal. As músicas têm conteúdo nulo, as melodias repetem os trabalhos anteriores.

Mas as letras fazem ainda pior. "Rabo Preso" é uma bricolagem de falsas teadas antifilosóficas que remete de imediato ao Conselheiro Acácio, o personagem do romance *O Primo Basílio*, de Eça De Queiroz, que vive de dizer besteiras com pose de sábio. Senão, ouçamos: "Olha o rabo/Olha o rabão/ Tá de rabo preso tá de rabo preso irmão/ Piranha piranha piranha não morde jacaré/ Porque jacaré nada de costas". Isto aí está em "Rabo Preso". E soa como *O Mundo Como Vontade De Representação*, de Schopenhauer, se comparado a "Gertrudes Bonhausen", sambalanço inodoro sobre uma mulher igual a boneca inflável: "Well well well/ Obrigado Papai Noel/ Uma boneca linda, viva de corpo escultural/ Ela anda, ela fala, ela dança".

Ben de *Sapiens* perdeu quase tudo o que tinha. Precisa se dar conta de que o fogo já foi descoberto e queimou sua inspiração. Fez do CD um *release* em ritmo de funk. *Luís Antônio Giron*

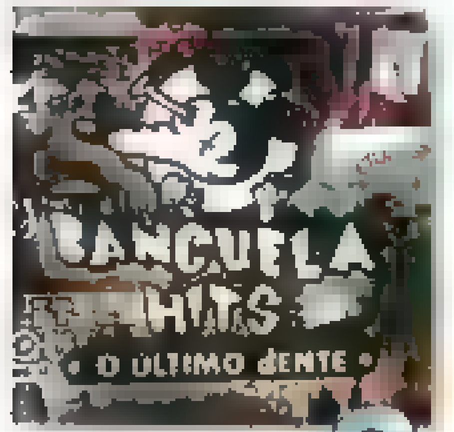
JORGE BEN JOR
Homo Sapiens
Epic/Sony Music

BRUCE SPRINGSTEEN
The Ghost Of Tom Joad
Epic/Sony Music

O Piauí é aqui; Oklahoma é lá

Em 82, Bruce Springsteen fez uma dúzia de canções tristes no violão. Deu em *Nebraska*, um disco inspiradíssimo. Agora ele tenta repetir a viagem. O Tom Joad da faixa-título é personagem do famoso romance *As Vinhas Da Ira*, de John Steinbeck, e as canções *folk* deste novo CD trilham a linha drama social do livro. Pena que, além de não ser Steinbeck, Springsteen não é nem fantasma do Springsteen de 82. Alguém vai dizer que é a crônica dos deserdados da América. Mas deserdados por deserdados, fico com os nacionais.

PEDRO SÓ



VÁRIOS
Último Dente
Banguela/WEA Music

Chacoalhe a dentadura

Em pouco mais de um ano de vida o selo Banguela, dos Titãs, sacudiu o rock brasileiro. Um mercado morno ressurgiu de cara nova e bem-humorada. Maskavo Roots, Raimundos, Little Quail, Pravda, Mundo Livre S.A., Kleiderman... Todas elas reunidas em *Último Dente*, um disquinho bom de botar pra rolar, desencanar e correr para o abraço.

Pode deixar que sucessos como "Puteiro Em João Pessoa" (Raimundos), "Tempestade" (Maskavo Roots), "1,2 3,4" (Little Quail) e "Livre Iniciativa" (Mundo Livre) se encarregam do resto.

R. H.

PENNYWISE
About Time
Epitaph/Paradoxx

Nas ondas do punk

Mais estranho do que imaginar o punk rock como o som número um de surfistas hoje é descobrir que a cena se mudou definitivamente dos subúrbios de Londres e Nova York para as praias californianas. Hermosa Beach, que nos anos 80 pariu Black Flag, Circle Jerks e Adolescents, nos brinda agora com o Pennywise. Eles começaram a ficar conhecidos graças ao diretor de vídeos de surf Taylor Steele, que recheou a trilha sonora de seus filmes com músicas do grupo.

About Time, o quarto álbum do Pennywise, é hardcore dos bons. Ouça "Every Single Day", "Killing Time" e "Waste Of Time" e logo seus olhos estarão com um brilho diferente. Fazendo uma comparação rápida, digamos que depois de ouvir o Pennywise, seus discos do Green Day servirão perfeitamente para animar a festa... de sua irmãzinha, é claro.

ZÉ LUCIO CARDIM

LISA LOEB
Tails
Geffen/BMG-Ariola

Beleza que não empolga

Lisa Loeb foi a primeira artista a chegar no topo da *Billboard* sem ter uma gravadora. Isto graças ao ator Ethan Hawke que, por amizade, colocou sua balada "Stay" na trilha sonora de *Caindo Na Real*, de 94.

A música estourou, Lisa assinou com a Geffen e lançou este *Tails*. Para uma geração acostumada com várias cantoras de *folk-rock*, Lisa pouco surpreende. Boa violonista e de voz convencional, ela carrega um pouco no rock, alternando temas suaves com componentes mais pesados de guitarra e bateria. Há pelo menos uma música realmente bonita ("Hurricane"). Mas não sai disso.

CHRISTIAN PETERMANN

QUEEN
Made In Heaven
EMI-Odeon

Suspiros reais

Made In Heaven é uma oportunidade para dar ao fã o gosto de sentir um restinho do ar vital do seu grupo favorito. Ainda mais sabendo que muitas das canções foram concebidas enquanto Freddie Mercury estava consciente da condição fatal em que se encontrava.

O álbum é pouco inspirado. Mas é de arrepiar ouvir Freddie gastar suas forças cantando "Sou [illegible] do homem que já fui" ("Too Much Love Will Kill You") ou "Let Me Live", cujo título já denuncia a barra pesada que passava. O Queen era exagerado e vulgar. Por isso gostávamos tanto dele. Então, aproveite bem estes suspiros reais.

PAULO CAVALCANTI

ALICE IN CHAINS
Alice In Chains
Columbia/Sony Music

Meu único amigo, o fim

Em seu quarto álbum, o Alice In Chains, uma das bandas mais sombrias e depressivas da atualidade, canta o universo insano do vocalista Layne Staley. O álbum é repleto de temas que tratam de drogas, frustração e morte, além de uma visão cínica no que diz respeito à fama.

O som continua pesado e viajandão, com um pé no blues e na psicodelia dos sixties. Layne Staley, apesar dos boatos de que teria partido devido ao vício em heroína, ainda é um senhor vocalista. Injeta em seu vocal uma dramaticidade sem igual, deixando o ouvinte com a sensação de que o fim do mundo está próximo.

Os destaques ficam por conta da densidade melódica de "Grind", primeiro single do álbum, o lirismo desesperado de "Heaven Beside You" e a provocação para cima do Todo-Poderoso em "God Am". Não chega a ser genial, mas certamente agradará em cheio os amantes do bom rock.

ALEX MENOTTI

SAUDADES DO AUTOR RUSSO

Em algum lugar da história do rock, alguém deve ter declarado que uma grande estrela pode tudo. Bem, é meio chato de dizer, mas uma estrela não pode tudo não.

Assim como Freddie Mercury não poderia ter gravado *Barcelona*, com Montserrat Caballé, Renato Russo não podia ter gravado *Equilíbrio Distante*. É embaraçoso ouvir um trabalho de alguém que você admira e se decepcionar dessa maneira.

Imagine um italiano que resolvesse gravar um álbum de canções brasileiras, mas que tivesse Fábio Jr. como referência. A impressão é que Renato Russo fez o caminho inverso.

Em duas faixas, ele faz o que sabe melhor: misturar referências chiques com vocais sensíveis. Em "Dolcissima Maria", a música cresce num arranjo que lembra de cara os ingleses do Felt – uma das poucas coisas que faz a gente ter saudades dos anos 80. Em "Due", Renato elabora sobre uma letra simplória com a fineza de um Bono cantando "One": tira beleza de uma bobagem.

E é só. O que fica é a impressão de que o álbum foi mal mixado. Em vários momentos, a voz de Renato entra com potência de show de estádio, como se ele tentasse emprestar emoções às pálidas composições – que não seguram a desculpa oficial do cantor de querer assumir o brega.

Certamente corre mais sangue nas veias de qualquer música de sua autoria. Que elas venham logo.

ZECA CAMARGO

BOM COMO PIADA VELHA

Parece piada de *A Praça É Nossa*, de tão manjada. O tal Passengers nada mais é que o U2 camuflado, atuando ao lado de seu produtor, Brian Eno. Juntos, eles criaram trilhas pessoais para filmes. E este "segredo" foi amplamente divulgado pela imprensa e pelos fãs, ávidos por qualquer novidade do grupo irlandês.

Porém, tem dias que até o Ronald Golias se supera. E não é que *Original Soundtracks 1* é um grande disco? As músicas lembram os melhores momentos de Eno, mais especificamente *My Life In The Bush Of Ghosts* (ao lado de David Byrne, antes de virar um malão terceiro-mundista) e – por que não dizer? – *Low*, de David Bowie.

No U2 (quer dizer, Passengers), os donos da bola são The Edge, costurando as músicas com sua guitarra pra lá de original e Adam Clayton, comandando um baixo empapuçado de pedal *fuzz*. Bono brilha especialmente em "Elvis Ate America" e "Miss Sarajevo", em que manda um dueto com o *canelone* Luciano Pavarotti – e, acreditem, fica bem legal.

Agora fica o dilema. A gente não sabe se espera um novo disco do U2 ou, melhor ainda, que o Passengers levem isso a sério e façam a trilha para um filme de verdade.

SÉRGIO MARTINS

PASSENGERS
Original Soundtracks
Island
PolyGram

PRETENDERS
The Isle Of View
WEA Music

Chrissie & Seus Cometas

O Pretenders já foi uma banda de rock com fortes pitadas pop. Hoje o grupo de Chrissie é uma banda pop de pitadas tímidas de rock. Pensando bem, o Pretenders nem uma banda é mais. É Chrissie Hynde E Seus Cometas. A patroa manda, a rapaziada obedece e o grupo segue aos trancos e barrancos.

No caso do acústico mais um "Unplugged" [illegible], *The Isle Of View* há acertos ("Brass In Pocket" ganhou em intimidade e a desprezada "Private Life" ressurgiu das tumbas revivida) e erros ("Kid" ficou chatinha e a nova "Revolution" é desprezível).

O excesso de cordas daria colorido interessante a "Sense Of Purpose", mas mela [illegible] Chrissie Hynde precisa regredir à adolescência.

LUIS HENRIQUE ROMANHOLI

VÁRIOS
Reggae Vibes
Ras/Top Tape
Cover Reggae
Island/PolyGram

Iniciação ao "chacundum"

Para conhecer melhor os mistérios do "chacundum" jamaicano, chegam duas boas coletâneas. Em *Reggae Vibes* descobre-se que a Jamaica não se limita a Bob Marley & rebentos. Há veteranos (Dennis Brown, Gregory Isaacs), grupos rastafari (Black Uhuru, Inner Circle) e bambas da falação (Yellowman, Macka B).

Cover Reggae resgata a tradição jamaicana de transformar músicas em delícias saltitantes. Tem até *disco* nas vozes de Tippa Irie, Sanchez, Yellowman etc. Atenção para as versões "chacundiantes" de Aswad e Chaka Demus & Pliers para "On And On" e "Twist And Shout".

S. M.

VÁRIOS
Revenge Of The Surf
MCA/BMG Ariola

Salvos pelo Tarantino

A surf music estava no inferno da cafonice. Bastou a exposição na trilha do badalado *Tempo De Violência* para que o ritmo ganhasse exposição – o que justifica o lançamento desta compilação com Surfaris ("Wipe Out"), Ventures ("Walk Don't Run") e duas faixas com o Rei, o incomparável Dick Dale. Para iniciantes.

P. C.

TAVINHO MOURA
Diadorado
Velas

Trem bão!

Contemporâneo da turma do Clube Da Esquina, Tavinho Moura sempre pendeu mais para os violeiros da Zona da Mata do que para o rock mineiro. *Diadorado*, tomado pela música instrumental. Com participações especiais de violonistas e percussionistas nas faixas "Diadorado", "Rosário De Maria" e "Folia Sorriso De Nuvens", Tavinho fez deste *Diadorado* uma bela aula de Brasil.

EDGARD REYMANN

HOODOO GURUS
Crank
BMG-Ariola
Repetir não é pecado

Se depois de catorze anos de estrada uma banda de rock continua lançando discos iguais aos primeiros, ela se mantem "fiel ao seu estilo" ou se tornou "repetitiva"? E se seu som muda, essa banda se "prostituiu para vender mais" ou "mostra uma evolução"?

No meio desta encruzilhada estava o Hoodoo Gurus, um dos mais significativos grupos de rock australiano. Eles preferiram manter a velha fórmula dos cinco primeiros álbuns e se deram bem. *Crank* usa as mesmas guitarras e backing vocals que têm sido marca registrada da da banda e não decepciona. Para os novos fãs, *Crank* pode soar até meio datado, mas quem sempre se amarrou em Hoodoo Gurus pode comprar sossegado. *Zé Lucio Carmo*

RITA LEE
A Marca da Zorra
Som Livre
Enterrada na mesmice

A Marca Da Zorra, gravado ao vivo durante a última turnê de Rita Lee, traz a inédita faixa-título e desfila alguns dos hits colecionados pela cantora, a maioria escritos em parceria com Roberto De Carvalho.

A lamentação fica por conta da mesmice que paira ao longo do disco. Afinal quem gosta de Rita tinha alguma esperança de que a cantora voltasse a abraçar seu velho som. Mas o que se ouve no álbum são as mesmas guitarras empastelladas e os mesmos fracos arranjos dos últimos tempos. Prova disso são as lamentáveis versões de "Ando Meio Desligado" e "Ovelha Negra". Se o presente não convence, Rita não deveria ter mexido com os clássicos que um dia escreveu. *Helio Gomes*

ENYA
The Memory Of Trees
WEA Music
Plantas murchas

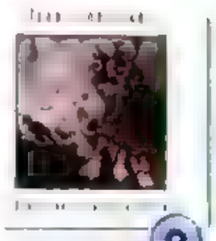
Enya ficou quatro anos em reclusão e volta agora com *Memory Of Trees*. O resultado é uma repetição sem sutilezas da mesma ladainha, desta vez sem escapar do ridículo (como na pseudo-flamenca tenta "La Soñadora" e na "Pax Deorum", um latim sacro patético). A começar pela faixa-título e pela desenguiçada "Anywhere Is", sabe-se que a obra será previsível. E pior, com letras babacas e alguns arranjos dignos de estudante primário nas artes do sintetizador. Justo no mesmo disco em que senta no trono, na foto de capa, Enya perde a majestade! *Christus Petermann*

Reggae de raiz, caule e frutos

Foi uma onda ruim. Entre *Too Wicked*, lançado em 90, e este *Rise And Shine Again*, que chegou às boas lojas lá de fora em 94, a legião de enfeitiçados pelo som do Aswad, a maior banda de reggae do planeta, viveu num mundo enfumaçado e cheio de dúvidas. Foram quatro anos na lanca por uma novidade, um alô, uma notícia do trio londrino nascido nas ruas cinzentas de Ladbroke Grove, mas abençoado pelo mais luxuoso balanço caribenho já ouvido.

Rise And Shine desemboca por aqui no vácuo da participação do grupo no Hollywood Rock e quebra o silêncio mas não o encanto. O Aswad vai bem, obrigado. Em alguns momentos engajada ("Day By Day", "Shine"), em outros apaixonada ("Heartbeat", "Pickin' Up"), a lâmina do grupo corta o passado, presente e futuro com a mesma precisão, unindo dub, *roots*, dancehall e soul num só baile. É reggae de raiz, caule e delicio-sos frutos. *Carlos Albuquerque*

ASWAD
Rise And Shine Again
Mesa Records/ Spotlight



TEARS FOR FEARS
Raoul And The Kings Of Spain
Epic/Sony Music
Longe demais da música pop

Não será desta vez ainda que os fãs escutarão algo estrondosamente popular como "Everybody Wants To Rule The World". *Raoul é* um trabalho mais intimista, em que Roland Orzabal pesquisa sua árvore genealógica hispânica e católica. Isto é audível em músicas como "Los Reyes Catolicos" e na faixa homônima, que abre com as guitarras mais estridentes de todos os tempos da banda. Em "Sketches Of Pain" há um *insight* flamenco na peculiar melancolia de Roland, destilada também na bela "Falling Down" e "Me And My Big Ideas" – com vocal de Oleta Adams. A única concessão ao pop aparece em "Humdrum And Humble". *Luiz A. Pecora*

LUIZ CARLOS DA VILA
Raças Brasil
Velas
Para Marisa Monte conferir

Este aqui é para desmentir a expressão "samba como não se faz mais hoje em dia". Faz, sim senhor. O malandro da Vila Da Penha – e não de Vila Isabel como teimam alguns – acerta na mistura de humor e poesia que dá graça a "Um Samba Pra Lili", "A Vitoria De Chico Magro" e "A Vida É Assim". Com lampejos de Geraldo Pereira e alguns versinhos antológicos ("Bem diz a razão/ E eu continuar buscando emoção" – ele desfila o samba-campeão "Kizomba (A Festa Da Raça)" e a homenagem a Candeia ("O Sonho Não Acabou"). E ainda arrisca um "Samba Que Nem Rita Adora" (comentando "A Rita", de Chico Buarque).

Marisa Monte bem que podia dar uma legada para Luiz Carlos e conferir sua gaveta. *Pedro Só*

ZION TRAIN
Homegrown Fantasy
Mesa/ WEA Music
Dub noise e colsa e tal

Zion Train é uma viagem. A banda, na verdade, é um *sound-system* – grupo de DJs, *toasters*, técnicos de som, operadores de trio elétrico e afins – dono do estúdio Wibbly Wobbly World em Londres. O núcleo é Cod, Tench & Perch e eles estão na crista da onda de *dub-dance, dub-house, ska-trance*, qualquer coisa. Mas o Zion Train não se preocupa com as linhas divisórias da cultura dance: a atitude é rock, o som é hipnótico, cheio de *grooves* gostosos e que esbanjam cultura de raiz – literal e no sentido erva – e efeitos dub.

O encarte traz informações históricas (pescadas na Internet) sobre o uso da erva no mundo inteiro e sobre como interferir em linhas telefônicas, além de um mini-dossiê sobre grandes conspirações de nossa era. *Homegrown* é um CD conceitual. O conceito é alegria perpetua. *João Montanha*

Mutações no mundo do metal

Dois projetos paralelos, dois figurões do metal mundial, dois trabalhos pesadões e agressivos com influência de Black Sabbath... Dois discos bons pra cacete! *Plastic Planet*, do GZR, de Geezer Butler, é o que o tal do Black Sabbath ressuscitado de Tom Iommy deveria ser: pesadíssimo, cheio de climas e melodias que até lembram o auge do bom e velho Sabbão. Só que sem nostalgia. É rápido em alguns pontos, industrial em outros e tem um sotaque superatual por conta da gritaria do vocalista Burton Bell, do Fear Factory.

Nola, do Down, é uma espécie de criatura mutante cujos pais são Pantera e Black Sabbath. Espuma agressividade – Phil Anselmo, do Pantera, continua berrando feito um alucinado – e segue os passos do Sabbath direitinho. Fácil de agradar ao fã de metal. *Robert Halfoun*

G/Z/R
Plastic Planet
TVT Records
DOWN
Nola
Elektra/WEA Music

THE AMPS
Pacer
4AD/WEA Music
Mrs. Breeders põe no chinelo

Kim Deal, líder e musa das Breeders, coloca todas as suas sucessoras no chinelo até quando grava um trabalho despretensioso. *Pacer* é um dos grandes discos do ano mesmo com 33 minutos de duração. Ha levadas *velvetianas* ("Pacer"), limbres do Sonic Youth ("I Am Decided") e um hitão improvável quanto "Cannonball" – "Tipp City". Outras musicas parecem até sobras de ensaio.

Kim Deal mostra que até seu aparente desleixo (chega ao ápice da preguiça naquele em "Empty Glasses") é mais criativo do que o esforço das musas que flutuam sem consistencia no rock anos 90. *Carlos Marcelo*

Raza Odiada
Roadrunner
Ay caramba!

O Brujeria, uma banda de *grindcore* que canta em espanhol e tem integrantes que respondem pelos apelidos de Juan Brujo (vocais) ou Asesino (baixo), é uma piada. Só que daquelas engraçadas e inteligentes.

Os caras se dizem politizados (meio zapatistas meio sandinistas) mas vendem drogas e atiram em quem se interpõe em seu caminho. De quebra, nas horas vagas, detonam um thrash/death animal!

Raza Odiada tem faixas trabalhadas, com guitarras cortantes e uma cozinha paquidérmica. Lembra um cruzamento de Sepultura com Pantera. Som pra enlouquecer o pescoço. *Ivan Miziara*

JOÃO MARCELLO BÔSCOLI
João Marcello Bôscoli & Cia.
Epic/ Sony Music
Brisa gostosa da nova MPB

É absurda a superexposição do nome do baterista e produtor João Marcello Bôscoli. É foto do sujeito com cara de Elis Regina na capa e, na contracapa, a fazer beiço estilo Ronaldo Bôscoli. Bôscoli assina até sampler, fato médito na história do pop mundial.

Mas o CD tem qualidade e todos se mostram ótimos músicos. Inclusive o Pequeno Bôscoli, a pilotar bateria com toda competência. Seus arranjos soam deliciosos, funkosos. Os vocalistas Pedro Mariano e Simoninha são cantores de primeira água. O repertório é bem escolhido e enfeixa o melhor do pop autóctone, de Lennie a Cláudio Zoli, passando por Ben Jor e Belchior. Como primeiro disco uma brisa gostosa. Tomara que seja dada a devida dimensão de conjunto ao trabalho de Pequeno Bôscoli. *Luis Antônio Giron*

NAILBOMB
Proud To Commit Commercial Suicide
Roadrunner

De boas intenções...

É o adeus do projeto de Max Cavalera e do genro Alex Newport (Fudge Tunnel) do cenário roqueiro. E para sair com estilo, nada melhor que um ao vivo.

Pena que a pegada, a piração e a estranheza, tudo que a dupla tem de melhor, vão rolo abaixo. O disco sequer passa perto daquele som de moedor do primeiro disco da dupla. As programações eletrônicas estão escondidas atrás das guitarras, a bateria de Igor Cavalera não soa com a metade do peso que deveria ter. Tudo fica aquém do que o grupo realmente é.

Quer ouvir aquele som poderoso e demolidor? Fica com *Point Blank*, o primeiro do Nailbomb. *R. H.*

VARIOS
In From The Storm – The Music Of Jimi Hendrix

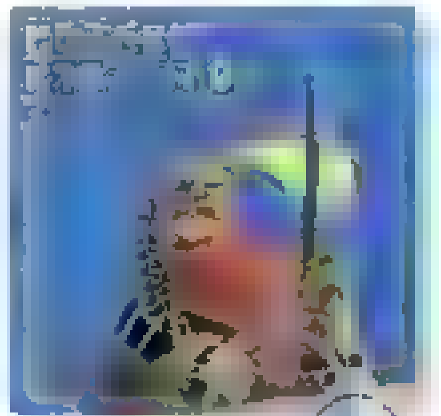
A magia prevalece

A diferença entre *In From The Storm* e outros tributos é que, aqui, a inigualável magia de Hendrix é homenageada por figuras realmente importantes, algumas lendárias, da esfera do rock e *fusion* mundiais.

Músicas como "The Wind Cries Mary" (talvez a faixa mais sutil e brilhante do disco, com John McLaughlin e Sting), a ótima "In From The Storm", "Bold As Love" e "Purple Haze" (que ficou meio bizarra) receberam tratamentos tanto interessantes quanto curiosos. Também do disco participam nada menos do que Stanley Clarke, Brian May, Steve Vai, John McLaughlin, Sting, Santana e mais. São outros nomes de muita responsa. Além da participação (nem sempre bem-vinda, vale a pena lembrar) da London Metropolitan Orchestra.

Não é de se admirar que, com todo esse suporte técnico, o resultado final de *In From...* seja superior ao da maioria dos trabalhos-homenagem, que normalmente oscilam entre o passável e a cafonice sem retorno.

Jean Pierre Verdiguer



PETER PERFEITO
Funk Rock Nervoso
Rock It/Virgin

Sacanagem em ritmo de funk

O nome já diz tudo e eles não enganam: o som é uma poderosa mistura entre rock e funk. O Peter Perfeito vem de Brasília, apesar de já ter uns dez anos de estrada, só agora assina com uma grande gravadora.

Antes tarde do que nunca. A banda tem tudo para ser mais um fenômeno de vendagem entre adolescentes na linha Raimundos. O resultado é um ótimo e pesado disco de estréia, com destaque para "Lili Carabina", "Antonieta" e a maravilhosa cover de The Cure, "Killing An Arab", em versão hardcore.

O único porém de *Funk Rock Nervoso* fica por conta das letras. Às vezes elas têm uma ingenuidade adolescente além da conta para quem já passou dos quinze. Melhor deixar os "problemas sociais" de lado e investir mais na putaria.

Carlos Gregori

JIMMY ROGERS
Ludella
Antone's/ Eldorado

O filho de Muddy Waters

Um dos últimos sobreviventes da época áurea de Chicago, o guitarrista Jimmy Rogers tem um currículo fabuloso, com uma importante passagem pelo grupo dos lendários Willie Dixon e Muddy Waters (a quem chama de pai).

Ludella, que sai por aqui graças à parceria entre o selo Antone's e a gravadora Eldorado, traz gravações ao vivo e em estúdio de canções escritas por Rogers. O que se ouve é blues urbano em estado bruto, com a ajuda preciosa de especial do ex-guitarrista Kim Wilson, ex-Fabulous Thunderbirds. O único tributo ao passado está numa boa releitura de "Got My Mojo Working", de Muddy Waters.

Ludella é um disco para quem já estava com saudades do blues interpretado com a alma. *Hélio Gomes*

K.D LANG
All You Can Eat
WEA Music

Só para entendidas

É chato constatar, mas k.d. lang já não chama mais atenção. Em seu primeiro disco original em três anos — descontando a trilha sonora de *Even Cowgirls Get The Blues* —, esperava-se mais da cantora canadense.

Sem o exotismo dos acordeões de *Ingenue* ou as *steel guitars* de seus primeiros trabalhos, *All...* é uma coleção de baladas arrastadas.

As letras são mais interessantes e ousadas do que o som. É uma cartilha do amor lésbico. Como mostra "The World Of Love", em que k.d. canta languidamente: "O toque do sol acaricia a pele dela". Como se vê, para um público específico.

Pieter Chiarelli

HENRY MANCINI AND HIS ORCHESTRA
Pink Panther And Other Hits
RCA/BMG-Ariola

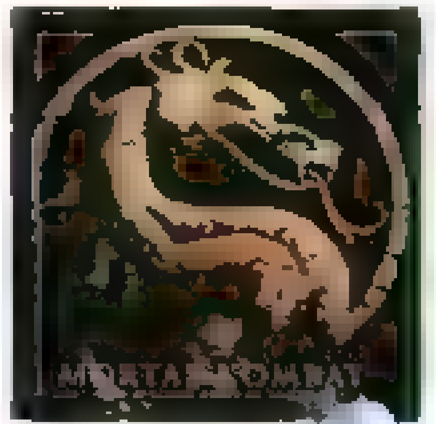
De rosa para desbotada

Durante seu auge, nos anos 60, o compositor Henry Mancini (1924-94) revolucionou o uso das trilhas sonoras no cinema com seu ouvido afiado para ritmos mais populares e "assinaturas" musicais que eram quase um retrato dos personagens — o tema de *A Pantera Cor-De-Rosa*, por exemplo.

Hoje, quem ouvir este CD vai se deparar com uma constatação óbvia: a parte mais importante do gênio de Mancini estava nas melodias. De *A Pantera Cor-De-Rosa* a *Hatari!*, de *Charada* a *Bonequinha De Luxo*, elas são um triunfo da engenharia musical. As canções adquiriram vida própria, feito raro no cinema.

A má notícia é que os piores vícios musicais dos anos 60 estão presentes nos arranjos, como a tara por xilofones e os corais de fundo. É o clima de época que torna a audição do CD cansativa.

Isabela Boscov



VARIOS
Mortal Kombat
TVT/Top Tape

Mundinhos em colisão

Do celestial *trance* aos escombros infernais do death metal, a trilha de *Mortal Kombat* reúne dois mundos paralelos. O confronto entre o bem e o mal rende uma fervida pista de dança, com Traci Lords ("Control"), Orbital ("Halcyon") e Psykosonik ("Unlearn"), e passa por atuações de KMFDM e Gravity Kills, até chegar à aberração do Napalm Death. No purgatório ficaram nomes como Sister Machine Gun e o Bile, servindo apenas para aliviar a queda.

Luiz A. Pecora

RÁPIDO & RASTEIRO

Este *Rápido & Rasteiro* é dedicado, carinhosamente, aos milhares de paulistas, cariocas e mineiros que invadem a Bahia durante o verão à procura de "toda essa energia que emana da massa".

O despirocado **Tonho Matéria** mistura axé-reggae-trio elétrico e pagolada. Alguém que consegue intitular músicas como "Carcacinha", "Pagolada de Queinho" e "Run Bracadá" já deve ter tido metade dos neurônios torrados pelo sol de Salvador. Mas o melhor fica por conta de "Aquela Morena", em que baixa até um Kunta-Kintê rápido. Será que eu não entendi? Outro que faz pensar que a vida realmente deve ser "massa" *é* **Zé Paulo**. Ele vai além e consegue misturar o axé-reggae habitual com o brega romântico. Homenageia a Timbalada, o Olodum, arrisca um reggae, canta até em portunhol! E não chega a nada. O que salva é "Fogueira de Desejos", um forró dos bons. A **Banda Mel** (com m mesmo!) chega com seu **Todo Mundo Dança**. A única diferenciação fica por conta da batidinha de samba em algumas músicas. Ouvindo **Olodum Ao Vivo**. Não dá pra negar que eles são bons. Pena que falte a vibração e a energia (ih, será que isto é contagioso?) do verdadeiro ao vivo.

A **Cheiro De Amor** vem com **Agitando Todas**. É a mesma fórmula de axé-trio elétrico-carnaval de rua. Que eles agitem bem longe daqui! Não menos pior é **Arrebenta De Novo** do **Pimenta N'Ativa**, que também tem as manhas (sim, é preciso ter as manhas) de intitular suas músicas como "Poderosa", "Barca Da Alegria" e "Porto Da Paixão". Em "Poderosa", eles conseguem rimar poderosa com rosa e heroína com menina. E para completar a lavagem cerebral, ainda tem. **A Lenda** do **Asa De Águia**, uma boa mistura de axé, salsa e frevo. Mas o que faz um guarda-sol amarelo, uma prancha de surf amarela numa praia de Fernando De Noronha? Resumindo: ou você se mantém bem longe da Bahia neste verão ou manda ver no cravinho que tudo vai parecer "lindo". *C. G.*

Bolsa de discos

Média	Disco	Carlos Albuquerque (O Globo)	Hagamenon Brito (O Correio Da Bahia)	Israel Do Vale (O Estado De SP)	Luis Brasco (Jornal Do Brasil)	Marcelo Fróes (Zero Hora)	Ricardo F. Cruz (TRIP)	Roberto M. Maia (FM Brasil 2000)	Sérgio Martins (Showbizz)	Sylvia Colombo (Folha De SP)	Bandeira (VJ MTV)
8,44	SUPERGRASS *I Should Coco* EMI	8	10	•	7	8	8	8	8	8	9
7,77	ROLLING STONES *Stripped* Virgin	8	8	8	7	8	5	8	7	10	8
7,50	SMASHING PUMPKINS *Mellon Collie And The Infinite Sadness* Virgin	6	8	9	7	8	2	8	7	10	8
7,22	STEVIE WONDER *Natural Wonder* Polygram	8	•	8	8	6	8	7	8	7	5
7,14	JOÃO BOSCO *Dá Licença Meu Senhor* Sony Music	•	7	9	•	7	5	7	7	8	•
6,60	RAIMUNDOS *Lavô Tá Novo* WEA Music	7	8	8	5	7	5	8	8	4	6
6,12	PATRA *Scent Of Attraction* Sony Music	8	8	•	4	•	5	5	9	3	7
6,00	OFFSPRING *Smash* Paradoxx	6	7	•	6	5	7	5	5	•	•
5,77	LOBÃO *Nostalgia Da Modernidade* Virgin	•	6	6	7	7	2	7	5	9	3
5,33	SIMPLY RED *Life* Continental	5	5	8	6	•	2	6	6	4	6

BEATLEMANIA GELADA

OK, você foi bombardeado pelo revival dos **BEATLES**, com direito até a seletiva Rede Globo se sujeitando a passar especial do grupo em horário nobre. Esperou 25 anos para ouvir uma música "inédita". Mas será que valeu a pena? **Anthology**, primeiro dos três CDs duplos que vão ser lançados pela gravadora EMI, não empolga.

Primeiro, não cumpre seu objetivo, que é combater a pirataria oficial da Itália, facilmente acessível. Depois, tudo o que há neste *Anthology* já fora bem documentado antes em CDs não autorizados - pelo grupo e seus tutores - como "That'll Be The Day" (acetato de 58, quando se chamavam Quarrymen), músicas do teste fracassado de 62 para a Decca e *takes* alternativos de canções conhecidas. E quem não é devoto, não vai gostar dessas gravações pouco comerciais e com som irregular. Quanto à "inédita" e bem mediana "Free As A Bird", a versão pirata que traz Lennon só no piano é preferível a de *Anthology*. Paul, George e Ringo acrescentam os seus instrumentos com autêntica mão de chumbo. A mágica dos Beatles pode não ter sido destruída, mas, com certeza, não foi recriada.

Paulo Cavalcanti

SAUDOSA MISTURANÇA

Quando a notícia do final do **LIVING COLOUR** surgiu uma das páginas da história da música pop foi virada. A banda criada pelo guitarrista Vernon Reid, oriundo do *free jazz* nova-iorquino, abriu inúmeras portas ao longo de sua curta e profícua carreira.

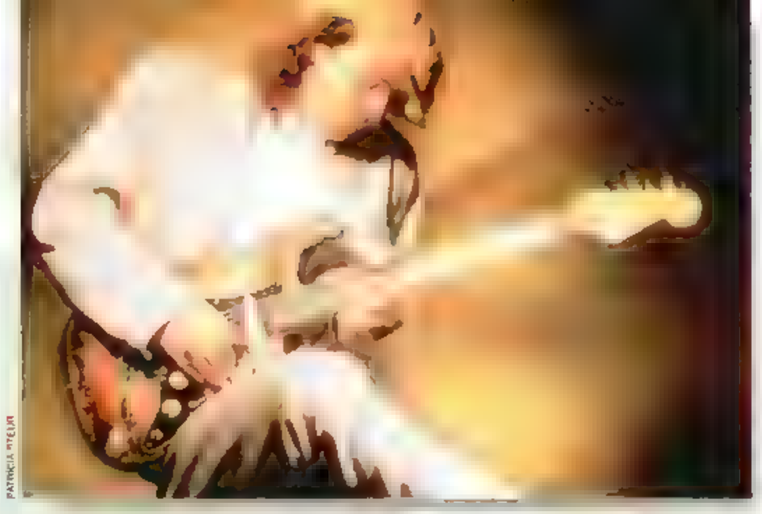
A fusão de estilos e idiomas musicais criada por Reid, o vocalista e dublê de ator Corey Glover, o baterista William Calhoun e os baixistas Muzz Skillings e Doug Wimbish traduziu de forma perfeita uma faceta do cenário musical da virada dos anos 90: a simplicidade de violões e harmonias quadradas convivia harmonicamente com *samplers*, brinquedos eletrônicos de todo tipo e a mais alta tecnologia. Quem teve a felicidade de ver a banda no Brasil conferiu ao vivo o poder desse caldeirão.

Mas vamos ao disco. **Pride** disseca todas as fases do Living Colour reveladas em três álbuns e um EP, *meio* ao vivo, *meio* em estúdio. Duas músicas inéditas e uma versão ao vivo de "Memories Can't Wait" dão o tempero necessário para que a mistura não tenha gosto de pão adormecido.

Os clássicos surgidos em quase dez anos de carreira mantêm presença de forma gloriosa. De "What's Your Favorite Color?", tema do Living Colour à belíssima "Nothingness", feita para o pai de William Calhoun, quase todos estão lá. Esses ingredientes fazem de *Pride* um disco obrigatório para quem quer entender o que foi a música pop nos últimos anos.

Helio Gomes

O GIGANTE QUE DEIXOU O BLUES ÓRFÃO



De tempos em tempos, o blues revela artistas que deixam sua assinatura na música pop. Foi assim com Robert Johnson, Muddy Waters, Jimi Hendrix, Eric Clapton... Nos anos 80, um sujeito maluco, saído das bibocas de Austin, no Texas, foi escolhido para dar continuidade a essa história. Seu nome: **STEVE RAY VAUGHAN**.

Um bom balanço do legado deixado pelo guitarrista, morto prematuramente num desastre de helicóptero em 91, pode ser conferido na ótima coletânea **Greatest Hits**. O disco cai como uma luva para quem não conhece bem o trabalho de Stevie e, ao mesmo tempo, satisfaz seus velhos fãs.

No álbum estão clássicos remasterizados do porte de "Texas Flood", "Pride And Joy", "Couldn't Stand The Weather" e "Crossfire", marcas registradas de um cantor gutural e guitarrista brilhante, um homem que fez escola e deixou muitos filhotes espalhados pelos botecos do planeta.

A novidade fica por conta de uma versão originalíssima de "Taxman" – a faixa que abre o antológico *Revolver*, gravado pelos Beatles em 66 –, que o guitarrista passou a tocar em sua última turnê. Isto sem falar da maravilhosa versão instrumental de "Little Wing", a bela canção de Jimi Hendrix.

Segundo boatos, muito material inédito de Vaughan está nas prateleiras da Epic, que, sabiamente, espera o momento certo para colocá-lo no mercado. Enquanto isso, o negócio é matar as saudades com essa brilhante coletânea.

Helio Gomes

Steve Ray Vaughan também ganhou um vídeo inédito. Live In Austin traz oito músicas ao vivo, em duas participações do guitarrista num programa de TV local, em 83 e 89. Há blues/rocks cheios de alma e balanço, como "The House Is Rockin'" e "Crossfire" e *covers* de dois mestres do texano: "Leave My Girl Alone", de Buddy Guy, e "Voodoo Child", de Jimi Hendrix. Como bônus, o clip de outro clássico de Hendrix, "Little Wing". Uma colagem de imagens de astros do blues, como o deus Albert Collins, guitarras e mais guitarras, numa montagem tocante.

João Ricardo Lima

O VOZEIRÃO que todos a-do-ram

BARRY WHITE, a voz que seduzia as mulheres nos anos 70, quem diria, hoje é sensação entre gays. O fato é que os meninos – não só eles – simplesmente a-do-ram *disco*, e, quando o assunto é este, Barry White é referência.

Apesar de vir da Califórnia, ele foi um dos que mais contribuiu para a difusão do Philly Sound, som da Filadélfia, que unia percussão latina, arranjos de cordas e metais, mais a soul music desprovida do seu tempero funk.

In Rio e **Definitive Collection** – esta do **LOVE UNLIMITED ORCHESTRA**, trio feminino descoberto por ele em 72 – trazem gravações feitas para o próprio selo de White, o Unlimited Gold, entre 78 e 85. Estas composições até hoje eram inéditas em CD.

As duas compilações preparam o lançamento de onze discos do selo, promovidos pela gravadora para 96. Não é o melhor de White nem do Love Unlimited, mas se salvam com a ótima "Rio De Janeiro" e "Any Fool Could See You Were Meant For Me", no primeiro, e "I'm So Glad I'm A Woman" e "Bayou", com o trio feminino.

Edgard Reymans

REPLAY CLÁSSICOS EM CDS

A JAMAICA É AQUI

O selo Paradoxx conta a história do reggae, dos anos 60 aos dias de hoje, passando pela pregação rastafari e cantores românticos. Um dos destaques é Gregory Isaacs (foto), conhecido como o "Roberto Carlos da Jamaica".

O selo paulista Paradoxx lança discos que dão uma amostragem da história do reggae. São eles: dois volumes da série **Ska Spetacular. The Stars Of Reggae Sunsplash, Live In London**, de **FREDDIE MCGREGOR, My Number One** de **GREGORY ISAACS** e **Peace And Love**, do **CULTURE**.

Dizem que o reggae só surgiu depois de um verão brabo, que obrigou a galera a tocar devagar. Antes o ritmo da moda era o ska. *Ska Spetacular* traz grupos como Maytals e Ethiophians sofrendo uma bruta influência do R & B americano.

Stars Of Reggae Sunsplash tem, entre outros, Aswad, Shinehead e o ragga libidinoso de Shabba Ranks.

Em *Live*, Freddie McGregor vai de homenagens a Nelson Mandela ("Africa Here I Come") a baladas ("Let Him Try"). O único senão é o som, fraquinho. Já Gregory Isaacs é o fino em *My Number One*, feito sob medida para a galera do Maranhão.

Peace And Love, do Culture, é pregação rasta com o auxílio dos magos Sly & Robbie. *SÉRGIO MARTINS*

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET Cinema e Video
SHOWBIZZ Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR Surf
GRID Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU Idolos da Juventude
CARICIA Comportamento Adolescente
BOA FORMA Beleza, Fitness e Saude
HOROSCOPO Horoscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA Viagem Natureza e Ecologia
SAUDE É VITAL Prevenção e Saude

Arquitetura e Decoração

A&D Arte e Decoração

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VIDEO

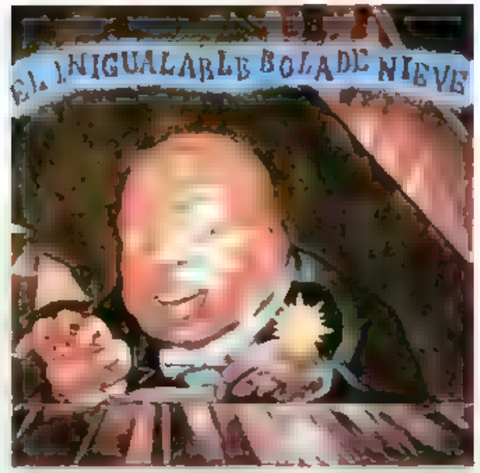
NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel (011)816-7866 Fax (011)813-9119 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av Presidente Wilson, 231 sala 2503 Castelo Rio de Janeiro CEP 20030-021 Caixa Postal 4816 - Tel (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1486/532-1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com Int e Consult Ltda - SDS Ed Venâncio III sala 202 - CEP 70300 - Brasília, DF - Tel (061) 321-0305 - Fax (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com e Representações Ltda Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel /Fax (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação Rua Edgar Borges, 18 sala 103 CEP 60050-000 Fortaleza/CE - Tel (085) 254-1666 Fax (085) 231-4761
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres Ltda Av Contorno, 5000 sala 1101 Ed Wall Street CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG Tel e Fax (031) 291-6470
Paraná: M L C Representações Comerciais R Cândido de Abreu, 526 - cj 504 Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel (041) 253-4048 - Fax (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda Av Marechal Câmara 160 9º andar sala 929 CEP 20020-080 - Telefax (021) 220-3762
Rio Grande do Sul Print Sul Av da Azenha 1502 - cj 206 - CEP 90060 Porto Alegre/RS Tel (051) 223-9528 - Fax (051) 217 1005
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond Village II - Florianópolis/SC Tel /Fax (048) 232-0519
Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda Rua Fabio Rusch 42 A Bento Ferreira - Espírito Santo - Tel (027) 325-3529 - Fax (027) 324-0421

CUBANO DE BOA SAFRA



El Inigualable Bola De Nieve (Velas) abre com algumas palavras do artista. Com voz de travesseiro, ele diz que vai interpretar uma série de *cantáres* "a mi manera". Trata-se da mais pura verdade.

Na história da música, ninguém ousou tocar piano ou cantar como Ignácio Jacinto Villa Fernandez (1911-1971) - **BOLA DE NIEVE**, por conta de sua obesidade e cor, apelido tanto cômico quanto racista. Aos primeiros sons, reconhece-se o jeito tão havanês de rolar pelo teclado, como notou um velho amigo de sauna, o escritor Cabrera Infante. De sussurrante a lixenta, a voz recria *standards* internacionais como "La Vie En Rose" e "Be Careful, It's My Heart". Pena que as nossas "Aquarela Do Brasil" e "Faixa De Cetim", ambas de Ary Barroso, ficaram de fora da seleção de músicas gravadas na Cuba dos anos 40 e 50, pré-Fidel Castro.

Para conhecer as pequenas obras-primas de Bola De Nieve como "Chivo Que Rompe Tambo", "Mesie Julian", "Ay Amor", recomenda-se ouvi-las de madrugada, baforando um Montecristo número 5 e entornando um Havana Club. Convém, entretanto, não exagerar na dose, sob o risco de ir buscar no fundo da gaveta um punhal. *ÁLVARO COSTA E SILVA*

QUASE QUEEN

lançamento **Queen In Nuce** é uma curiosidade para os fãs do **QUEEN**. Traz músicas do Smile e do Larry Lurex, uma banda e um projeto experimental que resultaram no Queen que o mundo conheceu.

O Smile surgiu em 68 pelas mãos do baterista Roger Taylor e do guitarrista Brian May. Nas músicas, já é possível sentir a sensibilidade de Mercury e May. São boas composições que nos remetem ao Queen dos anos 70, como "Blag" e "Step On Me".

"Going Back" e "I Can Hear Music" são creditadas ao projeto Larry Lurex. Foi a última cartada de um pré-Queen desesperado, em busca de um contrato. Elas atraíram as atenções da EMI, que os fisgou no mesmo ano. "Mad The Swine" é a única a ser assinada como Queen e é o melhor momento de *Queen In Nuce*. Confirma a maturidade musical no ponto de partida de uma banda inesquecível. *GASTÃO MOREIRA*

O MELHOR DOS CARINHAS

Levou quase 30 anos para sair algo do **SMALL FACES** no Brasil. São dois discos da banda favorita dos mods que chegam às lojas, via Paradoxx: **Small Faces** e **Ogden's Nut Gone Flake**. O álbum homônimo da banda foi o primeiro disco que eles fizeram pela gravadora Immediate. O saudoso Steve Marriot mostra aqui por que foi considerado um dos grandes cantores brancos de R & B. *Ogden's* é essencial para se entender o rock britânico dos anos 60, misturando psicodelismo e teatro. Destaque do álbum, o hit "Lazy Sunday". *P. C.*

London Features

LUZ, CÂMERA E ELVIS PRESLEY

Depois das caixas com material de estúdio dos anos 50 e 60, a BMG dá tratamento digital ao restante da obra musical de **ELVIS PRESLEY**. Dois belos lançamentos estão chegando às lojas via importação.

O CD duplo **Command Performances – The Essential Sixties Masters** reúne as melhores atuações do Rei Do Rock nos cinemas. Aqui, tem de tudo: Elvis cantando bossa nova ("Almost In Love"), *surf music* ("Girl Happy") e bancando o *cucarracha* ("Marguerita").

O lançamento também traz vários clássicos como "Return To Sender" e "Can't Help Falling In Love" – anos mais tarde gravada pelo UB-40.

O Elvis dos anos 70, fase boca-de-sapo/Las Vegas está na caixa com cinco CDs intitulada **Walk A Mile In My Shoes**. A caixa é dividida assim: dois CDs englobam os compactos; dois, os pontos altos dos LPs da época, o outro contém gravações ao vivo. Tem muito material inédito, como Elvis cantando, por exemplo, "Lady Madonna", dos Beatles. Mesmo às vezes derrapando na breguice, ninguém pode negar que ele estava à vontade e cantando como nunca.

Paulo Cavalcanti

O lado cool de Madonna

A própria **MADONNA** explica na contracapa de **Something To Remember** que decidiu lançar um disco só de baladas (com apenas duas músicas inéditas) porque "tanta controvérsia em torno de minha carreira fez com que se prestasse pouca atenção à minha música".

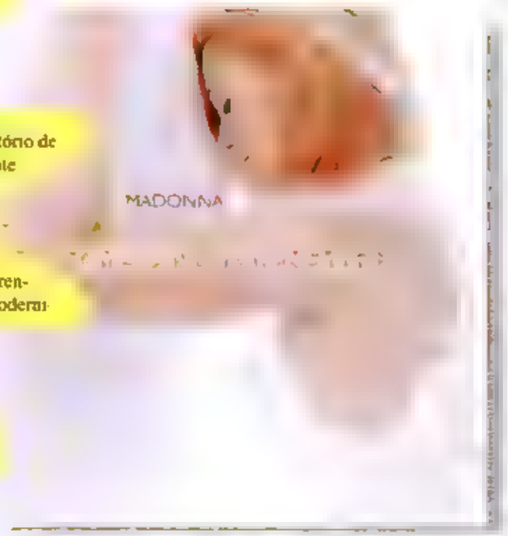
Mas não caia nessa: Madonna está mesmo exercitando seu músculo marketeiro.

O álbum permite enxergar uma clara evolução na escolha do repertório de Madonna. Dos tempos em que ela era a rainha do público adolescente ("Crazy For You", de 83) até chegar à artista mais madura e mais *cool* que ela pretende ser nos tempos atuais. O álbum abre e fecha com exemplos dessa nova *persona*: duas versões de "I Want You" (incluída num excelente disco em tributo a Marvin Gaye), gravada com os geniais ingleses do Massive Attack. Poucas vezes Madonna soou tão elegante e tão à frente da competição como nesta versão. Embora se perceba que tanta "modernidade" se deve a uma simples escolha da companhia certa.

Something... não tem nada de controverso, nada de chocante, nada de provocante: apenas uma coleção de boas baladas.

Talvez uma nova maneira de se vender a artista: Madonna, uma intérprete. E só.

José Emilio Rondeau



MUTANTES

A Divina Comédia Dos Mutantes

CARLOS CALADO

Editora 34
Preço: R$ 29

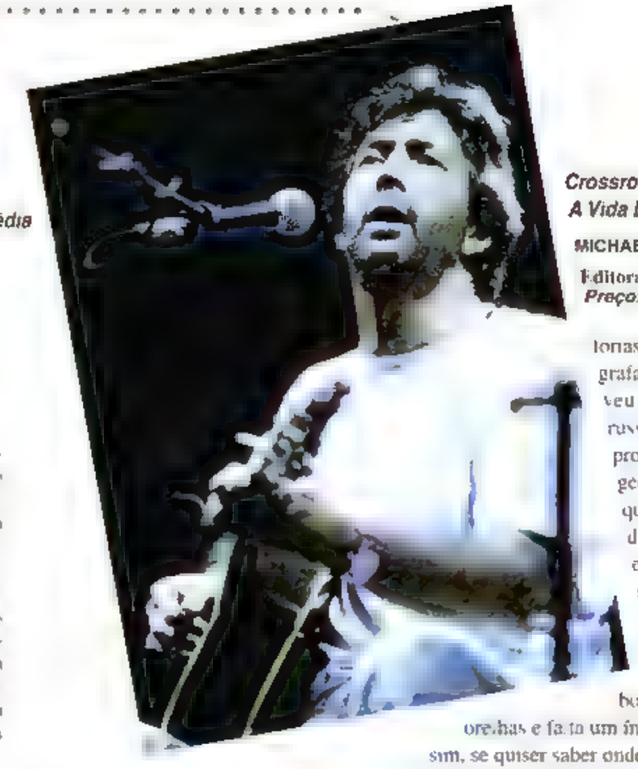
A Turma Da Mônica do rock & roll

Se for para virar bolor, que seja em forma de livro. No caso, um livro feliz como *A Divina Comédia Dos Mutantes*, biografia que o jornalista Carlos Calado fez da mais importante banda de rock do Brasil.

Enfim, historificado para a posteridade o grupo que um dia teve Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias aparece nestas páginas menos doido do que magnificamente lúcido que hoje o cultua. Mas isso em nada tira a delícia de acompanhar as aventuras e travessuras quase ingênuas desta Turma Da Mônica que caiu no *sex, drugs & rock & roll*.

Mais do que revelar *gossips* pessoais, o trabalho de pesquisa de Calado (excelente no período que cobre a infância e a adolescência dos mutantinhos) reconstitui momentos de criação que revolucionaram a MPB e faz justiça ao mutante oculto Cláudio César – irmão mais velho de Arnaldo e Sérgio e artífice das mais ousadas inovações sonoras do grupo. Essencial.

O leitor termina seco para reconstituir melhor os fatos que antecedem a tentativa de suicídio de Arnaldo em 82 (episódio que abre o livro). Essa, porém, é outra história. Quem se habilita a contá-la? *Pedro Só*



Crossroads
A Vida De Eric Clapton

MICHAEL SCHUMACHER

Editora Record
Preço: R$ 29

Um solo lento de Eric Clapton

Antes de tudo: não, o autor não é o bicampeão mundial de Fórmula 1. Talvez por isso mesmo esse tal de Schumacher, um jornalista que também transformou em livro a vida do poeta *beat* Allen Ginsberg, tenha feito uma biografia tão devagar de Eric Clapton.

As histórias são contadas com a profundidade de uma xícara de café – e olha que histórias não faltam ao biografado, que sempre viveu numa montanha-russa entre o sucesso profissional e suas tragédias pessoais. Para quem sabe um pouco de Clapton, o que está nesta biografia soa como um gugudadá repetitivo. E a edição é pobre: a foto de capa não é boa, o livro não tem orelhas e falta um índice remissivo (assim, se quiser saber onde há uma passagem de Clapton com Bob Dylan, por exemplo, o leitor tem de ir caça página por página).

Para os fanáticos, duas coisas boas, a lista de todas as bandas em que Clapton tocou, com as formações originais e suas variações através dos tempos, e uma discografia selecionada, que inclui os discos para os quais ele foi convidado a participar – como o *Álbum Branco*, dos Beatles. Mas isso é pouco. Enfim, eis um caso clássico de biografia que é infinitamente menor do que o biografado.

W.F. Paiovani

Raul Rock Seixas

KIKA SEIXAS

Editora Globo
Preço: R$ 18

Baú sem fundo

O baú do Raul é uma peça folclórica em que o roqueiro guardava suas anotações diversas. Porém, com a morte do artista, em 89, ele está mais para uma arca sem fundo, a desenterrar canções, anotações, desenhos etc.

O mais novo fruto deste artefato misterioso é *Raul Rock Seixas*, uma compilação de Kika Seixas, ex-mulher do Raulzito. Contém curiosidades, como seu primeiro texto – escrito aos doze anos de idade –, uma música dedicada a Elis Regina e uma charge de Herbil.

Os fãs de Raul Seixas vão adorar, principalmente graças a um enorme pôster colorido que acompanha essa publicação. Mas para os não doutrinados em *raulseixismo*, o livro não chega a empolgar. Melhor ficar com os discos de Raul, estes sim, geniais. *Sérgio Martins*

Letra, Música E Outras Conversas

LEONI

Editora Gryphus
Preço: R$ 22

Os segredos da inspiração

A culpa é de Bill Flanagan. Sim, foi ele quem, ao escrever *Por Dentro Do Rock*, um calhamaço contendo entrevistas com autores do quilate de Keith Richards e Bob Dylan, despertou o escritor adormecido em Leoni. O ex-baixista do Kid Abelha e Heróis Da Resistência resolveu fazer um similar brasileiro do livro de Flanagan, entrevistando a nata do rock e pop nacional.

Leoni consegue feitos interessantes. Entre outras revelações, sabe-se a razão do conteúdo biográfico das letras de Nando Reis, uma parceria medita entre Renato Russo e Marisa Monte. Mas informal, só se o Renato te convidar para uma macarronada! *S.M.*

O Início Do Fim

JIMI HENDRIX
Live At Monterrey
BMG Video
Duração: 48 minutos

É o famoso show que apresentou Jimi Hendrix para o publico americano. Na época, o guitarrista era uma febre nos palcos londrinos, onde angariava fãs como Eric Clapton e Paul McCartney. Mas um completo desconhecido em sua terra natal.

O *stone* Brian Jones faz as vezes de mestre-de-cerimônias e o que vem a seguir é adrenalina pura. Para uma platéia composta em sua maioria de adeptos do *flower power*, Jimi toca guitarra com os dentes, "estupra" o instrumento, colocando-o de encontro aos amplificadores e taca fogo na guitarra, num ritual músico-erótico. Em meio a isso tudo rolam clássicos mesquecíveis como "Purple Haze", "Wild Thing", "Hey Joe".

Porém, *Live At Monterrey* deixa um gosto amargo. Foi justamente esse *performance* endiabrada que acabou por "queimar" Hendrix. No momento que ele queria apenas ser ouvido, o publico fazia questão de conferir as piruetas eróticas do guitarrista.

Sérgio Martins

BON JOVI
Live From London
PolyGram
Duração: 90 minutos

Ele rebola, elas gritam e choram

Live From London é o sonho de qualquer fã do Bon Jovi. São mais de 90 minutos de Jon Bon Jovi ao vivo e a cores num Wembley Stadium abarrotado.

O show traz o repertorio de seu último álbum, *These Days*, passando pelos sucessos "Livin' On A Prayer", "Keep The Faith" e "This Ain't A Love Song".

Não precisa ser fã de Bon Jovi para curtir se você tiver o mínimo de senso de humor, vai ver que um video desses pode ser muito engraçado. Diante de um público predominantemente de gordinhas inglesas chorosas, Jon Bon Jovi vestindo uma calça agarrada e com uma bandana na cabeça, rebola, toca maracas, balança a cabeleira de um lado para o outro, põe a mão no coração quando detona suas baladas e até chama uma criança pra dançar com ele (que bonito). Ah, ele também canta. Um video para fãs.

Cláudia Grecchi

COMPRE E RECEBA
PELO CORREIO
TEL.: (011) 299-7478

CAMISETAS
ESTAMPA FRENTE E COSTAS
COSTAS COM ESTAMPA DIFERENTE
MANGA CURTA (TE)
MANGA LONGA (LTE)
TAMANHOS P, M, G

SEJA UM REVENDEDOR DA STAMP
SOLICITE INFORMAÇÕES POR TELEFONE OU CARTA

TE 113 TE 118 TE 103 TE 108 TE 121 TE 124 TE 122 TE 119 TE 112
TE 120 TE 125 TE 106 TE 123 TE 114 TE 117
TE 107 TE 109 TE 115 TE 104 TE 111 TE 105
TE 116 TE 110 TE 25 TE 94 TE 43 TE 97 TE 34 TE 61 TE 86
TE 20 TE 63 TE 84 TE 60 TE 90 TE 80 TE 95 TE 52 TE 42

VENHA CONHECER NOSSA LOJA NA GALERIA DO ROCK
Av SAO JOAO 439 - 2º AND - LJ 337 SAO PAULO SP - TEL. (011) 222-9984

PREÇOS
MANGA CURTA (TE) R$ 22,00
MANGA LONGA (LTE) R$ 26,00

NA COMPRA COM CARTÃO DE CRÉDITO OU CHEQUE
GANHE 10% DE DESCONTO
NOS PREÇOS ACIMA

COMO FAZER SEU PEDIDO
VOCÊ TEM 3 OPÇÕES DE PAGAMENTO
CARTÃO DE CRÉDITO
CHEQUE
REEMBOLSO POSTAL
EM QUALQUER OPÇÃO A DESPESA POSTAL SERÁ PAGA PELO CLIENTE
VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SUA ENCOMENDA NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA
ENVIAR PELA SEGUINTE FORMA DE PAGAMENTO
CARTA DE CRÉDITO
CHEQUE
REEMBOLSO POSTAL
AUTORIZO O DÉBITO DESTE PEDIDO EM MEU CARTÃO DE CRÉDITO
CREDICARD
MASTERCARD
DINERS
TITULAR
Nº
VALIDADE DO CARTÃO

TOTAL DA COMPRA R$

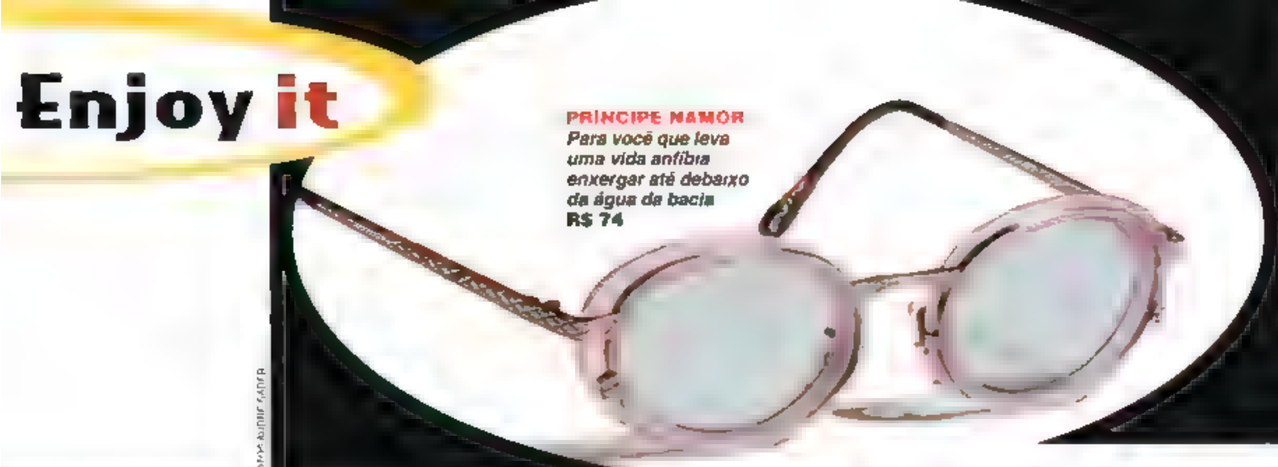
REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME
END
CEP CID EST

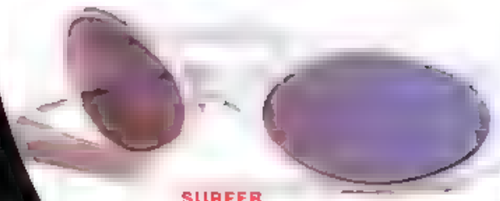
ENVIE O CUPOM ACIMA PARA STAMP
RUA HELIODORA, 321 - CEP 02022-051 - SÃO PAULO SP

Enjoy it

Quem não tem colírio...



PRÍNCIPE NAMOR
Para você que leva uma vida anfíbia enxergar até debaixo da água da bacia
R$ 74

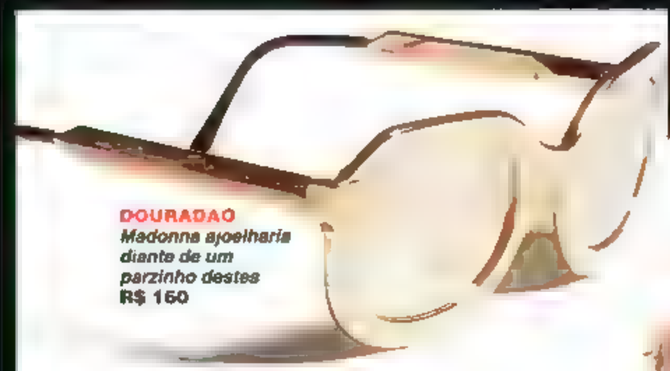


SURFER
Para entrar em qualquer onda e não dar bandeira
R$ 64

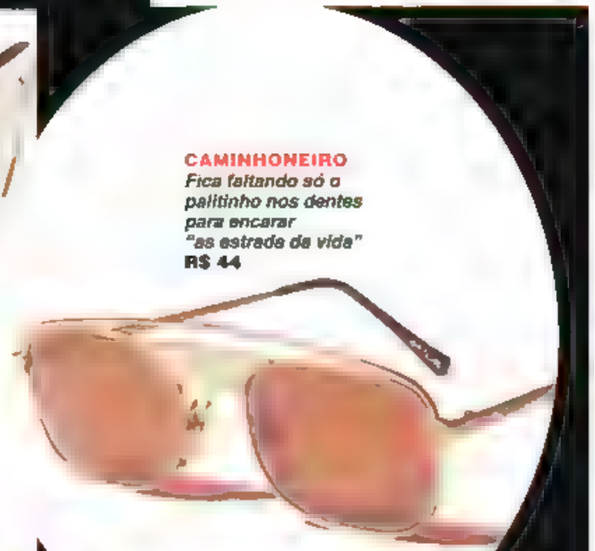
PAZ & AMOR
O clássico redondinho de John Lennon em versão chic
R$ 54

CAPRI C EST FINI
A versão mediterrânea e doce vita dos redondinhos hippies
R$ 74

JACKIE
A eterna primeira-dama lançou e Kurt Cobain usou e abusou do estilo deste aqui (só que em versões amarelo e branco)
R$ 46



DOURADAO
Madonna ajoelharia diante de um parzinho destes
R$ 160

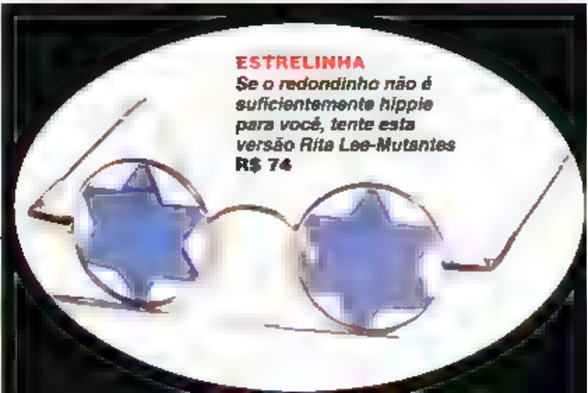


CAMINHONEIRO
Fica faltando só o palitinho nos dentes para encarar "as estrada da vida"
R$ 44

ONDE ACHAR
VENTURA *Show Room - Rua Bela Cintra,1845, São Paulo.*
Tel: (011) 883-7090, lojas nos Shoppings Iguatemi e São Paulo Market Place

MOSCA
Marca registrada de Bono Vox, aqui um pouquinho mais discreto
R$ 64

CYBER-BREGA
O preferido dos clubbers e dos modernetes em geral
R$ 74



ESTRELINHA
Se o redondinho não é suficientemente hippie para você, tente esta versão Rita Lee-Mutantes
R$ 74

INSPIRADO NO

TREM-BALA.

new balance

The Intelligent Choice

EVELSON DE FREITAS

Mick Jagger detonou Brian Jones legal

Tio Mick Jagger confirma: os Stones baixam por aqui em abril. O futuro depois disso são férias, merecidas férias. Sobre o passado, o cantor falou um bocado à revista *Rolling Stone*. Confira só os melhores momentos...

Confissões do tio Jagger

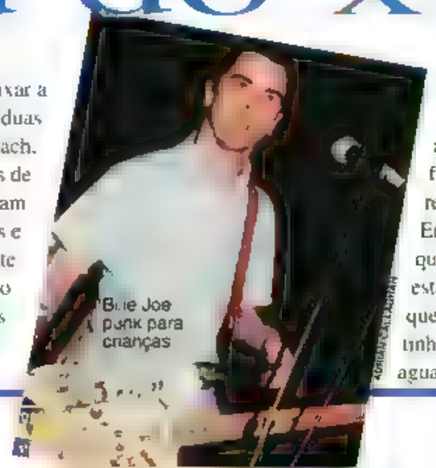
"A frase 'I cant get no Satisfaction' saiu de uma música de Chuck Berry. Era 'I can't get no satisfaction from the judge'. Mas foi só a frase."

"Brian Jones era uma pessoa difícil. Ele era muito infeliz, frustrado. Tinha talento, mas também tinha uma personalidade paranóica. Via os Stones como uma banda de blues, não topava nem Chuck Berry Queria ser o líder do grupo. Mas eu, como cantor, ganhava muita atenção. E então Keith começou a compor comigo. Brian não tinha o menor jeito para escrever música. Daí começou a faltar nos shows, chegar atrasado... Estava tocando mal, não conseguia nem segurar a guitarra. Fui eu quem o demitiu. Devíamos ter mandado o cara para uma clínica de desintoxicação, mas ninguém sabia muito sobre drogas. Achavam que cocaína fazia bem."

"Não gosto muito do que rola atualmente. Nunca fui louco pelo Nirvana - era raivoso demais -, mas gosto do Pearl Jam. Quer dizer, não gosto da lentidão."

xou do xuxo

O publico do Green Day e de deixar a Xuxa morrendo de inveja. Nas duas apresentações da banda em Palm Beach, na Flórida, centenas de moleques de dez anos, em media, marcaram presença. Com cabelos coloridinhos e tatuagens (que nao eram de chiclete não), a pirralhada tentou fazer tudo o que os punks mais crescidinhos fazem. Para completar a histeria infantil, o vocalista Billy Joe dizia exatamente o que os pestinhas queriam ouvir. Frases como "bebam álcool!", "aposto que vocês estão fumando marijuana" e "fuck you!", respondidas prontamente em coro. Enquanto a molecada pulava mais do que pipoca, do lado de fora do estacionamento, sem a menor noção do que se passava lá dentro, papais que tinham vindo buscar seus filhotes aguardavam. Fofíssimo. (Isabel Flores)



ADRIANA CALCANHOTTO

Mayte é a delícia que vai casar com Prince

A ♀ do ♂

Esta gostosura aí conseguiu encoleirar o Prince. O nome dela é Mayte e está roubando os shows do New Power Generation, a banda que acompanha o coisinha. Precisa dizer como? Sua performance sensualíssima abrange todos os tipos de remelexo e inclui até dança do ventre nas apresentações que promovem *Exodus*, primeiro disco solo da banda.

"Os Mamonas são muito experientes. O show que fazem é de veteranos, tem peso musical atrás das letras"

Gilberto Gil

parada cardíaca

LONDON FEATURES

Uma homenagem a Michael Jackson e a nove cantores cujos corações não aguentaram

1) **"Don't Stop Til You Get Enough"** - Michael Jackson
2) **"Heartbreak Hotel"** - Elvis Presley
3) **"The End"** - Jim Morrison (The Doors)
4) **"Breaking Up My Heart"** - Roy Orbison
5) **"Heart (I Hear You Beating)"** – Bobby Darin
6) **"Got My Mojo Working"** - Muddy Waters
7) **"That's Love"** - Billy Fury
8) **"Cold Heart"** - Hank Williams
9) **"Voice Of The Heart"** - Karen Carpenter
10) **"Without You"** - Nilsson

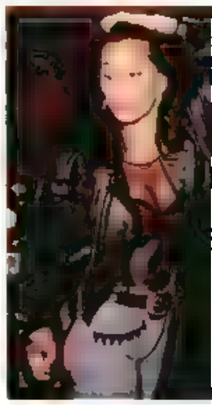
batidas do MICHA EUROPA ON LINE

por Michael Koellreutter

Olha a vulva' Cuidado com a vulva' .. Quem tem medo da vulva? .. Explodiu como uma bomba (erótica) em território britânico o novo álbum do Dubstar, a mais iluminada banda pop inglesa. As lojas se viram forradas com a ousadíssima capa: foto de um estojo de lápis aberto em forma de vagina. *Top-talk* com Sarah Blackwood, a loura (dilacerante, alicerante e glutenizante!) que lidera o grupo: "*Oh yes*, nosso símbolo parece uma vagina. A repercussão disso pode ser ainda mais engraçada. Acaba dando um novo single."

No momento, o grande *boom* na Europa é um afrodisíaco *cocktail* de pornografia. Olha a Cher em entrevista: "Odeio Madonna e [illegible] como [illegible]"

Não pára aí a grande *star* na noite de Londres continua sendo [illegible] Mick Hucknall, o ruivo do Simply Red. A festejada lésbica (?!) faz agora seu *debut* no night-club Venon, onde, todas as sextas, comanda noite feérica batizada de "L'Amour". *Pay attention*: ce e bridades dançam na pista, enquanto, no palco o pau (literalmente) come solto... Aliás, a onda techno & pornô já contagia a Europa.



Cher está com fome de carne nova

LONDON FEATURES

O morto Jim Morrison vai ser despejado

Aparição de [illegible] no Aquarius, club que lança nova fase na noite de Londres. Mochilinha de urso, cambaleante look debil mental

A França vai mover os restos mortais de [illegible] Morton do famoso cemitério de Pere Lachaise antes do ano 2001, quando se contarão 30 anos de sua morte. Vandalismo insuportável, drogas, xixi e muita pixação na tumba do líder do Doors.

Michael Jordan que se cuide. Toni Garrido está no garrafão... Derrubou, é lance livre. O cantor do Cidade Negra está tirando a maior chinfra de jogador de basquete. Toni foi perguntado sobre como mantém o corpinho quando sai de férias e arremessou: "Não saio de casa sem a minha bola de basquete. Gosto de treinar por aí, valeu?"

DESGRAÇA POUCA

É BOBAGEM

Uma das tendências mais fortes do hardcore é o *straight edge*. A coisa se traduz num estilo de vida sem drogas e sem álcool. Um tal de Ray Capo cantava numa banda *s.e.*, mas há alguns anos virou devoto de Krishna e formou o Shelter. Está lançando *Mantra* pela RoadRunner e vem tocar por aqui em abril. Falamos com ele pelo telefone diretamente de um hotel no Colorado, no meio da turnê americana. Ray estava triste.

Oi Ray, estou ligando do Brasil.
Ah, oi.
Vocês tocaram ontem à noite?
Sim, mas nós tivemos uns probl vindo prá cá... A estrada esta congelada, estamos no inverno, e sofremos um acidente de carro. Perdemos um show, ficamos presos em Seattle e tivemos que dirigir 36 horas pra chegar. Estou exausto.
Vocês estão tocando sozinhos?
Estamos em turnê com o Earth Crisis. Eles também tiveram um acidente de carro horrível.
Mas eles já estão bem?
Não, estão todos no hospital.
É verdade que você não mantém relações sexuais há 7 anos?
É.
Mas você tem uma namorada?
Sim.
E você não transa com ela?
Não.
Você vai se casar com ela?
Sim, mas sexo, só pra reprodução.
Boa sorte, Ray. Até abril.

Zenílton ligou pra Redação e deu ordem

A NAIBADA ORIGINAL

Zenílton, o sanfoneiro guru dos Raimundos, ligou pra Redação e avisou: "Ó, põe aí assim: Zenílton, o ídolo dos Raimundos, vai lançar em março seu novo disco *Forró Decente*, só com forró arretado. Na contracapa tem uma foto do Lampião. Esta revista que tá com tudo não pode deixar meu LP passar." Zenílton falou, tá falado.

não é a madonna!

Verônica aderiu ao look fatal

É Verônica Sabino, agora em look fatal e adicionando suingue de montão à salada MPBística de seu repertório. O novo disco Vênus só tem composições de mulheres - de Dona Ivone Lara a Adriana Calcanhoto. "Não é bandeira feminista", jura a cantora. "Só estou valorizando uma abordagem feminina, mais delicada".

Vênus leva samba, bossa-nova, forró e os temperos necessários. "Não quero me prender a gêneros nem tenho preconceitos; se vem com zabumba, sanfona que seja", diz Verônica, internacionalíssima. Chegada há pouco do Japão, sua próxima parada pode ser Portugal. "Tenho escutado fado direto. Penso em ouvir Björk, mas acabo na Amália Rodrigues." **(Jaime Biaggio)**

A edição de dezembro da revista *Q* foi a única no mundo inteiro a trazer uma entrevista com os três beatles sobreviventes. Nela, nem George Harrison nem Paul McCartney admitem a famigerada volta dos Beatles. Eles são os primeiros a reconhecer que seria uma tremenda farsa. Ringo chega a se referir aos Beatles como "eles". De veneno, a revista revela as tensões entre Paul e o produtor Jeff Lynne, amigo de George. Com o lançamento em fevereiro do volume dois de *Anthology* e da inédita "Real Love", deve rolar mais lero com os coroas.

SEM VOLTA

MIX

"Mas o Skank não faz mais sucesso que o Titãs?"

Nina, filha do titã Tony Bellotto

rock around the interNET

por Cláudia Grechi

É devagar, mas vai. Para surfar na rede no Brasil, a boa é ir direto ao Newsgroup Browser.

Em alt.exotic music, há informações sobre Cocteau Twins, música balinesa, Ofra Haza, gente pedindo ajuda para encontrar a "Garota de Ipanema" e até o anúncio de uma banda chamada Brasil 2001 - que se diz uma "mistura de Agent Orange com Samba de Notasó"

Ainda em Newsgroup Browser, Courtney Love está destrinchada. Dá pra saber como anda a briga da cantora com o grupo Bikini Hill, ler mensagens cristãs para que Courtney deixe de ser bagaça e até poemas pornôs dedicados a ela. Outro endereço curioso é o de Pamela Anderson. Lá rola uma imensa discussão sobre se a peituda é melhor do que a Winona Ryder (!?!?!) e dá pra folhear as páginas da *Playboy* em que a mulher de Tommy Lee, do Motley Crüe, saiu pelada.

Sobre Jimi Hendrix, vá direto no alt.fan.jimi-hendrix e ache um maluco- duffcool@eskimo.com - que se diz o único sujeito no mundo a ter informações sobre um certo filme psicodélico de 15 minutos do qual Hendrix participa.

Para os nerds de verdade, ainda há endereços dos adoradores da Wednesday, da Família Addams (onde você vai ficar sabendo como conseguir uma foto da atriz-mirim, Christina Ricci nua!), Quentin Tarantino e Barry Manilow.

LONDON FEATURES

Beastie Boys tocam a maior zona na Internet

Os Beastie Boys estão com tudo na rede. Via Netscape vá direto ao que interessa por http://www.nando.net?Beastie Boys/index2.html. Lá há informações sobre clips, aparições na TV, documentários, letras de músicas, artigos de revista e merchandising da grife X-Large e da revista *Grand Royal* (propriedade dos garotos).

Carnaval também é aqui. É o Internetinho: o endereço para correspondência do cantor baiano Netinho na Internet: neto2000@aol.com.

O NEGÓCIO É MULHER

No começo, bem no começo, eles até tentaram. Queriam ser uma banda séria. Daí o irmão mais novo Pepe Joe esculhambou com tudo: botou besteira onde não queriam e acabou sendo o vocalista. Os outros, relutantes, seguiram as idéias do caçula. [illegible] Os shows, os shows! Tá certo: no começo, eles deixavam o mulherio entrar de graça. Mas depois elas começaram a voltar. E pagar para entrar. O Maria do Relento não faz sozinho mela-cueca nem é Men At Work. Claro, são do Rio Grande do Sul. Terra de macho, embora tenha sido inaugurado em Porto Alegre, há pouco, o primeiro motel gay do Brasil. Então. E eles fazem mesmo é som de macho, tchê! E quem gosta de som de macho? Isso mesmo. Se não for bolacha e mulherzinha. Então tá dito, falado e explicado. (Jimi Joe)

Maria do Relento: muita bobagem e muita mulher

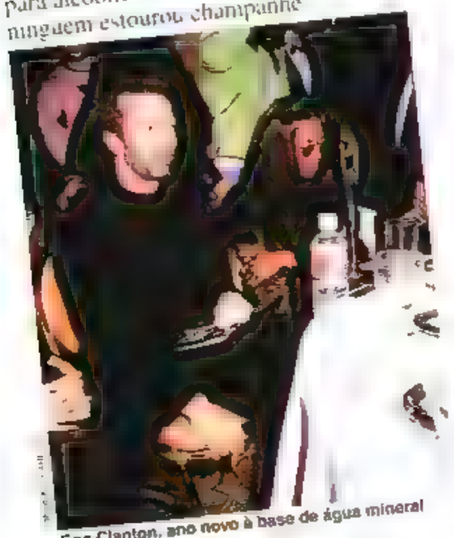
Fish volta a nadar em águas claras

SASHIMI PROGRESSIVO

Depois de se debater na lama da falência e do desemprego - foi dispensado por sua antiga gravadora -, o ex-vocalista do Marillion Fish volta a nadar em águas claras. Ele chegou a dever 750 mil dólares, mas se reergueu. Agora, com estúdio e selo próprios, Fish volta lançando dois discos de uma vez só: *Yin* e *Yang*. Com algumas regravaçõezinhas dos tempos de Marillion, que o mar não andou pra ele.

Alcoólico famoso

Eric Clapton passou o Ano Novo no A.A., tocando em um show beneficiente. O guitarrista, que entrou para a instituição em 88 e - dizem - tornou-se abstêmio desde então, já fez cinco apresentações de graça para os colegas de luta contra o copo. O show rolou em um pequeno auditório em Surrey, na Inglaterra, e foi fechado - só para alcoólicos anônimos. Detalhe: ninguém estourou champanhe.



Eric Clapton, ano novo à base de água mineral

SACOLEIRO EM MIAMI

O roteiro das melhores lojas de discos para você fazer a mala

Uncle Sam's Music Cafe
1141, Washington Ave/South Beach
Boa para rock, pop e dance. Qualquer CD custa US$ 7.99

Yesterday & Today
1614, Alton Road/South Beach
Dance e disco dos anos 70. O CD sai em media a US$ 8.

Revolution Records & CDs
1620 A, Alton Road/South Beach
Raridades e clássicos do rock a partir de US$ 3.45

Power Records
1549, Washington Ave./ South Beach
Especialmente boa para quem procura música latina. Os preços também são cucaracha, de US$ 3,98 a US$ 7,99.

CD Solution
13150, Biscayne Boulevard/North Miami
Só tem CDs usados de todos os estilos

Spec's Music
501, Collins Ave./ South Beach
Pop, dance, metal. É a Tower Records de Miami, lá se encontra de tudo

Peaches
1390, NE 163 rd Street/North Miami
Outra grandona, mas com os preços um pouco melhores

MELISSA bico largo

Pense em Bruce Springsteen de batom e cabeleira loura. Melissa Etheridge é quase isso. Até o número do sapato é o mesmo: há três anos, ela tascou um corajoso "Yes, I am" numa capa de disco, escancarando que calça 44 bico largo. Agora, lançando *Your Little Secret*, ela garante que a botina nunca lhe apertou o pé, nem machucou os calos dos pais: "Eles sabem de tudo desde os meus 17 anos e nunca criaram o menor caso." E não fica dando detalhes sobre o assunto. "Não tenho mais segredos, mas nem por isso vou abrir a porta do meu quarto para espiarem lá dentro." Brasil? Melissa só ouve falar daqui de vez em quando, nos noticiários — "só aparece quando é desgraça" — e pensa que o Rio é aquela festa que nunca acaba. Também quer estender a atual turnê ao Brasil, sem medo de ser considerada "americana demais" como o velho Bruce. "Fazer o quê? É verdade", explica a entendida, cuja experiência de tirar letras do diário íntimo vem dando o que falar. "Parece que quanto mais pessoal eu fico, mais gente eu alcanço." Nos Estados Unidos, Melissa está em todas as paradas: Rock Adulto, Rock Contemporâneo, Rock Alternativo, Rocky Marciano... O que ela acha disso? "Ser lá. Pra mim, é tudo rock'n'roll". (Jaime Biaggio)

Michael Stipe anda esquecidão

FOSFOSOL NELE

Michael Stipe esqueceu as próprias letras tantas vezes durante a turnê *Monster*, que os companheiros do grupo acabaram fazendo uma vaquinha para lhe dar um songbook R.E.M.

"Já fui como a Vera Fischer. Sou dependente químico."

Renato Russo

APRENDA MÚSICA EM CASA COM OS MAIORES FERAS !

APRENDA A TOCAR O INSTRUMENTO QUE VOCÊ MAIS CURTE TENDO COMO PROFESSORES OS MAIORES FERAS DO BRASIL, COMO: KIKO LOUREIRO, CELSO PIXINGA, FAISKA, DUDA NEVES, VERA FIGUEIREDO E MUITOS OUTROS - COM AS VÍDEO-AULAS DA MPO!

GAITA BLUES, ROCK, COUNTRY

CÓD. 0554

VIOLÃO PARA INICIANTES

CÓD. 0501

CAVACO-DO CHORO AO PAGODE

CÓD. 0571

TÉCNICA VOCAL PARA INICIANTES

CÓD. 0558

HARMONIA E IMPROVISAÇÃO

CÓD. 0538

O PIANO E O BLUES

CÓD. 0537

TECLADO PARA INICIANTES

CÓD. 0535

BATERIA TOTAL

CÓD. 0525

SLAP MANIA

CÓD. 0520

CONTRABAIXO PARA INICIANTES

CÓD. 0519

QUALQUER FITA
★ R$ 39,00 ★

GUITARRA PARA INICIANTES

CÓD. 0507

GUITARRA ROCK

CÓD. 0517

HOT LINES

CÓD. 0508

BATERIA PARA INICIANTES

CÓD. 0545

RITMOS CARIBENHOS

CÓD. 0549

MPO VIDEO

FONE:(011) 263-4623
FAX:(011) 62-7608

DISPOMOS DE MAIS DE 100 TÍTULOS DE MÚSICA, INFORMÁTICA, FOTOGRAFIA, ETC. PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS!

SIM, desejo receber em minha residência as seguintes fitas de vídeo (incluso taxa de remessa)

Nome ou Código	Qtde.	Preço Unit. R$	Total R$
		TOTAL	

FORMA DE PAGAMENTO:

- ☐ Cheque anexo em nome de MPO VIDEO IMP.& EXP. LTDA, Rua Urbanizadora 140,Sumaré - São Paulo - S.P. CEP: 01252 - 040
- ☐ Depósito em conta corrente MPO VIDEO , banco BRADESCO , ag. 0498-7 - C/C 54234-2 Envie comprovante junto com o cupom.
- ☐ Cartão de Crédito:_____ nº:_____ Val.:__/__/__
- Assinatura igual ao cartão:_____

NOME:_____

ENDEREÇO:_____ Nº:_____

COMPL:_____ BAIRRO:_____ CEP:_____

CIDADE:_____ EST:_____ TEL:_____

CIC:_____ RG:_____

O NOVO MUNDO LIVRE

Fred 04 conta o que a banda mais elogiada do Brasil está aprontando para o seu segundo disco

04 vai manter o cavaco

"A gente fez uma fita aqui em Recife mesmo. No total, já temos 18 músicas prontas. A peneira vai ser feita em São Paulo, com o pessoal do selo Excelente. Começamos a gravar no dia 25 de janeiro no estúdio Be Bop e ficamos lá até o Carnaval, num esquema igual ao dos Titãs, com uma produção sofisticada.

Este segundo disco, que ainda não tem nome, é consequência do primeiro, *Samba Esquema Noise*. A gente quer insistir nesse conceito - que não chegou ao grande público. **A diferença é que o som estará bem mais pesado, estamos substituindo os arranjos de teclado por guitarras, vai ter várias guitarras.** A grande bronca do primeiro disco é que quase não teve divulgação e distribuição, culpa da Warner. Com a Polygram vai ser diferente, a distribuição deles é bem melhor e tem o single que vai ser lançado antes do disco, o que já é uma boa divulgação. Provavelmente rolarão participações do pessoal do Pato Fu, dos Raimundos e do Chico Science - também devo participar do disco do Chico tocando cavaquinho. Pelo menos é o que eu espero! Tudo depende do acaso."

BOFES NA FERVEÇÃO

David Bowie terminou sua turnê com o Nine Inch Nails dando uma festinha em Los Angeles. O tema do babado era paganismo e a banda de homocore Extra Fancy animou os convidados: entre eles, Johnny Rotten, Iggy Pop e Brad Pitt. Ah, sim, na Inglaterra, Bowie agora canta "Under Pressure", sucesso que teve com o Queen em 81.

Bowie encerrou a turnê com festa e muita boiolice

filhote de Rush

O guitarrista Alex Lifeson, do Rush, resolveu botar as manguinhas de fora. Juntou mulher e filho (respectivamente, Charlene e Adrian, de 18 anos), o baixista Les Claypool, do Primus (supertieste do Rush), o cantor Edwin, do grupo I Mother Earth, e uma turma de músicos para gravar um disco sob o nome de Victor. Esta foi a primeira vez que Alex traiu Geddy Lee e Neil Peart e fez algo fora de Rush.

Alex Lifeson rompe os limites do Rush e lança *Victor*, seu primeiro projeto paralelo

"Quando eu morrer, vocês poderiam fuçar nos meu cassetes também?"

George Harrison, comentando sobre a fita de John Lennon que deu origem a "Free As A Bird"

+Bizzes

MIRIAM FICHTNER

A banda campeã Frei Bode com a galera do FestValda

DEU BODE NO FESTVALDA

O rock nacional está mesmo vivinho da silva. E a finalíssima do 4º FestValda, realizada no Parque Garota de Ipanema, no Rio de Janeiro, foi mais um exemplo disso. A etapa carioca do festival – que já passou por Porto Alegre, São Paulo e Minas Gerais – totalizou cerca de mil músicas inscritas. Só no Rio, o evento teve 60 finalistas. Astrid Fontenelle, da MTV, foi a mestre de cerimônias do evento, que deu à banda Frei Bode os primeiros lugares nas categorias *Cover* e Inédita. O prêmio? A gravação em DAT (digital audio tape), CD master e clip das músicas "Avião" (cover de Djavan) e "Festa Utópica" (inédita). A banda A Outra Banda da Maçã ("Garotas Que Pedem Help") ficou em segundo lugar e Ocidente ("João Brasil") foi o terceiro colocado. (Gilberto De Abreu)

Você vai ouvir falar de Motorcycle Mama

O melhor é que eles são completamente perturbados. A galera do Motorcycle Mama teve a cara-de-pau de soltar uma demo chamada *Aberrações Do Sexo Alucinante*. E o pior é que é divertido. Eles dizem que o som tem pinta de Neil Young com Motorhead, The Cramps e o diabo. Mas está mais para o diabo com sotaque caipira (de Ribeirão Preto) e todas as características do velho e bom rock de garagem.

vai rolar...

FERNANDA ABREU
27/01 - Ubatuba (São Paulo)
1/02 - Búzios (Rio de Janeiro)
12/02 - Atlântida (Rio Grande do Sul)

SKANK
26/01 - Maceió
27/01 - Fortaleza
28/01 - Aracajú

OLHA O MOLE, SANTA!

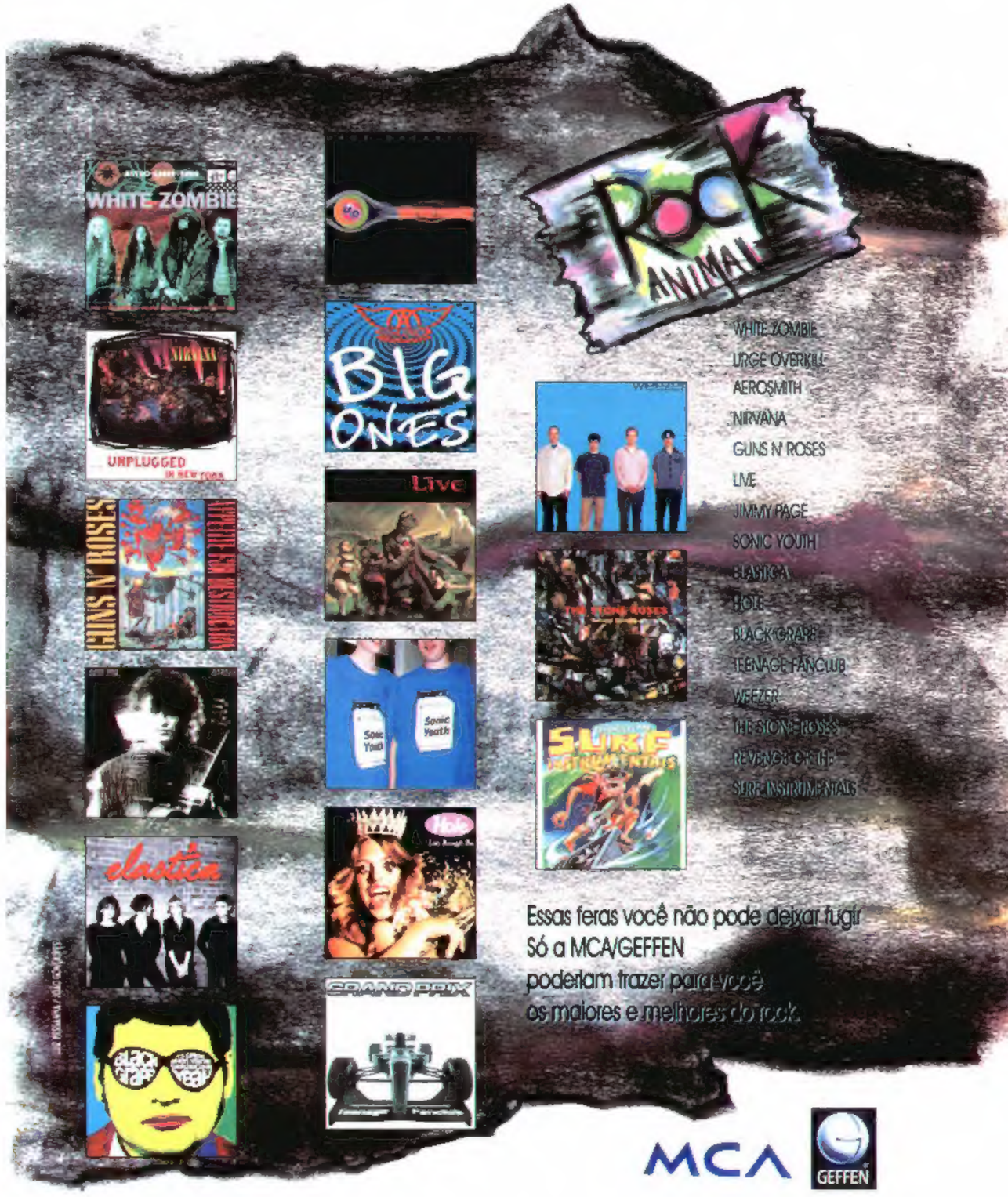
Boy George está encantado pelo *green day* Billie Joe: "Ai, ele é tão doce e tem olhos adoráveis...", diz a moça. E vai mais longe: "Ele provavelmente me odeia, mas eu não me importo. A rejeição dele só vai me deixar ainda mais ligado." Aí a coisa fica quente: "As vezes eu posso até encontrar uma pessoa que não é fisicamente atraente, mas se for um bom músico, como o caso de Billie, tenho até uma ereção."

ERIA SOUSA

Boy George quer traçar Green Day

notas

• A partir de fevereiro, **FLEA**, do Red Hot Chili Peppers, dá uma de ator e filma *Whiskey Down*, em Nova York.
• **PRINCE** está estocando álbuns até o século 21. Vai lançar o esperado *Gold LP*, já terminou *Emancipation* e gravou canções para o último filme de Spike Lee, *Girl 6*.
• Cris e Curt Kirkwood, do grupo americano **MEAT PUPPETS** (de quem o Nirvana gravou duas músicas em seu *Unplugged*), contrataram uma *roadie* acima de qualquer suspeita: Vera, 58 anos, mãe deles.
▪ **EVAN DANDO**, a cabeça-de-limão chefe, grava enfim seu primeiro disco solo.
• Primeiro foi o U2, agora é **ELVIS COSTELLO** quem caiu na rede de Brian Eno. Eles vão gravar juntos uma faixa para a trilha do seriado de TV *Arquivo X*.
▪ Shannon Hoon morreu, mas o **BLIND MELON** continua vivo. Mesmo sem um novo cantor, a banda já está trabalhando no próximo disco.
▪ Isto é incrível: a autobiografia de **MARIANNE FAITHFULL** vai virar filme. E quem vai fazer o papel da ex-Mick Jagger é Michelle Pfeiffer.
• Da série ricos e famosos: Steve Harris, do **IRON MAIDEN** construiu o seu próprio campo de futebol (com medidas oficiais) e, é claro, com um pub ao lado. O bar leva o nome de The Cart And Horses, o primeiro lugar onde o Maiden tocou.



"Trata-se de um álbum importante não apenas na carreira de Gilberto Gil, mas na própria história da Música Popular Brasileira. Expresso 2222 consegue fundir a brasilidade, o rock e o pop num único álbum"
(Roberto Frejat, Barão Vermelho)

ANA BLANCO / AGÊNCIA O GLOBO

EXPRESSO 2222

Gilberto Gil

Quando começou a circular o *Expresso 2222*, em 72, a luz no fim do túnel era a locomotiva da ditadura vindo em sentido contrário. Como Caetano, Gilberto Gil voltava de um exílio de dois anos em Londres, após uma prisão arbitrária e recomeçava a carreira a todo vapor unindo as duas pontas básicas do ideário tropicalista. De um lado, o regionalismo fundador da tosca & revolucionária Banda De Pífanos De Caruaru ("Pipoca Moderna"). De outro, uma canção do exílio universalista, "Back In Bahia", que ao invés de palmeiras e sabiás, planta Celly Campelo e um velho baú de prata.

De volta ao Brasil após dois anos de exílio, o compositor baiano prenunciava as misturas rítmicas que hoje dominam a MPB

Entre os extremos dessa arqueologia há espaço para o nordeste agreste de João do Vale (mais Ayres Viana e Alventino Cavalcanti), turbinado por guitarras em "O Canto Da Ema" e a parábola da contaminação cultural, do repertório de Jackson do Pandeiro, "Chiclete Com Banana". A que fala em samba/rock antes de Lobão nascer e mistura Miami com Copacabana, quando a era Collor ainda era um brilho fugidio nos olhos psicopatas de seus genitores. Com anos-luz de antecedência, o forró-core, o mangue-bit já pulsavam nos hormônios *freventes* da sucinta "Sai Do Sereno" (Onildo Almeida), em duo com Gal Costa, edificada numa única estrofe poética.

Antes da trilogia *Re* do autor (o ruralista/macrô *Refazenda*, o funkiado *Refavela* e o pop *Realce*), este *Expresso* para depois do ano 2000 já falava em estrada do tempo pré-infovias de Bill Gates. A clássica faixa-título foi repaginada no recente *Acústico* de Gil com uma acentuação de sua pisada de xaxado implícita na versão original. O disco de 72 também faz um inventário ideológico da geração do desbunde com palavras de ordem como "O Sonho Acabou". Ao mote de John Lennon, Gil acrescenta pitadas tropicalistas ("dissolvendo a pílula de vida do Dr. Ross/na barriga de Maria") e um atestado de que os caretas perderam o bonde da história. "Quem não dormiu no sleeping bag/nem sequer sonhou/e foi pesado o sono pra quem não sonhou."

Além de uma distinção de perfis com o xifópago estético Caetano em "Ele E Eu" ("Ele vive calmo/e na hora do Porto Da Barra/fica elétrico"), Gil manda o editorial do disco obra-prima em "Oriente". "Se oriente rapaz/pela constatação de que a aranha/vive do que tece/ vê se não se esquece." De tão sólida, a teia do *Expresso 2222* sobreviveu ao vírus do tempo.

Tárik de Souza

Performance

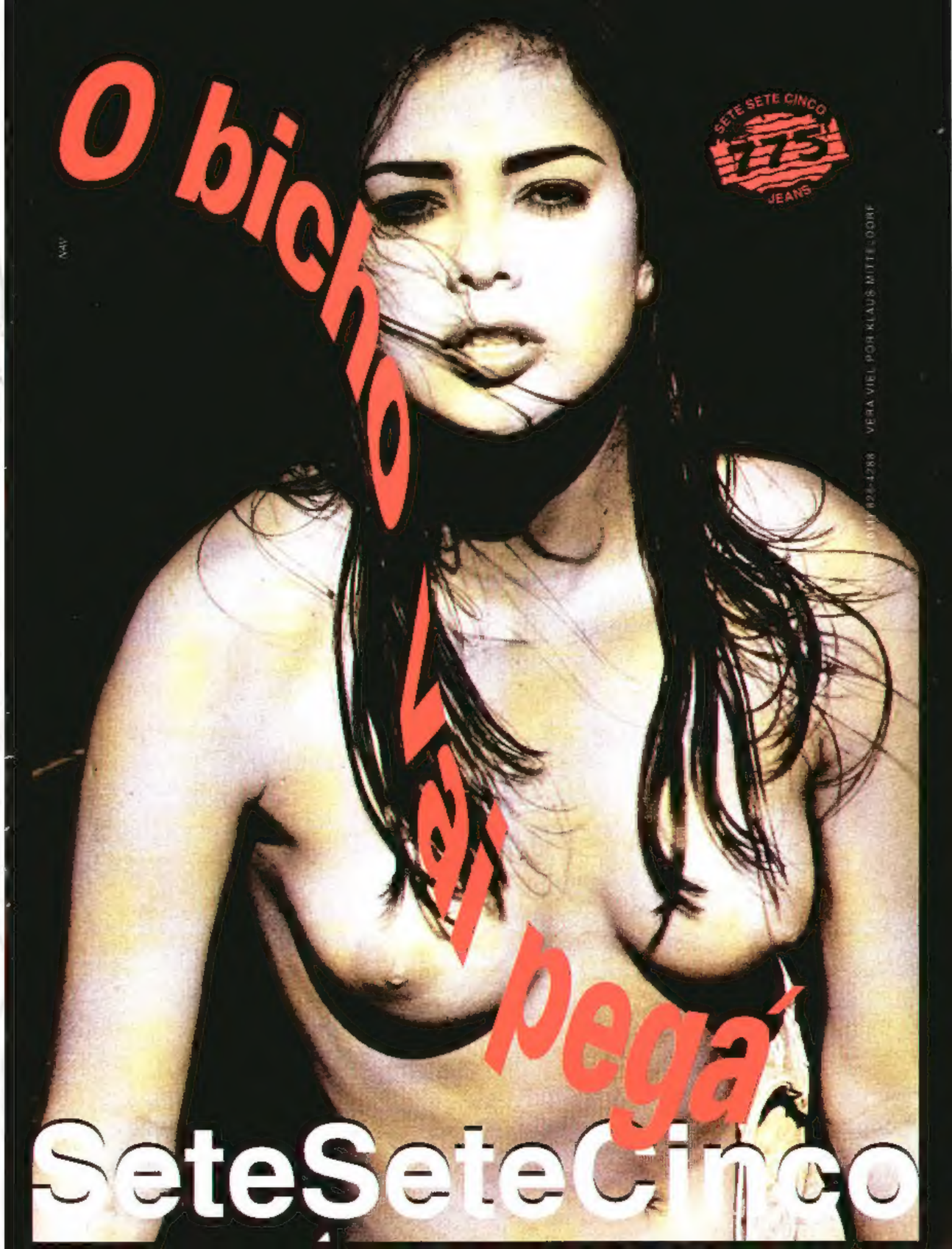
Lançamento: 72

Produção: Guilherme Araújo (direção), Roberto Menescal (coordenação), Gilberto Gil (direção musical).

Faixas: "Pipoca Moderna"• "Back In Bahia"• "O Canto Da Ema"• "Chiclete Com Banana"• "Ele E Eu"• "Sai Do Sereno"• "Expresso 2222"• "O Sonho Acabou"• "Oriente".

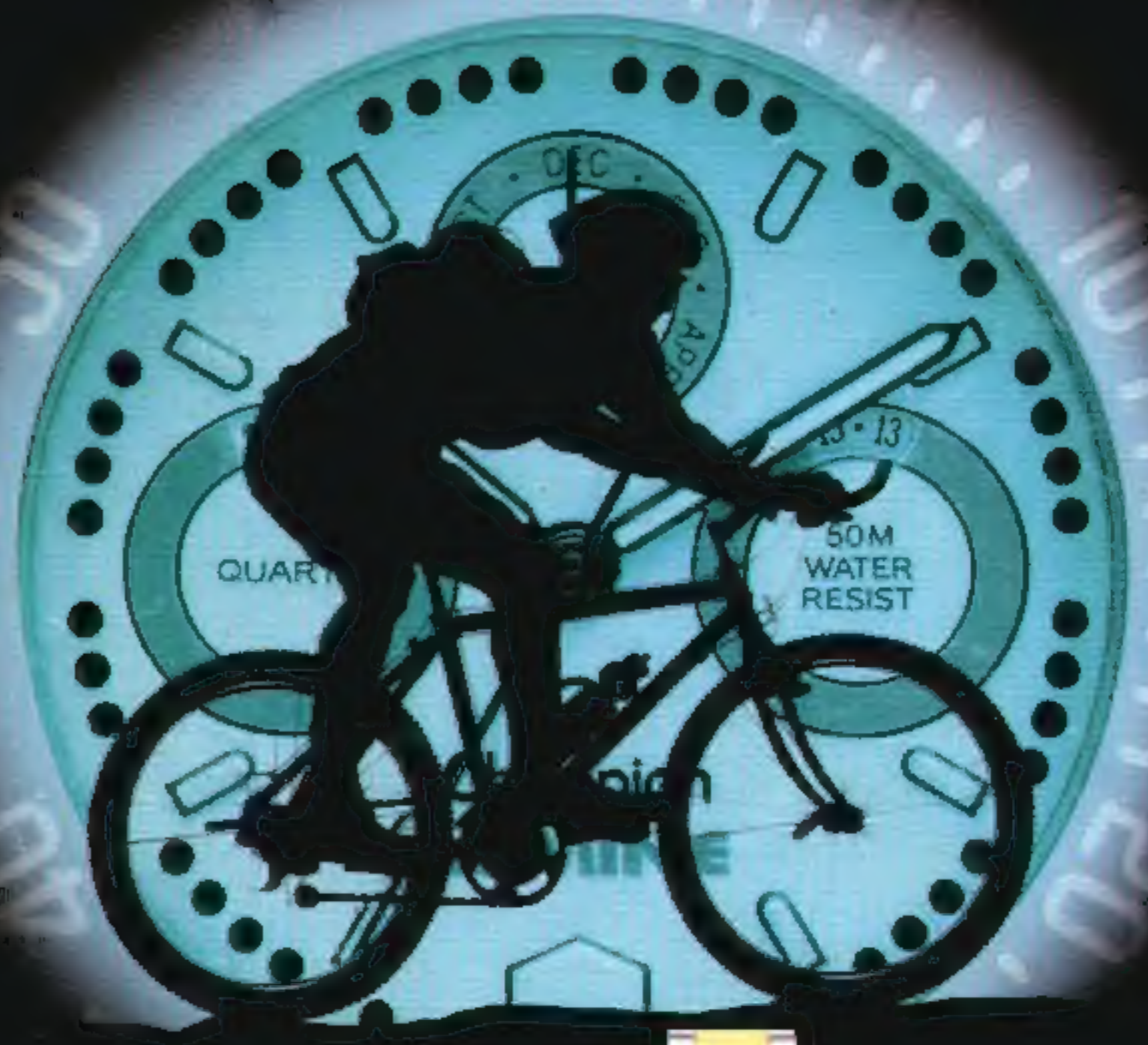
Considerado o maior de seu instrumento na era tropicalista, Lanny Gordin toca guitarra no disco. O quarteto básico da gravação é completado pelo baixista americano imigrado Bruce Henry, por Antonio Perna no piano (e celesta na faixa "Ele E Eu") e Tuti Moreno na bateria (e eventual percussão).

Além da percussão na faixa-título, Gilberto Gil, que tinha aperfeiçoado sua técnica no exílio, assina o violão nesta faixa e em "O Sonho Acabou" e "Oriente".



Champion
LUMINE

"Há algo de novo na noite."



50 M à prova d'água

Visor que se ilumina sozinho no escuro, ou acionado por botão

1 ano de garantia

Cronômetro e alarme, várias cores em pulseiras exclusivas

Acompanha uma embalagem exclusiva e um chaveiro lanterna

Mais uma idéia brilhante by Champion.